

Joelcio Fernandes Pinto

**REPRESENTAÇÕES DE ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA
NA DITADURA MILITAR: uma leitura a partir da
revista de história em quadrinhos Dedinho
(1969-1974)**



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Mestrado em Educação

Belo Horizonte, 2003

Joelcio Fernandes Pinto

**REPRESENTAÇÕES DE ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA
NA DITADURA MILITAR: uma leitura a partir da
revista de história em quadrinhos Dedinho
(1969-1974)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação “Conhecimento e inclusão social” da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: história cultural e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Co-orientador: Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho

Belo Horizonte, dezembro de 2003

**REPRESENTAÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NA DITADURA
MILITAR: UMA LEITURA A PARTIR DA REVISTA DE HISTÓRIA EM
QUADRINHO DEDINHO (1969 A 1974)**

Joelcio Fernandes Pinto

Dissertação defendida em 05 de dezembro de 2003, sendo a Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (UFMG; Orientador)

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG; Co-orientador)

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFPr)

Profa. Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa (UFMG)

Profa. Dra. Thaís Nívea de Lima e Fonseca (UFMG; suplente)

HOMENAGEM

À minha esposa Martha, uma luz que em seus poucos anos de vida,
soube com amor ser companheira, mulher e mãe.
A você dedico este meu sonho,
de você desejo sua eterna companhia.

À Fernanda, Ana Laura, Joêmia, Joel, Dilma,
Joelma e Beto, pessoas que afetuosamente
compreenderam minhas faltas e
que serão sempre referências
de amor e aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa não se faz sozinho, existem vários co-autores e colaboradores, sem os quais a investigação seria mais árdua e a qualidade do resultado menos significativa. Sintam-se todos engrandecidos pela ajuda que ofereceram a esta pesquisa. Assim agradeço:

especialmente, ao Tatá, um orientador que consegue como poucos combinar seriedade, conhecimento e afetividade, construindo em seu mundo de trabalho um mundo de amigos. Foi motivo de muito orgulho ser o seu primeiro orientando. A você toda minha admiração e respeito;

ao Luciano Mendes de Faria Filho (primeiro orientador), pela sua grandiosidade em revelar com simplicidade caminhos interessantes de crescimento intelectual;

à professora Eustáquia Salvadora de Sousa, parecerista do projeto deste trabalho, que contribuiu com significativas considerações para esta investigação;

ao professor Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, membro da banca avaliadora desta dissertação pela leitura criteriosa que resultou em importantes observações e contribuições.

ao colega Guilherme Carvalho Franco da Silveira, profissional que com maestria soube materializar grandes projetos profissionais, inspirando a busca constante pelo conhecimento;

à Roberto Jenkins de Lemos, autor de vários impressos aqui investigados, pela disponibilidade e confiança com que me recebeu, compartilhando memórias que enriqueceram a discussão do tema;

às bibliotecárias do Ministério dos Esportes, Aline Lima Matos, Erica Neerys Oliveira Santos e Eliany Magda Vieira Moura, que gentilmente se dispuseram a procurar os documentos por mim solicitados;

ao professor Mário Cantarino Filho, que dedicadamente se dispôs a procurar importantes fontes impressas em sua rica biblioteca particular;

à Rosemary, Gláucia e Adriana, secretárias do Programa de Pós-graduação Conhecimento e inclusão social em Educação da FaE, pela seriedade, organização, presteza e simpatia com que sempre trabalharam.

aos colegas do GEPHE (Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação), que na realização de vários encontros de discussão, colaborou para a consolidação do caminho aqui percorrido;

e ao povo de Belo Horizonte, que por intermédio da PBH, financiou minha licença profissional, possibilitando a realização deste trabalho.

Sumário

Apresentação.....	1
Introdução	8

Capítulo 1

PRODUZINDO NECESSIDADES, CONCRETIZANDO UM PLANO: UMA POLÍTICA NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESPORTO

1.1	Um diagnóstico da educação física e do desporto no Brasil	11
1.2	Um novo Departamento para a Educação Física e o Desporto.....	19
1.3	Plano Nacional de Educação Física e Desporto: diretrizes e programas	25
1.4	Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural: agentes, objetivos e produção .	38

Capítulo 2

HISTÓRIA EM QUADRINHOS DEDINHO: RE-PRODUZINDO E CIRCULANDO REPRESENTAÇÕES DO O ESPORTE NA ESCOLA.

2.1	Histórias em quadrinhos e sociedade: um debate acirrado	60
2.2	Abaixo a monocultura do futebol: autores, produção e objetivos.....	65
2.3	A construção de sentidos por meio das formas	
2.3.1	Formato e Tiragem.....	69
2.3.2	Distribuição e Circulação	71
2.3.3	As Capas da <i>RHQs Dedinho</i>	74
2.3.4	Informações técnicas dos esportes	80

Capítulo 3

“DEDINHO E SUA TURMA EM...”:

CONTANDO HISTÓRIAS, (RE)PRODUZINDO REPRESENTAÇÕES

3.1 Personagens 85

3.2 Representações e histórias 88

Considerações finais 123

Referências Bibliográficas..... 133

Anexo

Entrevista com Roberto Jenkins de Lemos 138

RESUMO

PINTO, Joelcio Fernandes. *Representações de educação física e esporte na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de histórias em quadrinhos Dedinho* (1969 a 1974). Belo Horizonte, 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

O propósito deste trabalho foi o de investigar a intervenção do Governo Federal, por meio do Departamento de Educação Física e Desportos (DED) do MEC, nesses dois setores, no período de 1969 a 1974, quando o País estava sob ditadura militar. O DED elaborou, em 1971, o primeiro *Plano de Educação Física e Desporto* (PED), que englobou um *Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural* (PIDIC). Uma de suas ações foi a realização da *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED), cujo objetivo era o de criar e desenvolver uma “mentalidade desportiva no País”, produzindo o esporte como prática saudável, disciplinadora, ancorada em princípios de “ordem” e de “progresso”. Para a CNED foram elaborados e distribuídos diferentes impressos (*Cadernos Técnicos*, *Cadernos Didáticos*, *Trifólios*, *Jornal Podium*, *Revista de Histórias em Quadrinhos Dedinho*, *Pôsteres*, dentre outros), destinados a públicos distintos, como professores de Educação Física, crianças, “donas de casa” e trabalhadores, que fizeram circular representações múltiplas de esporte: “esporte é saúde”; “esporte é educação”; “esporte é progresso”; “esporte é vida”. Também os meios de comunicação (TV, rádio, cinema) foram mobilizados para divulgar e legitimar tais representações.

Destacando um desses impressos, analisou-se a *Revista de Histórias em Quadrinhos Dedinho* (RHQ Dedinho), por ser destinada às crianças, com distribuição gratuita em escolas, sob orientação dos professores de Educação Física. Publicada e distribuída nacionalmente, de 1971 a 1978, essa revista foi tomada como objeto de investigação, pois suas peculiares características indicam uma intenção de atingir o público infantil, fazendo circular no âmbito escolar representações de esporte presentes no ideário oficial, constituindo uma tentativa de conformar e prescrever práticas pedagógicas. Analisando sua materialidade (formato, tiragem, capas, distribuição, intenções, histórias, dentre outros), pode-se afirmar que os autores elegeram a *RHQ Dedinho* como um dos principais impressos da CNED, disseminando conteúdos, procedimentos didáticos e valores pretendidos para o esporte e a Educação Física.

No período estudado, a intervenção do DED/MEC, com seu Plano de Educação Física e Desportos de 1971, potencializou dois movimentos articulados entre si: o de esportivização da sociedade e o de escolarização do esporte (que repercute na esportivização da Educação Física).

ABSTRACT

PINTO, Joelcio Fernandes. *Representations of the physical education and sport in brasilian military dictatorship: a reading of the comics Dedinho (1969 a 1974)*. PhD. Dissertation – Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte, 2003.

The main goal of this research had the purpose of investigating the intervention of Federal Government, through the Department of Physical Education and Sports (DED) of the Ministry of Education and Culture, and these two sectors, from 1969 up to 1974 while the country was under military dictatorship. In 1971, DED established the first Plan of Physical Education and Sports (PED) which comprised a program of cultural diffusion exchange (PIDIC). One of its actions was the National campaign of Sports Understanding (CNED), whose objective was to create and develop “Sporting consciousness in the country”, promoting sports as healthy and disciplinary practice anchored by the principles of “order and progress”. To CNED a great deal of stationary was produced and distributed such as: Technical and didactic brochures, folders, Podium newspaper, Dedinho comics, posters, among others, directed to diverse audiences like Physical Education teachers, children, housewives and the working class, generating multiple representations of sports such as “sport as health”, “sport is education”, “sport is progress”, “sport is life”. The means of communication (TV, radio, movies) were mobilized to spread and legitimate such representations.

This research focused on the analysis of Dedinho comics for it was destined to children with free distribution in nationwide schools from 1971 to 1978 under the supervision of Physical Education teachers. This comic magazine was taken as our object of investigation due to its peculiar characteristics which indicate an intention of reaching the infantile audience. As a consequence of this distribution the magazine could bring out in the school life a representation of idealistic sports practice presented in the official system, making an attempt to reinforce and validate pedagogical practices. Analyzing its format, content, distribution, covers, among other important items. We can assure that the authors elected Dedinho comics as one of the main outcome of CNED spreading contents, didactic, procedures and values desired for sport and Physical Education. Within the researched period, the intervention of DED/MEC with its Plan of Physical Education and Sports, potentialized two articulated movements: the insertion of sport in the society besides making it part of the educational system that ends up in transforming Physical Education into sports practice.

Apresentação

Convicto da urgência de se “criar e desenvolver uma mentalidade favorável à Educação Física para produzir uma mentalidade desportiva”,¹ o Governo Federal, por intermédio do MEC, desencadeou, no final da década de 60 e início da de 70, um conjunto de ações com o propósito de disseminar a prática de esportes no Brasil. A escola foi tomada como instituição central e, para tanto, nela seria empenhada “uma nova bandeira, qual seja a de integrar a Educação Física Desportiva e Recreativa à Educação...”². Essas ações envolveram diferentes órgãos e agentes dos Governos Federal, Estaduais e Municipais, além do Poder Legislativo, e ainda as escolas superiores de Educação Física. Uma das primeiras medidas tomadas foi a constituição de um grupo de trabalho para estudar e propor medidas para a expansão da Educação Física e do Desporto no País (Portaria Ministerial n. 94-A, de 28/2/69). O resultado foi a produção do documento *Diagnóstico da Educação Física/Desportos no Brasil*. Entre suas conclusões estava a formulação de uma política escolar para o esporte.

Com este trabalho pretende-se investigar a política de educação física e desporto do Governo Federal, então sob domínio militar, no período de 1969 a 1974, procurando analisar as representações³ de esporte e de Educação Física por ela produzida. Para tanto, constituíram fonte privilegiada os documentos elaborados e postos em circulação nesse período, principalmente os impressos e especificamente a

¹ Cf. PED – Plano de Educação Física e Desporto do MEC (1971)

² Cf. PED, 1971.

³ Sobre representação, tomei como referência as três modalidades de relação propostas por Roger Chartier (1990): as variadas formas de ver o mundo, as práticas que promovem uma identidade social, e as formas institucionalizadas que visam marcar a existência do grupo, da comunidade e ou da classe. Para a “análise do trabalho de representação”, Roger Chartier propõe que se identifiquem “as classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou espaço”(cf. CHARTIER, 1990, p. 27)

Revista de Histórias em Quadrinhos Dedinho, publicada e distribuída nacionalmente, de 1971 a 1978, pelo Departamento de Educação Física e Desporto (DED) do MEC. Essa revista foi tomada neste estudo como objeto central de investigação, e vários são os motivos: seu público-alvo constituía-se de crianças de 7 anos até adolescentes de 14 anos; sua distribuição foi realizada em escolas, nas aulas de Educação Física, sob a orientação do professor da área; foi produzida e distribuída uma grande quantidade de exemplares (9 milhões); sua característica consistia em combinar imagens e diálogos, compondo textos de peculiar assimilação. Esses aspectos são indicadores da intenção do DED/MEC de fazer circular no âmbito escolar as representações de esporte por ele defendida e legitimadas, e o uso dessa revista configura uma tentativa de conformar práticas pedagógicas.

A investigação circunscreve-se ao período de 1969 a 1974, em decorrência do amplo processo de intervenção do Governo Federal nos aspectos estruturais e pedagógicos da Educação Física e do esporte. Como já salientado, em 1969 foi criado um grupo de trabalho para realizar um diagnóstico nacional da situação desses dois setores. Em suas conclusões indicou a necessidade de reestruturação de departamentos e de elaboração de um plano nacional de desenvolvimento da Educação Física e do esporte. A partir desse diagnóstico, o então Departamento de Educação Física e Desporto (DED) elaborou o *Plano de Educação Física e Desportos* (PED – 1971 a 1974), que previa, dentre outras ações, a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED), realizada a partir de 1971, da qual a *Revista de História em Quadrinhos Dedinho*⁴ foi um dispositivo mobilizado, com maciça distribuição em escolas.

⁴ Com o propósito de tornar a leitura mais agradável, farei, a partir deste momento, referência à *Revista de História em Quadrinhos Dedinho* apenas como *RHQ Dedinho*.

Foram consultados também outros suportes e materiais produzidos pela CNED, como: vídeos, pôsteres, frases veiculadas em rádios e impressos distribuídos aos professores (cadernos técnicos, cadernos táticos, jornais, entre outros); e ordenamentos legais produzidos no período para sustentar essa política. Realizaram-se duas entrevistas com o principal responsável pela elaboração da campanha e da *RHQ Dedinho*, o Sr. Roberto Jenkins de Lemos.⁵

A pesquisa possibilitou, dentre outras conclusões, identificar a quantidade e a variedade de suportes produzidos pelo DED/MEC durante a CNED, o que permitiu problematizar o lugar dos impressos no processo de divulgação e disseminação do esporte, principalmente no âmbito escolar, e compreender quão intenso foi o investimento realizado nesse sentido.

As pesquisas com impressos já têm tradição em alguns países da Europa. Pesquisadores como Antônio Nóvoa (Portugal) e Pierre Caspard (França) têm realizado suas pesquisas nessa direção, “buscando estabelecer uma história serial e de repertórios analíticos, na perspectiva de fornecer informações sobre o ciclo de vida, conteúdos, etc. dos impressos” (Maurilane de Souza Biccás, 2001). No Brasil, trabalho semelhante vem sendo realizado por Denice Bárbara Catani (1999) e Maria Helena Câmara Bastos (1997), que desenvolvem projetos para identificar, localizar e sistematizar dados de impressos educacionais com o propósito de agilizar as investigações de historiadores da Educação. Quanto aos impressos educacionais produzidos em Minas Gerais, Vera Lúcia Abrão Borges (1993), Rita de Cássia de Souza (2001) e Maurilane de Souza Biccás (2001) pesquisaram, por exemplo, a

⁵ Uma primeira entrevista foi realizada em outubro de 2002, em Meaípe (ES), onde reside atualmente. A segunda foi realizada em julho de 2003, no mesmo local. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas, enviadas a ele para apreciação e devolvidas com sua autorização para uso neste trabalho.

Revista de Ensino,⁶ tomada ao mesmo tempo como fonte histórica e como objeto de investigação, de diferentes temáticas e com diversos enfoques. Mais recentemente, e especificamente na área da Educação Física, encontra-se a tese de doutorado de Silvana Vilodre Goellner⁷ (1999), que investiga as representações do corpo feminino, presente na *Revista de Educação Física*, primeiro periódico específico da área, publicado entre 1932 e 1945; a tese de doutorado de Amarílio Ferreira Neto (2001), que investigou duas revistas do Exército, a *Defesa Nacional* e a *Revista de Educação Física*, procurando identificar as influências dessa instituição na Educação Física brasileira no período de 1880 a 1950; a tese de Doutorado de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2003), que trabalhou com a *Revista Brasileira de Educação Física*, um impresso oficial que circulou do fim da década de 1960 até meados da década de 1980; e a dissertação de mestrado de Elisângela Chaves (2002), que investigou o movimento de escolarização da dança em Minas Gerais a partir da *Revista de Ensino* no período de 1925 a 1937.

Neste trabalho, os impressos e outros dispositivos produzidos pelo Governo Federal no âmbito da Educação Física e do esporte foram investigados como fontes de informação historiográfica, sendo que a *RHQ Dedinho* foi também objeto material de estudo, apoiando-se no que Roger Chartier⁸ chama de “arqueologia dos objetos”.⁹ Assim, na *RHQ Dedinho* procurou-se identificar e analisar os

⁶ Impresso pedagógico oficial publicado pelo Governo mineiro e que circulou entre os anos de 1892 e 1971, com várias interrupções. Foram publicados 239 números.

⁷ Este trabalho foi publicado em livro em 2003.

⁸ Roger Chartier é historiador e diretor de estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris.

⁹ “A ordem dos livros tem também outro sentido. Manuscrito ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. Compreender os princípios que governam a ‘ordem do discurso’ pressupõe decifrar, com todo rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de

procedimentos que os autores usaram com o objetivo de construir determinado tipo de leitura, que é diferente do que um texto escrito produz, pois as formas indicam sentidos, e um texto pode revestir-se de significações e estatutos diferentes de acordo com os dispositivos do objeto tipográfico que propõem o texto à leitura¹⁰.

Analisaram-se, então, os aspectos relacionados ao formato, à criação, ao ciclo de vida, à circulação, à distribuição e, quando possível, aos conflitos que a *RHQ Dedinho* gerou, procurando acompanhar o movimento de produção e circulação de representações de esporte para o público infanto-juvenil, envolvendo aí também a escola e os professores de Educação Física. Dessa maneira, este estudo teve como base de investigação dois elementos distintos, porém articulados entre si: a *RHQ Dedinho*, como suporte de textos e as mensagens veiculadas por esses textos.

Essa perspectiva de análise torna-se importante para as investigações em História da Educação porque privilegia como objeto de estudo as práticas culturais, os sujeitos e os seus produtos, afastando-se, assim, do intento de “estudar as idéias desencarnadas das práticas dos agentes que as produzem ou da matéria impressa que as põe em circulação” (CARVALHO; NUNES, 1993). Inserido em um processo de reorientação de fontes de pesquisa e de perspectivas de análises, Roger Chartier propõe três pólos distintos, mas também articulados entre si, que seriam,

... por um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias ; de outro lado a história dos livros e para além, de todos os objetos que contem a comunicação do escrito ; e por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens

produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). Mais do que nunca, historiadores das práticas partilhadas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pela formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. Daí, então, a atenção dispensada, mesmo que discreta, aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro” (CHARTIER, 1994:8)

¹⁰ Cf. CHARTIER, 1990.

simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas (CHARTIER, 1991).

Este trabalho se insere, então, na perspectiva apontada pelo autor como um “estudo crítico dos textos” e uma história de objetos impressos, em que é possível identificar as representações dos autores sobre determinado tema (no caso, a Educação Física e o esporte) e problematizar os sentidos e os significados construídos a partir das formas que foram adotadas para fazer circular tais representações. Uma terceira via possível de investigação – a análise de práticas escolares que eventualmente resultaram da leitura da *RHQ Dedinho* – não foi contemplada neste trabalho, embora seja considerada também um importante movimento de pesquisa que se pretende ainda realizar.

Na Introdução deste trabalho apresenta-se a origem das questões por mim levantadas e um breve relato sobre os estudos da área sobre essa temática e nesse momento da história. O Capítulo 1, *Produzindo necessidades, concretizando um plano: uma política nacional para a educação física e o desporto*, trata do *Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos*, documento de 1971 no qual se basearam as iniciativas tomadas nos anos seguintes. Problematisa-se, então, a criação do Departamento de Educação Física e Desporto (DED), em 1971, em substituição à Divisão de Educação Física (DEF), suas bases de atuação e sua estrutura administrativa; o Plano de Educação Física e Desportos (PED) para o período de 1971 a 1974, com destaque para um de seus programas, o *Programa de Difusão Cultural* (PIDIC), do qual se originou a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED), que produziu *RHQ Dedinho*, além de outros impressos, filmes e cartazes.

O Capítulo 2, *História em Quadrinhos Dedinho: conformando o esporte na escola*, foi dedicado às análises dos aspectos relacionados à materialidade da *RHQ*

Dedinho, tais como formato, produção, tiragem, distribuição e circulação, procurando discutir os sentidos e significados construídos a partir do processo de seu planejamento, produção e distribuição. Além disso, neste capítulo problematizam-se as origens, as funções e os processos de leitura da literatura de histórias em quadrinhos, com o propósito de conhecer melhor este suporte e de perceber possíveis influências no processo de escolha desse gênero literário pelo DED/MEC. Para tanto, recupera-se brevemente o debate que se travou na década de 70, momento em que as histórias em quadrinhos atingiram o seu apogeu¹¹ no Brasil.

O Capítulo 3, *Dedinho e sua turma em... : contando histórias, produzindo representações*, trata da problematização de representações de Educação Física e de esporte produzidas nas seis histórias da *RHQ Dedinho*. Por meio de imagens e de falas dos personagens envolvidos, procurou-se analisar as práticas de esporte que este suporte indicou ao seu público-alvo.

Nas Considerações finais retoma-se a discussão sobre o movimento de intervenção política do DED/MEC, procurando sintetizar suas ações para incentivar as práticas esportivas no País, com destaque para o uso dos meios de comunicação. Destacam-se as representações de esporte presentes nos textos da *RHQ Dedinho* e no conjunto de dispositivos da Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo e problematiza-se essa revista como suporte de circulação dessas representações. São também indicadas as possíveis contribuições deste trabalho e as perspectivas para futuras pesquisas.

¹¹ Cf. ARAÚJO, 1999.

Introdução

Origem do problema

As questões que fomentaram a necessidade desta pesquisa nasceram das minhas vivências nos debates sobre as relações entre a Educação Física e o esporte, e do meu próprio exercício profissional em uma escola da rede municipal de ensino (EM Hugo Pinheiro Soares) e em uma escola particular (Colégio Santo Antônio), ambas em Belo Horizonte. Em 1997, o grupo de professores de Educação Física desta última instituição iniciou uma reestruturação curricular¹² no ensino da Educação Física, que foi influenciada pelos debates acadêmicos travados na década de 90, principalmente pelos estudos de Valter Bracht (1992). O autor questionou o caráter excludente, classificatório, reducionista (apenas o esporte era tematizado como conteúdo do programa) e disciplinador, que considerava predominante nesse componente curricular, e problematizou a adoção de princípios como a seletividade (escolha dos melhores para jogar), a supervalorização da capacidade técnica em detrimento de outras e a adoção de uma ética desagregadora e egoísta na realização de práticas esportivas. Embora cientes das complicações advindas da generalização dessa afirmação, naquela ocasião identificamos algumas aproximações com as nossas aulas e estipulamos ações para superar o movimento de reproduzir em nossa escola as desigualdades e exclusões de uma sociedade capitalista e que apareciam também nas práticas esportivas que organizávamos, nas quais o aluno vale o tanto que produz.

¹²PINTO, Joelcio; SILVEIRA, Guilherme (2001): Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. *Revista Brasileira de Ciência do esporte*, v. 22, n. 3, maio 2001.

Pretendíamos superar essa circunstância por situações que privilegiassem os princípios em que todos, independentemente do nível técnico, têm seu valor humano reconhecido e respeitado, investindo, assim, em todos igualmente. Além disso, queríamos ampliar as opções de aprendizagem para além do esporte, incluindo outras práticas corporais da cultura. Todavia, essa mudança provocou nos alunos certa estranheza e, posteriormente, grande resistência em aceitar, por exemplo, que todos deviam jogar, independentemente de sua condição técnica e ou tática; que a escolha dos times deveria seguir critérios que não o de rendimento; que devíamos valorizar mais a participação, a conquista individual e coletiva do aprendizado e o prazer do que a vitória pela vitória. Essa resistência foi verbalmente manifestada várias vezes e por muitos alunos, inclusive por aqueles que estavam sendo discriminados com os critérios de exclusão técnica. Eles questionaram: “Quando é que vamos jogar o esporte de verdade?”; “Isso não é esporte; isso é brincadeira”, “A vida é dessa maneira: competitiva. Quem não joga bem tem que sair fora”, “Professor, não me venha com jogos; nós queremos esporte. Esporte é saúde, esporte é vida”.

Foram essas manifestações que me levaram a perguntar: Por que o esporte é uma prática hegemônica nas aulas de Educação Física até então? Quem construiu esse entendimento de que esporte é saúde, é vida, independentemente de como se pratica? Quem disse que o esporte só pode ser jogado de uma só maneira e que, caso contrário não é esporte, é brincadeira? Como essas representações foram produzidas? Foi então que me interessei por investigar as relações do esporte com a escola e sua hegemonia como conteúdo da Educação Física.

Os estudos de Lino Castellani Filho (1988), Mauro Betti (1991), Ricardo Lucena (1991), Valter Bracht (1992), Carmem Lúcia Soares (1994), Meily

Assbú Linhales (1996), dentre outros, indicam que o movimento de escolarização do esporte no Brasil já vem ocorrendo desde pelo menos a década de 30. Encontra-se nestes trabalhos fortes indícios da presença de práticas esportivas nas escolas, que eram asseguradas por ordenamentos legais.¹³ Outros estudos propõem que nas décadas de 60 e 70 esse processo se potencializou sobremaneira, a ponto de ser denominado por Betti (1990) como o período de “esportivização da Educação Física”. Entre os estudos que tratam especificamente do período de interesse deste trabalho (1969 a 1974) encontram-se os de Dalva Marim Beltrami (1992), Lenir Miguel de Lima (1992) e o de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2003). Este último dialoga com a historiografia da área por intermédio de textos presentes na *Revista Brasileira de Educação Física* e da prática dos professores nas suas escolas. Dessa forma, o autor discute as tensões existentes entre o modelo oficial proposto para as aulas de Educação Física, os debates acadêmicos e as aulas que efetivamente aconteciam, contestando, assim, as pesquisas que apontam uma assimilação mecânica das representações oficiais pela comunidade acadêmica. Com fontes e enfoques diferentes, esses trabalhos não esgotaram as possibilidades de investigação desse período, principalmente no que diz respeito à materialidade da política educacional do Governo Federal, sob o comando dos militares, em relação à Educação Física e ao esporte na escola. Encontra-se na historiografia da Educação Física estudos sobre o pensamento educacional e, mais recentemente, sobre as práticas escolares¹⁴ realizadas no período. Mas, no que diz respeito aos dispositivos pelos quais as prescrições legais e as proposições políticas enraizaram-se na sociedade e, principalmente, na instituição

¹³ Como exemplo veja-se o artigo 4º do Decreto-Lei 2.072, de 8 de março de 1940: “A Educação Física ministrada de acordo com as condições de cada sexo, por meio da Ginástica e dos **Desportos**” (grifo meu).

¹⁴ Cf. OLIVEIRA, 2003.

escolar, ainda há o que investigar, como: de que maneira o Governo Federal, no período tratado, materializou sua política de incentivo à prática esportiva na Escola? Que representações de esporte e de escola estavam presentes? Quais foram os suportes adotados? Que significados e sentidos foram construídos por eles? Questões desta natureza é que este trabalho procurou tratar, tentando contribuir para o alargamento dos estudos em história da Educação Física, do esporte e, também, dos impressos escolares.

Capítulo 1

PRODUZINDO NECESSIDADES, CONCRETIZANDO UM PLANO: UMA POLÍTICA NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESPORTO

1.1 Um Diagnóstico da Educação Física e dos Desportos no Brasil

O período de interesse (1969 a 1974) foi de intensa intervenção do governo militar¹⁵, sob o comando do general de Exército Emílio Garrastazu Médici¹⁶, na educação física e no esporte, com o objetivo, dentre outros, de adotar uma dada inserção dessas práticas na escola. Três meses após a *Reforma Universitária* de 1968, o Ministério da Educação e Cultura, pela Portaria Ministerial n. 94-A, de 28 de fevereiro de 1969, instituiu um grupo de trabalho para estudar e propor medidas para a expansão da Educação Física e do esporte em todo o País. O resultado desses estudos

¹⁵ Com a instauração do regime militar em 31 de março de 1964, o governo brasileiro passou a ser comandado pelo general Castelo Branco, nome de consenso das forças militares, após a deposição do presidente João Goulart. O País passava a ser governado por atos institucionais (AI). O resultado da correlação de forças no governo militar entre os generais Castelo Branco e Costa e Silva foi a sucessão do primeiro pelo segundo. Com Costa e Silva chegaram ao poder os generais defensores de uma intervenção mais duradoura. Essa transição significou uma “fragilização das lideranças civis”.

¹⁶ O general Emilio Garrastazu Médici chegou ao poder após o impedimento da posse do vice-presidente Pedro Aleixo, em agosto de 1968, em decorrência da doença de Costa e Silva.

foi o denominado *Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil*¹⁷. Esse trabalho teve início em maio de 1969, quando foi firmado um convênio entre o Conselho Nacional de Recursos Humanos, órgão do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, cujo secretário-executivo era Arlindo Lopes Corrêa, e a então Divisão de Educação Física (DEF), do Ministério de Educação e Cultura, dirigida pelo tenente-coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira.¹⁸

Ainda que não seja intento aqui analisar em detalhes esse *Diagnóstico*, é necessário considerar alguns de seus aspectos e sua repercussão nas representações de Educação Física e Desporto nele produzidas, especialmente porque nortearam as ações de um plano de Educação Física e Desportos elaborado a partir dele e apresentado em 1971, como será tratado adiante.

O ano de 1969 foi marcado por diversas iniciativas federais nas áreas da Educação Física (como componente curricular) e dos esportes. Além da produção do *Diagnóstico de Educação Física/Desportos*, destacam-se também: a instituição dos Jogos Estudantis Brasileiros (Portaria n. 29, da DEF, de 22 de maio/69); a instituição da Loteria Esportiva Federal (Decreto-Lei n. 594, de 27 de maio de 69); a isenção do Imposto de Importação e do Imposto sobre Produtos Industrializados para os equipamentos destinados à prática de desportos (Decreto-Lei n. 608, de 4 de junho de 69); a alteração da Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961, estendendo a obrigatoriedade da prática da educação física a todos os níveis e ramos de ensino

¹⁷ Para este trabalho, foram consultadas duas versões deste documento: a de circulação restrita que pertence ao Centro de Memória da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e a versão de circulação ampla publicada em forma de livro (DA COSTA, 1971). Nessa versão o professor Lamartine Pereira da Costa aparece como autor do *Diagnóstico*, mesmo sendo uma equipe a responsável pela elaboração do mesmo. Por isso a referência será sempre a ele.

¹⁸ A elaboração de um diagnóstico para o levantamento da realidade, tendo em vista uma futura intervenção, não foi original. Em 1967, no governo do Presidente Costa e Silva, foi criada uma comissão que utilizou esse mesmo expediente para elaborar uma proposta educacional, o qual resultou na Reforma Universitária de 1968 (Lei n. 5.540/68).

(Decreto-Lei n.705, de 25 de julho de 1969); e a autorização para o MEC constituir um grupo de trabalho (GT) para elaborar um *Plano Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação*, que, por convênio, seria realizado com recursos provenientes da Loteria Esportiva Federal (Decreto-Lei n.64.905, de 29 de julho de 1969).

Observa-se que o Governo Federal investiu primeiramente na realização de um *Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil*, cuja elaboração foi supervisionada pelo diretor da então DEF, o tenente-coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, e coordenado pelo professor de Educação Física Lamartine Pereira da Costa (editor-chefe da DEF). A equipe técnica que elaborou tal documento foi formada pelos professores José Garcez Ballariny e George Massao Takahashi, e pelo Dr. Ovídio Silveira Souza, tendo como estagiária Lúcia Maria Jorge Lopes.

A justificativa para a realização desse *Diagnóstico* baseou-se em três pretensões. A primeira delas relacionava-se com as “preocupações do Governo Revolucionário com a Política Nacional de Recursos Humanos, dirigida no sentido de aperfeiçoar o homem brasileiro em todos os seus aspectos e melhorar sua qualidade de vida”.¹⁹ A segunda pretensão assentava-se na importância “das manifestações psicossociais ligadas à Educação Física e ao esporte, que também projeta sua influência no plano da política internacional”. E a terceira consistia em disciplinar os recursos financeiros da Loteria Esportiva destinados aos programas de Educação Física e Desportos, como previa o Decreto-Lei n. 594, de 27 de maio de 1969.

O *Diagnóstico*, produzido em 1969, foi estruturado em 13 tópicos, a saber:

- 1) As Escolas de EF;
- 2) A Indústria de material, construção e instalações para a EF e dos Desportos;

¹⁹ DA COSTA, 1971, p. 7.

- 3) Ensino Primário;
- 4) Ensino Médio;
- 5) Ensino Superior;
- 6) Instalações urbanas de EF/Desportos;
- 7) Saunas e Academias;
- 8) Clubes;
- 9) Federações;
- 10) Confederações;
- 11) Nível de aptidão física;
- 12) Administração Pública de EF/Desportos e
- 13) Unidade Funcional do Sistema.

Desses tópicos, os dois primeiros foram considerados os de maior importância na posição hierárquica, pois o GT que os elaborou entendeu que eles exerciam influência sobre os demais.

A elaboração desse *Diagnóstico* foi baseada no documento *Manifeste Sur Le Sport*, produzido em 1968²⁰ pelo *Conseil International pour L'Éducation Physique et le Sport* da Unesco. Em consonância com o entendimento desse *Manifesto*, considerado documento básico para os objetivos de planejamento, são indicados no *Diagnóstico* três princípios gerais para uma organização desportiva no País:

- 1) A organização da EF/Desportos é assentada sobre a prática de atividades físicas no âmbito do sistema educacional, abrangendo todas as níveis com ênfase no ensino fundamental;

²⁰ Encontra-se no *Diagnóstico* uma referência bibliográfica do *Manifeste Sur Le Sport* como documento do Conselho Internacional de Educação Física e de Esporte (CIEPS) da Unesco, publicado em 1968, em Paris. Já na *Revista Brasileira de Educação Física* n.14, existe uma tradução de um documento do mesmo Conselho, cujo título é *Manifesto sobre o Desporto*, porém datado de 1964. A primeira vista pode-se entender que o segundo é a tradução do primeiro, mas devido ao desencontro de datas e à mensagem presente no documento de 1964, do Presidente do CIEPS, Philip Noel-Baker que propõe uma discussão do que ele chamou de “um projeto de Manifesto”, desconfia-se que o texto presente na revista seja uma tradução de um texto preparatório para o de 1968, *Manifeste Sur Le Sport*.

2) O objetivo prioritário da EF/Desporto é o da *melhoria da aptidão física*²¹ da população com um todo. Assim sendo, as instalações para a atividade física fazem parte do equipamento básico urbano, da mesma forma as destinadas à recreação passiva. A tendência prospectiva, localizada diante das crescentes possibilidades econômicas e do tempo livre disponível, é a de deslocar progressivamente a recreação – tanto passiva quanto ativa – para posição de realce na sociedade. Portanto a Educação Física, Desportiva e Recreativa deve regular o enfoque de lazer, a fim de preparar as populações urbanizadas no que se refere às necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais advindas da vida sedentária. (grifo meu);

3) A organização desportiva comunitária – associações desportivas (clubes), ligas, federações, comitês olímpicos, etc. – para maximizar a efetividade, constitui empreendimento de livre iniciativa. Considerada um setor de gênero *labor intensive*, no qual a rentabilidade depende de multiplicidade de decisões e comunicações individuais, a intervenção por administração direta estatal mostra-se pertinente(DA COSTA, 1971 p.19 e 20, grifos do autor).

Além disso, no *Diagnóstico* aponta-se o modelo da pirâmide esportiva como uma fórmula universal para elaborar projetos e direcionar recursos para o desenvolvimento dos setores de Educação Física e do Desporto, mesmo estando ciente de que este não considerava as particularidades de cada país, o que foi justificado com a impossibilidade de montar um sistema de planejamento global para o Brasil. Nesse modelo, considerado pelo *Diagnóstico* como um padrão europeu, a elite desportiva (ou seja, o topo da pirâmide), que se refere ao nível de competição nacional ou internacional, deveria ser produzida a partir do desporto de massa (a base da pirâmide), parcela que corresponde a toda comunidade praticante. Isso terá também repercussão na orientação pretendida para a Educação Física na escola, que deveria ocorrer com base neste modelo piramidal (FIG. 1).

No *Diagnóstico*, previu-se ainda que o investimento inicial na infraestrutura da rede escolar, o equipamento básico urbano e os centros de Educação

²¹ Importante registrar que essa orientação vai repercutir no Decreto-Lei n. 69.450, de 1º de novembro de 1971, que regulamentou a Educação Física no sistema escolar brasileiro. Tem-se no inciso 1º do art. 3º deste, que “a aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino”.

Física e Desporto seriam de responsabilidade do Estado Federal. Em contrapartida, os custeios da manutenção, da administração, do funcionamento e da representação seriam de responsabilidade da comunidade.

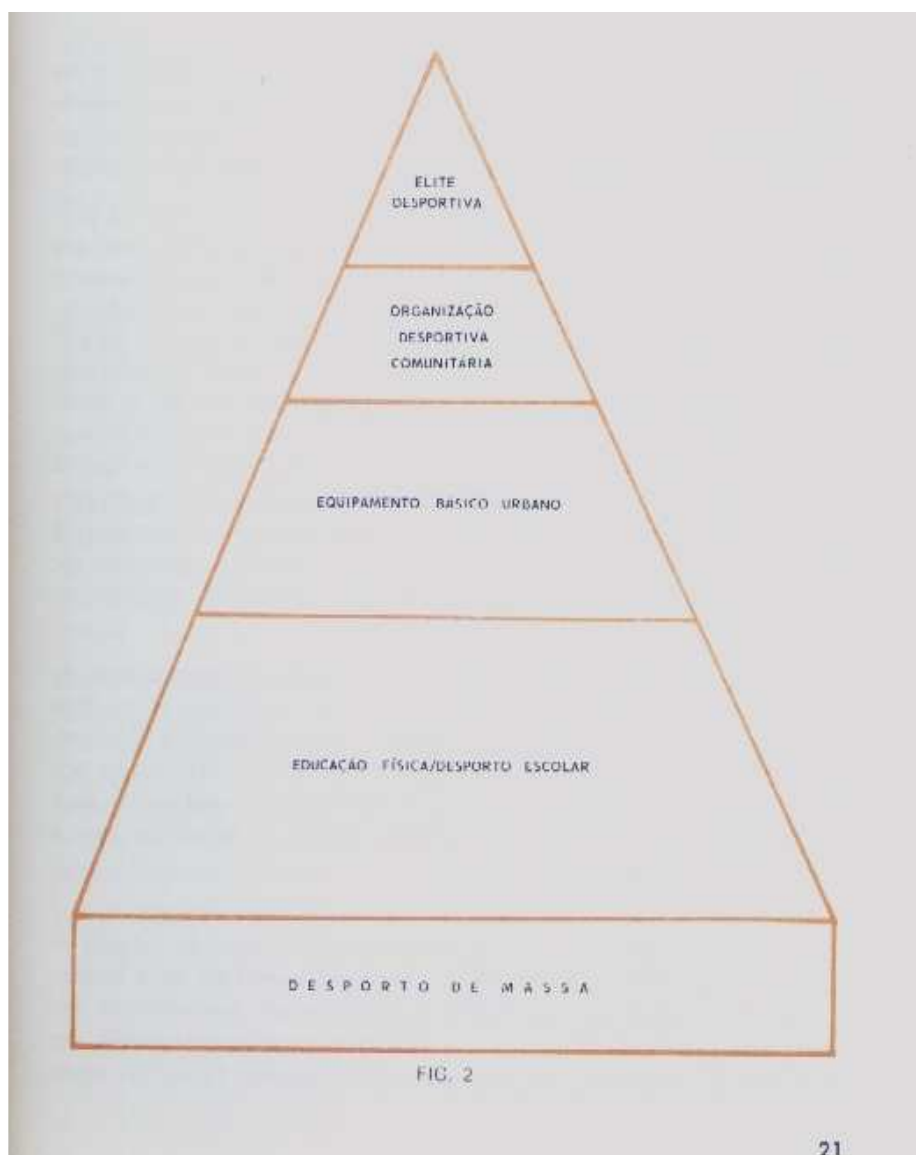


FIGURA 1 –Modelo da pirâmide esportiva (DA COSTA, 1971, p. 21)

Foram 33 as conclusões desse *Diagnóstico*, indicando o que se considerou como deficiências nos mais diversos segmentos da educação física e do esporte. Para os interesses deste trabalho, destacam-se apenas as conclusões que direcionaram a

ação do governo para a elaboração do *Plano de Educação Física e Desporto*, apresentado em 1971. Assim, o documento considerou na época que

[...] a diversificação desportiva ainda é irrelevante no Brasil (confirmando consequência típica de níveis baixos de renda da população) e o número de atletas/praticantes das modalidades organizadas é, todavia, baixo em termos de comparação internacional, inferindo-se uma prática prevalentemente recreativa e informal. A participação feminina no desporto organizado é ainda inexpressiva e o baixo índice de adolescentes federalizados – com exceção da região Sul – permite comprovar dificuldades quanto à renovação, principalmente nas modalidades mais sofisticadas. Que as informações de caráter noticioso do setor desportivo alinham-se entre os principais assuntos de interesse da população brasileira. (DA COSTA, 1971).

As causas dessas circunstâncias foram apontadas no *Diagnóstico* como: a separação jurídica dos dois setores (a Educação Física e o Desporto);²² a inexistência de uma ação política no âmbito do Legislativo, visando interferir de maneira mais contundente nos dois setores igualitariamente; a precariedade da formação profissional dos professores de Educação Física; e o pouco esclarecimento da população em relação à importância do desporto como meio educacional.

No *Diagnóstico* não foi poupada de críticas sequer a própria Divisão de Educação Física (DEF), responsável por sua elaboração. As condições físicas, administrativas e financeiras dos setores da Educação Física e do esporte brasileiro à época foram consideradas precárias. Em outras palavras, as conclusões indicaram a

²² Conclusão 3.11 do *Diagnóstico*: “A Educação Física e os Desportos foram dicotomizados juridicamente pela Administração Pública Brasileira, principalmente para solucionar problemas de ordem política relativos à época do Decreto-Lei n. 3.199, I.E., 1941, tendo sido diluídos progressivamente os objetivos genéricos do setor observado do aspecto integral e do funcional; A inexistência de uma política nacional para a Educação Física e os Desportos adequadamente subordinada às necessidades educacionais, comunitárias e de desenvolvimento urbano, e a consequente falta de uma legislação consolidada e realista, colocam a Divisão de Educação Física e o Conselho Nacional de Desportos (órgãos do Ministério da Educação e Cultura) em posição inoperante quanto ao ótimo de atuação do Governo Federal para fase atual da evolução, planejamento, coordenação e controle; A deficiência qualitativa incide seus maiores efeitos no referente à interpretação das atividades físicas como importante meio educacional, à circulação e transmissão de conhecimentos técnicos, aos relacionamentos dos diferentes elementos da organização desportiva comunitária e à ação governamental, no representado pela legislação e pela capacidade de intervenção positiva no processo evolutivo do setor” (DA COSTA, 1971, p. 358).

necessidade de uma reformulação geral em todas as áreas possíveis da Educação Física e do Desporto, sob pena de, no entendimento do GT, o País continuar subdesenvolvido no que dizia respeito à saúde da população e ao seu nível de rendimento esportivo. O *Diagnóstico* exemplifica o momento de racionalização técnica pelo qual atravessava o governo militar. Percebe-se a característica de, anteriormente ao planejamento, detectar as condições em que se encontra determinado setor, para depois, em fase experimental, desenvolver ações em períodos pequenos e mais adiante proceder a avaliações e correções de rumo.

A partir dessas conclusões foram indicados no *Diagnóstico* três movimentos que deveriam ser realizados pelo DED/MEC (substituto da DEF), necessários ao desenvolvimento dessas circunstâncias: a) a adoção de um critério biológico como sustentação da existência da Educação Física na escola, estipulando como objetivo prioritário o desenvolvimento da condição física da população;²³ b) quebra da referida dicotomização do binômio Educação Física e Desporto, estabelecendo princípios, metodologia e critérios de avaliação únicos para ambos; c) entendimento de que a sociedade em geral era mal informada, que suas práticas com relação ao esporte eram apenas “recreativas e informais”, não configurando, dessa maneira, uma sociedade esportivizada, com fraca ramificação do esporte na condição pretendida: institucionalizado, regulamentado, com quadro de equipes e atletas com vista às competições nacionais e internacionais.

A presença dessas representações em um documento oficial sugere determinação e direção das e nas ações políticas que se seguiram, traduzidas especialmente na criação do Departamento de Educação Física e Desporto (DED), em

²³ Como de fato ocorreu, e o já citado Decreto-Lei n. 69.450/71 é exemplar: melhorar a aptidão física dos educandos deveria ser a tarefa da Educação Física na Escola.

substituição à Divisão de Educação Física, e na elaboração de um plano nacional de desenvolvimento desses setores. Assim, o propósito dos próximos itens é identificar e analisar os desdobramentos deste *Diagnóstico*.

1.2 Um novo departamento para a Educação Física e Desporto: para além de uma simples troca de siglas

No *Diagnóstico*, apresentaram-se várias críticas à então Divisão de Educação Física. Uma das conclusões foi a impossibilidade de a DEF “continuar atuando de maneira positiva nos setores da Educação Física e dos Desportos, em razão de seu sistema estrutural ser considerado precário, impedindo sua ação no sentido de planejar, coordenar e controlar o desenvolvimento desses setores”.²⁴ Dessa maneira, a necessidade de criar uma nova estrutura tornou-se prioridade. A Divisão de Educação Física (DEF) foi, então, substituída pelo Departamento de Educação Física e Desportos (DED), em 27 de julho de 1970, pelo Decreto-Lei n. 66.967, tendo como diretor-geral o general Eric Tinoco Marques. O novo órgão teve ainda um diretor adjunto, o coronel Octávio Teixeira, e mais três coordenadores: os professores de Educação Física Ari Façanha de Sá e Jorge Marsao Takarashi²⁵, e o capitão Roberto Jenkins de Lemos,²⁶ responsável pela área de Comunicação. Observa-se que os cargos de chefia do novo departamento foram ocupados por militares das Forças Armadas, que, segundo Germano (1994), tinham como principal função o domínio (repressão/coerção), e não a direção (intelectual/cultural). O DED ficou subordinado diretamente ao Ministério da Educação, na época sob o comando do senador Jarbas

²⁴ DA COSTA, 1971, p. 357.

²⁵ Observa-se que esse foi o único profissional que participou da elaboração do Diagnóstico em 1969 e que continuou na equipe de trabalho (1971-1974), mesmo após a substituição da DEF pelo DED.

²⁶ Em entrevista, em outubro de 2002, Roberto J. de Lemos qualificou-se como autodidata em Comunicação e Direito.

Passarinho, e passou a orientar sua ação tendo como foco central a elaboração de um *Plano de Educação Física e Desporto* (PED) para o quadriênio de 1970 a 1974.

É importante salientar que não se trata de simples troca de nomes (DEF para DED). Como a designação já indica, o DED passou a incorporar também os “desportos”, e não apenas a Educação Física como até então. Esse movimento segue uma das conclusões do *Diagnóstico*, que indicou, como já referido, a necessidade de romper com a dicotomia Educação Física /Desporto, criada pelo Decreto Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, no Estado Novo, sob o governo de Getúlio Vargas. Na avaliação do GT que elaborou o *Diagnóstico*, esse fato limitava a expansão e o aperfeiçoamento de ambos segmentos.²⁷ O novo órgão passa, então, a coordenar não somente a Educação Física (mantendo sua intervenção política no espaço das escolas e instituições afins), mas também tudo o que dizia respeito ao “desporto”, em âmbito nacional. Isso significou a ampliação do poder de intervenção do DED, cujas políticas trariam repercussão nas federações, nas confederações, nos clubes esportivos e, enfim, nas práticas sociais.

Desde sua criação, em julho de 1970, a equipe do DED trabalhou e se organizou, durante 11 meses, para apresentar sua nova estrutura e sua política. Essa apresentação aconteceu em setembro de 1971 e foi feita por meio de um livro (FIG. 2), com o título *Eu sou o DED*, em que se lançava mão pela primeira vez da animação de um personagem em desenho, que atendia pelo nome Dedinho (FIG.3). Será ele o personagem principal das histórias em quadrinhos que levam o seu nome,

²⁷ Conclusão 3.9 do *Diagnóstico*: O Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, que dispõe sobre a organização básica dos desportos no País, está limitando a expansão e o aperfeiçoamento da Educação Física/Desportos, uma vez que, diante das circunstâncias atuais, se mostra irrealista e restritivo; as deformações atingem principalmente as Confederações, que não estão organizadas adequadamente quanto à importância das modalidades praticadas: as soluções improvisadas criaram estruturas de facto, como a atualmente apresentada pela Confederação Brasileira de Desportos, que necessita de sustentação política para a sobrevivência (DA COSTA, 1971, p. 358).

objeto de interesse central nesta pesquisa. Na mesma ocasião, foi apresentado também o primeiro Plano Nacional de Educação Física/Desportos (PED)²⁸, que tinha como objetivo geral “a elevação, no país, do nível da Educação Física Integral, do nível do Desporto, em todas as suas áreas e do nível da Recreação Ativa e Passiva” (MEC, 1971, p.14).

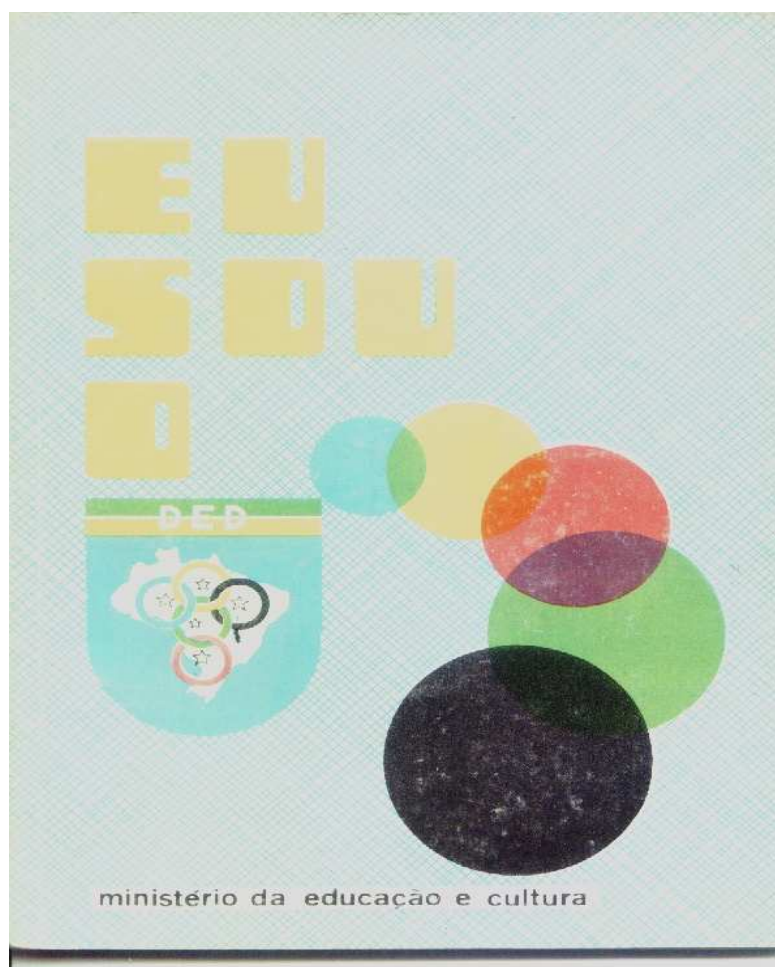


FIGURA 2 – Capa do livro de apresentação do DED

²⁸ Segundo esses dados, o Plano de Educação Física e Desportos (PED), editado em 1971 e elaborado pelo DED, configura-se como o primeiro plano nacional para os dois setores, após a construção do *Diagnóstico*. Importante registrar que vários textos que aparecem na *Revista Brasileira de Educação Física* investigada por Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2003) são cópias fiéis de textos deste plano.



FIGURA 3 – MEC, *Eu sou o DED*, 1971

No livro que apresenta o DED, são estas as primeiras palavras do novo personagem:

Meu nome é Dedinho. Já nasci grande, pois o setor onde atuo precisava que eu nascesse atuando; e posso mesmo dizer que antes de nascido já estava trabalhando (MEC, 1971).

Assim, como que conversando com o leitor, ele apresentou o DED: seu emblema, as finalidades, a política que o orientava, os objetivos gerais e específicos, a organização, enfim, as bases da ação coordenada do governo na área da Educação e do Desporto, uma forma inédita até então de se apresentar um órgão federal.

O emblema do DED (FIG.4), produzido por José Torronteguy de Oliveira especialmente para o novo Departamento, teve seu significado e suas dimensões explicados em 5 das 45 páginas do livro. Destacam-se a mensagem e a descrição que o autor faz da sua obra:

MENSAGEM: ESPORTE E PÁTRIA

DESCRIÇÃO: Cinco aros olímpicos dispostos em congruência com o Cruzeiro do Sul, sobre o mapa do Brasil, tudo em escudo com faixa dupla e a sigla DED. Os cinco aros olímpicos de Coubertin,

símbolo universal do esporte, em uma nova disposição, como idéia de renovação, indicando a condição de órgão novo que é. Os aros foram dispostos em cruz latina, de modo que cada aro circunde individualmente uma das cinco estrelas da Constelação do Cruzeiro do Sul, símbolo pátrio contido na Bandeira Nacional, como fundo do conjunto aros-cruzeiro, o mapa do Brasil. Para o escudo foi tomada a forma do Brazão de Armas do Estado do Brasil, o primeiro a ostentar símbolos originalmente brasileiros (a cruz e a árvore do pau-brasil) (MEC, 1971, p.1).

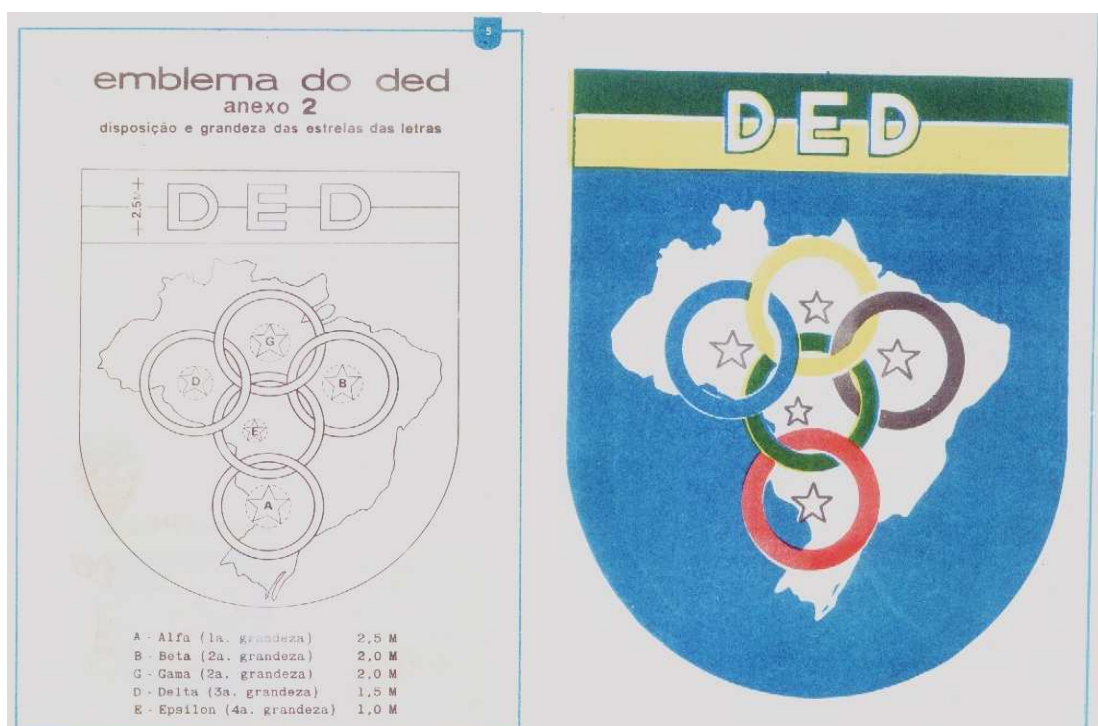


FIGURA 4 – Emblema do DED (MEC, 1971, p.3)

A preocupação em criar um emblema que representasse o DED, o significado atribuído a cada um de seus detalhes e a criação de um personagem e de suas falas são aspectos singulares da importância investida no trabalho esperado daquele órgão. Para os atores sociais envolvidos não se tratava apenas da criação de outro espaço de trabalho, mas da inauguração de um novo tempo: esse novo órgão, grandioso e forte, fincaria um marco na história da Educação Física e do esporte no Brasil. Reestruturar todo o sistema esportivo e ainda criar uma “mentalidade esportiva” no País – eis a sua pretensão. Além disso, a escolha de símbolos

legitimamente brasileiros para compor o emblema fortalecia o projeto político centrado no nacionalismo e na valorização da cultura popular brasileira, iniciado pelos setores artístico e intelectual no início da década de 60.²⁹

Com a publicação do livro, o DED apontou o modelo de organização que se pretendia implantar na Educação Física e no Desporto. As páginas destinadas a esse item se confundem com as do *Diagnóstico*, pois são suas cópias fiéis. O novo departamento propõe para a Educação Física uma organização assentada sobre a prática de atividades físicas no âmbito educacional, abrangendo todos os níveis e ramos, com especial atenção ao ensino fundamental. O objetivo prioritário da Educação Física e Desporto é a melhoria da aptidão física, com o propósito de, com isso, elevar-se o nível dos atletas e, conseqüentemente, melhorar a representatividade brasileira em eventos esportivos internacionais. É importante observar que esta representação da Educação Física, como responsável pelo desenvolvimento da aptidão física, já estava presente no *Manifesto sobre o Desporto*,³⁰ documento da Unesco, datado de 1964. Esse princípio norteador da Educação Física será depois também incorporado ao primeiro *Plano de Educação Física e Desporto* (PED) e ao Decreto-Lei n. 69.450, de 1º de novembro de 1971, que regulamenta a Educação Física em todos os ramos da escolaridade, como já registrado. É evidente a sintonia entre esses documentos, no que se refere à organização e aos objetivos da Educação Física e o

²⁹ Um grande projeto estético e político centrado na defesa do nacionalismo e da cultura popular se desenvolvia nos setores intelectual, artístico e político da sociedade. O Teatro de Arena (SP), o Movimento de Educação de Base (MEB) e os CPCs da UNE são exemplos de mobilização contra o subdesenvolvimento e contra o imperialismo norte-americano. “Desejava-se a revolução política e cultural que promoveria mudanças estruturais no país, sintetizadas na realização das chamadas reformas de base, entre as quais estava a reforma agrária e a reforma da educação” (ALBERTI, 2002, p. 362).

³⁰ Aqui refere-se ao documento encontrado na *Revista Brasileira de Educação Física* n.14, p.14, no qual encontra-se em seu capítulo I, cujo título é *O Desporto na Escola*, a seguinte afirmação: “A importância da atividade física na educação dos jovens é reconhecida desde há muito. O desporto contribui para o desenvolvimento físico harmonioso da criança, prepara-a fisiologicamente para o esforço, auxilia o seu equilíbrio físico e psíquico, participa na formação de sua vontade, do seu caráter, e favorece a sua adaptabilidade social.”

Desporto. Tal sintonia revela que os agentes do governo militar brasileiro responsáveis pela condução de uma política para ambos os setores não tinham um plano próprio de organização, ao contrário eles assumiram, pelo menos no papel, os objetivos e iniciativas do documento produzido na Europa.

A seguir, apresentam-se pontos centrais do primeiro *Plano Nacional de Educação Física e Desporto* elaborado pelo DED em 1971, com base no *Diagnóstico*, procurando conhecê-lo em suas proposições mais gerais. Não foi intento aqui investigá-lo minuciosamente, e sim identificar justificativas, objetivos e representações a respeito da Educação Física e do esporte.

1.3 Plano de Educação Física e Desportos (PED – 1971): diretrizes e programas.

O PED, formulado em 1970 e apresentado em 1971, foi um documento nacional único para os dois setores, o da Educação Física e o dos Desportos, organizado em seis grandes tópicos.³¹ Aponta como justificativa de sua implantação a preocupação de se vincular, “imediatamente”, o desporto à educação, pois, no entendimento de seus formuladores, fazia-se necessário coibir uma exploração inadequada desse fenômeno cultural que era o esporte, a qual poderia deturpar os propósitos e as contribuições que ele teria para fornecer à educação. Com esse entendimento, apontou-se no PED, como principal problema do desenvolvimento esportivo no País, o seu uso econômico e político, salientando-se:

³¹ São os seguintes: INTRODUÇÃO: 1.1) Generalidades, 1.2) Filosofia da Ed. Física Desportiva e Recreativa, 1.3) Valor da Ed. Física Desportiva e Recreativa, 1.4) A Atividade Física parte integrante da Educação, 1.5) Educação Física Desportiva e Recreativa e Desenvolvimento e 1.6) Responsabilidades – OBJETIVOS: Gerais e Específicos – BASES PARA AÇÃO IMPLANTAÇÃO: Introdução, Programa de Desenvolvimento da Educação Física e Desportos (PRODED), Programa de Assistência Técnica e Financeira (PATEF), Programa de Intercambio e Difusão Cultural (PIDIC) – RECURSOS FINANCEIROS e ANEXOS

As forças econômicas que vitalizaram o mundo do espetáculo e da diversão, os partidos políticos e até as igrejas se interessam cada vez mais pelo desporto. Para servi-lo, porém também para seus próprios fins, donde temos que evitar o risco de deixá-lo perder-se por exageros [...].

É evidente que se não quisermos ir à deriva, é chegado o momento de corrigir os nossos instrumentos e comprovar os rumos. É urgente reconsiderar toda a teoria do desporto se se deseja evitar sua desnaturalização em função de uma exploração abusiva.(MEC; PED, 1971, p.1)

As palavras desse trecho indicam a existência, já naquela época, de dirigentes esportivos que utilizavam o esporte não só para promovê-lo, como também para autopromoção financeira e política. Para evitar o que se chamou de “desnaturalização” do esporte, o *Plano* apresenta como solução sua vinculação imediata à Educação, o que havia sido proposto também no *Diagnóstico*. Eles entenderam que a “Educação” representada pela escola é que poderia impedir o fato anunciado:

É preciso pensar em sua organização, porém mais ainda nas suas finalidades, ou seja, na sua contribuição para a formação do homem moderno, prestando a devida atenção à sua essencial originalidade psico-fisiológica, às profundas alterações e às consideráveis mudanças de dimensão que se produziram no seu substrato social.

Baseados nesse alto espírito e conceituação da atividade física e do desporto, de um modo geral, e empenhando uma nova bandeira, qual seja, a de integrar a Educação Física Desportiva e Recreativa à Educação, viemos ombrear com aqueles que fazem a Revolução pela Educação (MEC; PED, 1971, p.1)

O *Plano* anunciou a necessidade de teorizar as práticas esportivas, buscando refletir sobre suas potencialidades educativas, afastando a idéia da prática pela prática, como se elas fossem, por si sós, capazes de desenvolver as capacidades sociais, físicas e intelectuais de seus praticantes. É por isso que os autores sugerem transformá-las em meios de formação humana, como se evidencia no item denominado “Filosofia da Educação Física Desportiva e Recreativa”:

Antes de tudo faz-se mister que a integração da atividade física no processo total da formação da personalidade, mediante o estabelecimento de relações profundas entre as atividades desportivas e os outros componentes da educação, é um problema que espera ainda sua verdadeira solução. Com demasiada frequência a atividade física continua sendo, na escola, uma forma de recreação, uma atividade de compensação ou uma válvula de escape. A atividade física não cumpre plenamente sua função educativa senão quando as mesmas disposições e atitudes morais da personalidade do aluno e do estudante, são desenvolvidos consciente e sistematicamente, tanto nos exercícios físicos como nos intelectuais ou práticos. (MEC; PED, 1971, p.2)

Ainda nesse item aponta-se o esporte como importante meio de formação da personalidade, principalmente na escola, mas também no período de lazer, momento em que, no entendimento dos formuladores do *Plano*, não se pode entregar-se totalmente ao “esquecimento de si mesmo”. Assim,

até nos momentos de lazer, como na educação sistemática, há necessidade de equilíbrio, porque a vida pede esse equilíbrio cujas bases são o repouso e a atividade.

O desporto, que por suas diferentes formas ocupa um lugar tão importante nos períodos de ócio, pode desempenhar um papel fundamental na conversão de tais períodos em fator que contribua para o pleno desenvolvimento da personalidade humana. (MEC; PED, 1971, p. 2)

É importante salientar que existiu uma preocupação de incentivar o esporte na escola, para promover a sua proteção, e também fora dela, usando-o como meio de formação nos momentos de lazer. Ou seja, era preciso intervir nos mais diversos momentos sociais, e as práticas esportivas eram propícias para tanto, sugerindo, dessa forma, um movimento de esportivização do social, pois não era só na escola que se deveria praticar esporte, mas também no tempo livre, pois este poderia ser pernicioso e ou danoso para a desejada formação disciplinar dos jovens. E essa intenção fica evidenciada neste trecho: “O desporto deve desempenhar nos períodos de ócio do adulto o mesmo papel formativo que na educação dos jovens” (MEC; PED, 1971, p. 2). Em um primeiro momento existe uma tendência de se atribuir tal

preocupação ao um possível ideário militar, mas faz-se necessário um certo distanciamento desse movimento, pois, nota-se que tais preocupações ainda fazem parte da rotina política de partidos progressistas atuais e do discurso de profissionais da área que apregoam o esporte como atividade capaz de afastar os seus praticantes das drogas, da violência e de outros males da sociedade atual, pois, completam os momentos de lazer e não deixam seus praticantes expostos às tentações desses males. Isso em plena democracia do século XXI.

Os autores do *Plano* mostraram-se preocupados também quanto ao futuro do “desporto de alta competição”, afirmando que nesse setor as forças econômicas e políticas atuavam no sentido de orientar seus rumos, fazendo referência aos dirigentes esportivos e jogadores da época, que começaram a ganhar dinheiro por meio de outras vias que não a do jogo em si. Declara-se assim que

o caminho do desporto de alta competição dependerá do equacionamento e da solução desses grandes problemas.

Ou será o caminho do humanismo, pois humanismo é purificar a besta, se é que ela existe, e mais ainda, formar o caráter por meio de um treinamento integral do corpo ou da alma, ou será da ‘patriotada’, senão o do racismo, onde o homem se destrói em conflitos degradantes. Compreende-se que se deva conceder a esta questão uma importância extrema.

O problema do ‘amadorismo marrom’, com a insidiosa destruição da integridade pessoal e coletiva, está-se convertendo, ou já se converteu, em um verdadeiro perigo para o desporto da alta qualidade (MEC; PED, 1971, p. 3)

Em um pequeno parágrafo comenta-se ainda sobre a responsabilidade da imprensa como meio de formação de opinião, aconselhando-a a revestir-se de um sentimento de retidão moral, não supervalorizando a vitória e seus responsáveis:

Outro perigo, a ‘patriotada’, pode facilmente aparecer nas grandes competições internacionais, se a imprensa desportiva não possui um sentimento adequado da grave responsabilidade que pesa sobre ela. Nestes casos, a opinião pública dará uma importância exagerada à vitória e isto pode levar à prevaricação, à brutalidade, ao “doping” e, indubitavelmente, a toda sorte de excessos (MEC; PED, 1971, p. 3)

Apontou-se no PED o direito de todos de participar do “fenômeno esportivo” com iguais possibilidades; criticou-se qualquer discriminação que limitasse a participação popular, seja ela social, política ou religiosa; descreveram-se os problemas do homem moderno, principalmente aqueles relacionados ao sedentarismo; e indicou-se como solução para tais questões a prática do “desporto” em escala nacional. Percebe-se que no PED o esporte é produzido como prática naturalmente educativa, capaz de solucionar muitos problemas da vida moderna, altamente salutar e benéfica sob todos os sentidos.

Exaltou-se ainda o valor da educação física como essencial para o desenvolvimento da saúde. Para justificar tal entendimento, os técnicos do DED basearam-se em um parecer do deputado Afonso Costa, que, em 1905, defendia, por ocasião da exposição do seu projeto de Educação Física na Câmara Federal, que não havia desenvolvimento intelectual perfeito sem o desenvolvimento do corpo, que sustenta o cérebro. E, combinando com esse discurso, são apresentadas as conclusões dos “círculos mais representativos da ciência médica alemã” quanto à piora da saúde de seus habitantes, que foram: “a falta de movimento e jogos recreativos na idade pré-escolar; a consideração insuficiente da Educação Física nas escolas profissionais e de instrução geral; e a pobreza de movimentos do homem moderno, determinada pela superação do seu antigo modo de vida pela técnica” (1956). São referências como essas que balizaram as proposições contidas no *Plano*.

Observa-se nessa primeira parte do *Plano* que o governo elegeu o esporte como prática essencial para a vida humana, e em razão disso todos os responsáveis pelo estabelecimento de diretrizes políticas deveriam incentivá-lo na escola e fora dela, por causa do seu caráter altamente “educativo” e “formador”, tomado como

pressuposto e atributo “natural”. Ilustrativa dessa representação é a própria capa do livro que apresenta o PED, em cujo fundo se vê uma ginasta em pleno exercício de sua atividade esportiva (FIG. 5).

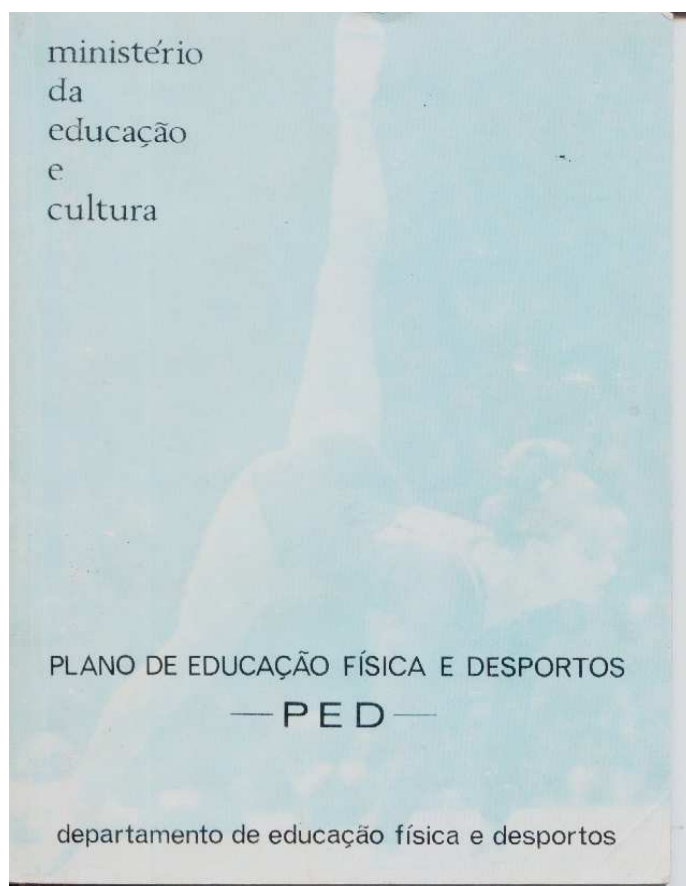


FIGURA 5 – Capa do PED, 1971.

No PED há referências também a um amplo movimento de revolução na área educacional (envolvendo também a educação física, o desporto e a recreação) que estaria acontecendo no mundo inteiro. Como exemplo, apóia-se, uma vez mais, no *Manifeste Sur Le Sport* (1968) e em uma pesquisa³² realizada em 1967 em 70 países pelo International Council on Health, Physical Education and Recreation, em cooperação com a Unesco, que constatou que 65 deles possuíam programas nacionais de educação física, desporto e recreação. E disso concluiu-se:

³² PHYSICAL EDUCATION IN THE SCHOOL CURRICULUM-ICHPER / International Questionare Report/1967.

Não é mera coincidência o fato de as nações desenvolvidas darem amplo e decisivo amparo às atividades físicas estudantis a serem concomitantemente, as líderes no desenvolvimento e conservação dos recursos humanos em todos os seus aspectos.

Nesta altura cabe indagar se nós, no Brasil, estamos acompanhando esse tratamento internacional do assunto, dando-lhe o destaque merecido e requerido pelo nosso progresso³³ (MEC; PED, 1971, p. 7)

A resposta para tal indagação foi dada com a enumeração de dez conclusões, já antes apresentadas no *Diagnóstico* de 1971, nas quais se aponta o precário estado em que se encontravam os dois setores, – o da Educação Física e o do Desporto. Ou seja, a resposta era: o Brasil não estava acompanhando o “tratamento internacional do assunto”. Assim, no *Plano*, no item “A atividade física, parte integrante da educação”, destacam-se as medidas que poderiam assegurar ao Brasil um acompanhamento à altura do tratamento que outros países já davam ao esporte e à educação física: a necessidade de programas apropriados, equipamentos adequados, tempo mínimo de prática esportiva, importância do “jogo limpo”, qualificação dos professores e desenvolvimento da habilidade desportiva superior.

A “segurança nacional” também foi apontada como justificativa para o investimento na Educação Física e no esporte.³⁴ Destacou-se, com bastante ênfase, a importância de se manter a segurança interna e externa do País, e nesse sentido a Educação Física poderia ajudar o governo a economizar tempo na preparação militar, pois ela poderia preparar seus futuros soldados antes mesmo que eles entrassem na corporação:

³³ É sintomático que este mesmo argumento tenha sido utilizado por Rui Barbosa, em 1882, para defender a implantação da ginástica nas Escolas, indicando a necessidade do Brasil se adequar aos modelos europeus, como exemplifica a seguinte afirmação: “Assim, pois, todo o mundo civilizado, podemos-lo dizer, impõe hoje como necessidade vital, na organização da escola, a ginástica, ampliada aos dois sexos. A comissão, portanto, não tinha que vacilar em lhes reconhecer o que, pela mais rigorosa das exigências racionais, toca a esse ramo de ensino”. (BARBOSA, 1946, p. 90)

³⁴ Cf. CANTARINO, 1999.

a) A preparação de reservas deve abranger o maior número possível de jovens. Assim, é preciso que se dê à juventude condições mínimas de aptidão física para a prestação do serviço militar obrigatório.

b) Na preparação militar propriamente dita destas reservas, antes de que se entre no treinamento especializado (manejo de armas, manobras, etc.) é indispensável a elevação da resistência física dos recrutas de forma a torna-los aptos para o que deles for exigido na etapa seguinte. Assim quanto maior for a preparação pré-militar, menor será a duração da fase de adaptação dentro dos quartéis. As conseqüências para o serviço militar, de uma educação física desenvolvida largamente durante a infância e a juventude do futuro soldado, poderão ser: 1) melhor preparo técnico do soldado, pelo maior tempo que poderá ser dedicado ao treinamento especializado; ou 2) maior economia na formação das reservas, pela eliminação dos longos períodos de adaptação física dos recrutas (MEC; PED. 1971, p. 7)

Para sustentar esse posicionamento, os autores do PED utilizam como exemplo as palavras de Willan Shirer, oficial alemão, que no livro *Ascensão e Queda* do III Reich compara os corpos dos soldados alemães “de peles bronzeadas e limpas, de uma juventude que vivia ao sol com uma alimentação adequada”, com os corpos dos “primeiros prisioneiros de guerra britânicos, de peitos encovados, outros encurvados, e a cor pálida e os dentes estragados – exemplos trágicos de juventude que a Inglaterra negligenciara tão irresponsavelmente...”. Também as palavras do presidente do EUA, John Fitzgerald Kennedy, que alertou para o fato da necessidade de medidas no sentido de revitalizar a saúde da população por causa da grande reprovação dos escolares em simples testes físicos, a obesidade e a inatividade física. Observa-se aqui a influência do pensamento militar no direcionamento das justificativas e na construção de uma representação de educação física baseada no desenvolvimento de aptidão física. Reforçando tal representação, naquele ano foi

promulgado o Decreto-Lei n. 69.450/71, estabelecendo a aptidão física como referência fundamental do ensino de Educação Física, como já anotado.³⁵

Percebe-se, então, que as representações presentes no PED a respeito da articulação entre esporte e educação física com suas justificativas, foram influenciadas por representações de origem européia, especialmente o documento da Unesco que norteou a sua elaboração. Identificam-se ainda influências norte-americanas, no que diz respeito às questões de saúde da população, e, ainda, representações construídas a partir de necessidades internas, como a questão da segurança nacional. No *Plano* apresenta-se, assim, um aglomerado de justificativas, muitas delas de natureza diferentes, como é caso da preparação militar que não tem nenhuma relação com a saúde da população, mas que foram tratados como se fossem uma consequência da outra e que tinham como objetivo justificar o que seria realizado a seguir. Segundo o *Plano*, esse movimento se deu em decorrência não só da necessidade da segurança nacional, mas também por questões de ordem médica, social, econômica e política.

É interessante observar que questões apontadas no PED, tais como a necessidade de se teorizar o esporte, buscando compreender as suas finalidades, o perigo de a supervalorização da vitória levar seus praticantes às brutalidades e ao *doping* e a necessidade de evitar os usos econômicos e políticos do esporte são questões que estão nos noticiários esportivos do dia (2003), temas que nos meios acadêmicos são constantemente debatidos³⁶ e que se apresentam, trinta anos depois como problemas atuais. Percebe-se também que o mesmo governo que defendia, por meio do discurso, a necessidade de vincular o esporte à educação, no sentido de protegê-lo dos usos econômicos e políticos, utilizou-o para divulgar seus ideais

³⁵ O Decreto-Lei n. 69450/71 estabelece o número mínimo de aulas semanais, o tempo de cada aula, o espaço para cada aluno necessários para os propósitos de desenvolvimento da aptidão física.

³⁶ Cf. BRACHT, 1990, e KUNZ, 1991.

políticos, abrindo espaço também para a mercadorização esportiva.³⁷ A conquista do tricampeonato mundial de futebol pela Seleção Brasileira em 1970, no México, por exemplo, foi intensamente explorada, com a criação de músicas e discursos políticos que exaltavam a importância do patriotismo e do primeiro lugar alcançado, caminho que o Brasil estava supostamente trilhando em outros setores: “noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração!” Enquanto isso, no mesmo período, a repressão política se intensificava, com tortura e morte de muitos que ousaram se opor ao regime militar ditatorial. Esses distanciamentos e aproximações do discurso e das ações políticas ilustram de certa forma as tensões existentes dentro do próprio governo.

No entanto, no PED havia preocupações com tais situações. Nos impressos consultados e tratados adiante observou-se que foram poucos os espaços para discussão, mas isso não quer dizer que eles não existiram. Marcus A. Taborda Oliveira (2003) aponta, por exemplo, que na *Revista Brasileira de Educação Física* aparecem, no final da década de 60, textos que sugerem a existência de um debate a respeito das funções da Educação Física na Escola. Segundo o autor, essa discussão se polarizou em duas correntes: uma de forte caráter humanístico, defendendo uma educação integral, denominada “dogmática”, e outra, a “pragmática”, que defendia o imediatismo e o tecnicismo. Analisando os textos do PED-1971, percebe-se uma aproximação aos ideais da segunda corrente, principalmente quando se reduz a Educação Física ao esporte, embora se encontra um forte apelo à humanização do mesmo, como a crítica à supervalorização da vitória. O reconhecimento dessa situação nos faz refletir a respeito da influência destas correntes sobre os agentes do governo,

³⁷ Cf. LINHALES, 1996.

autores intelectuais do *Plano*, o que resultou em um discurso que é uma reunião de textos das duas correntes, às vezes incoerentes. A esse respeito Oliveira (2003) considera que:

[...] os intelectuais da Educação Física, identificados com o governo militar no Brasil de maneira bastante hábil, desenvolveram um híbrido teórico das duas perspectivas apontadas: um forte acento na formação integral do homem e da mulher brasileiros, principalmente sua juventude, no sentido das qualidades formativas da Educação Física e do esporte; mas tudo isso a serviço da identificação de talentos esportivos e a conseqüentemente formação de campeões olímpicos (OLIVEIRA, 2003, p.169)

Como aponta o autor, existia mesmo uma tensão a respeito das funções da educação física e do esporte nesse período. Mas as ações políticas que se seguiram, principalmente aquelas destinadas aos escolares brasileiros, estiveram apoiadas em que corrente de pensamento? Questões como essa serão discutidas nos itens seguintes, com o levantamento das produções do DED/MEC para a comunidade em geral e, mais especificamente, para a escolar.

No PED foram enumerados 28 objetivos gerais, que deveriam ser cumpridos por três grandes programas: o *Programa de Desenvolvimento da Educação Física e Desportos* (PRODED); o *Programa de Assistência Técnica e Financeira a Programas de Educação Física* (PATEF); e o *Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural* (PIDIC). A realização destes programas dar-se-ia com recursos oriundos da Loteria Federal.

Com o propósito de orientar e “disciplinar” tais recursos, os técnicos do DED/MEC elaboraram e apresentaram em quadros esquemáticos suas intenções de ação. Esses quadros relatam, de modo geral, os projetos, as responsabilidades e o montante de dinheiro destinado para cada projeto. O PRODED foi o programa que receberia mais recursos financeiros, segundo a programação original, e tinha como

projetos: 1) a integração das escolas de Educação Física às Universidades Federais, especialmente; 2) a integração das Escolas aos clubes; 3) o desenvolvimento de pesquisas em Educação Física e Desporto; 4) o aperfeiçoamento do magistério e dos técnicos desportivos; e 5) a implantação de centros de pós-graduação.

O PATEF obteve o mesmo tratamento no que diz respeito à organização, mas para ele foram previstos menos recursos financeiros da Loteria Federal que o PRODED. Entretanto, foi o programa com maior número de projetos: 1) construção de Centros de Educação Física e Unidades Avulsas; 2) construção do Centro Olímpico Desportivo; 3) implementação de competições desportivas estudantis; 4) planejamento e execução de colônia de férias; 5) melhoria do equipamento desportivo nacional; 6) aquisição de material desportivo (nacional e internacional); 7) melhoria da representação desportiva nacional; 8) assistência técnica e financeira a entidades desportivas; e 9) Competições desportivas (nacionais e internacionais).³⁸ É importante ressaltar que a relação de tais projetos no PED não significa que eles foram todos concretizados, estando aqui relacionados para dar visibilidade ao plano de intervenção política do governo militar no esporte por meio do DED.

O terceiro programa foi o PIDIC, formulado com três projetos: Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo (CNED), Preservação do Patrimônio Histórico Desportivo e Incentivo à Criação e Difusão de Assuntos Culturais e Desportivos. Apesar de apresentar-se com menor número de projetos e também com menor previsão de receita da Loteria Esportiva, a atuação e a importância desse programa na divulgação dos demais, o PRODED e o PATEF, foram consideradas

³⁸ Segundo o PED, os três últimos subprojetos ficaram a cargo das Federações Desportivas e não foram previstos a liberação de verbas da Loteria Federal.

imprescindíveis para a consolidação da política do DED, no sentido de difundir as representações de esporte que se pretendia afirmar socialmente.

Em um item dedicado às responsabilidades de planejamento e execução das ações, o PED reforça a importância dos meios de comunicação no processo de implantação de uma nova forma de pensar e agir na Educação Física e no Desporto. Dessa forma, os autores do Plano elegem os meios de comunicação como o “guardião do desporto”, atribuindo-lhes a responsabilidade de criar uma mentalidade favorável à prática desportiva, banindo os usos inadequados que se poderiam pensar para eles:

Ajudar aos meios de comunicação social e que, com a colaboração das organizações privadas, se difunda melhor o conhecimento das destacadas possibilidades que oferecem as atividades desportivas, a lutar contra os perigos que as ameaçam e a criar na opinião pública um clima favorável ao seu desenvolvimento.
Há necessidade de que nos dediquemos a uma política de promoção e de proteção ao desporto (MEC; PED, 1971, p.14)

A imprensa foi projetada como a grande aliada do governo, pois ajudaria a construir e a circular as representações pretendidas a respeito do esporte e da educação física. Os objetivos e os projetos previstos no PED permitem concluir que a intenção do governo era de intervir maciçamente nesses dois setores, com o objetivo de promover o que pode ser chamado de uma “esportivização” do social, e a escola apareceria como uma instituição central para esse propósito. Esse movimento intensificou o processo de escolarização do esporte, no qual a educação física foi tomada como espaço fundamental. As representações de esporte presentes nesse documento oficial o produziram como prática capaz de promover a saúde, a ordem e o progresso da população brasileira, uma atividade essencialmente positiva e naturalmente benéfica. A educação física na escola foi afirmada como lugar propício para o pleno desenvolvimento dessas práticas esportivas, buscando, ao mesmo tempo,

promover a melhoria da aptidão física dos alunos, o que em muito colaboraria para o desenvolvimento de um país forte, de um “Brasil Potência” (ALBERTI, 2002).

Em síntese, o *Diagnóstico da Educação Física e Desportos*, realizado em 1970 e publicado em 1971, foi a base de sustentação para a construção de uma intervenção política do Governo Federal, por meio do DED/MEC, organizada com o conjunto de medidas propostas pelo PED/1971. Tal fato indica a importância que o *Diagnóstico* teve naquele momento, merecendo uma investigação mais profunda (que não foi o propósito aqui), no sentido de identificar e entender o movimento que provocou sua elaboração e, principalmente, sua repercussão.

Para os propósitos desta pesquisa, detalha-se, a seguir, o *Programa de Difusão Cultural*, que organizou e executou a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED), na qual está a *RHQ Dedinho*, objeto central desta investigação.

1.4 Programa de Intercambio e Difusão Cultural (PIDIC): agentes, objetivos e produção

A justificativa apresentada para a implementação desse Programa foi a necessidade de acompanhar e complementar o que o *Plano* denominou de “Revolução pela Educação”. No caso brasileiro, essa revolução se traduziria em “educação para o desenvolvimento” (PED, p 30, 1971). Foi com esse entendimento que o coronel Octávio Teixeira e o capitão Roberto J. de Lemos elaboraram três grandes projetos, a saber:

- 1) uma Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo, a CNED. Este projeto é central para o trabalho, porque dá ainda maior visibilidade às representações produzidas e veiculadas pelo DED em sua pretensão de criar uma ‘mentalidade desportiva’ para o País.
- 2) um programa de preservação do Patrimônio Histórico Desportivo, em que seria executado uma construção ou tombamento de um prédio para ser implantado o Museu Brasileiro de Educação Física e Desportos.

3) um projeto de incentivo à difusão e à criação no âmbito de assuntos culturais desportivos, através de atividades tais como congressos, simpósios, jornadas estudantis, estágios técnicos, cursos de aperfeiçoamento, promoção de intercâmbios desportivos e concurso nacional de obras inéditas sobre Educação Física, Desportos e Recreação (MEC; PED, 1971, p.16).

A equipe de trabalho formada para conduzir os projetos do PIDIC foi contratada para uma temporada de três anos e dois meses (18 de junho de 1971 a 5 de agosto de 1974). No início dos trabalhos, foram sete os profissionais que fizeram parte desse programa: Roberto Jenkins de Lemos, coordenador; José Catarino dos Santos, *layout-man*; Rosângela Nogueira Santos, tradutora e palestrista; Eudes Coércio, fiscal da distribuição dos materiais; Gilberto Gonçalves, operador de equipamentos; Carmem de Vasconcelos, estatutária; e Ovídio Silveira, autor-revisor dos trabalhos, sediado no Rio de Janeiro. Após 26 meses de trabalho, essa equipe necessitou de mais profissionais.³⁹ A título de ilustração, apresenta-se no quadro 1 os recursos⁴⁰, as responsabilidades e os projetos previstos para o PIDIC.

Dos três projetos apresentados, o que obteve maior destaque foi a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED), que serviu de base para a divulgação de todos os outros projetos. O objetivo anunciado era o de “conscientizar o país para a importância da prática de atividade física integrada à educação, ou seja, criar e desenvolver uma mentalidade favorável à Educação Física que poderíamos

³⁹ Abenante de Mello e Souza (professor de Educação Física), supervisor técnico dos materiais de divulgação; Maria Abadia Pierre M. de Almeida (professor de Educação Física), pesquisadora de matérias na área técnica desportiva, modelo dos desenhos técnicos e consultora dos filmes desportivos; Marcelo de Mello Andrade (professor de Educação Física), coordenador de estatísticas e produtor de materiais técnicos; Dolores Pinto Carvalho, responsável pelos relatórios; Junair Leandro de Souza, bibliotecária; Cornélio Souza Lima Franco, jornalista esportivo, redator e o contato do DED com a imprensa; Marilena Schroeder, secretária de produção; Antônio Gonçalves, operador de equipamentos; Mário de Almeida Britto Filho, coordenador de viagens; Jairo Pires de Mello e Jaldayr Niete Magalhães, datilógrafos.

⁴⁰ O quadro não especifica a moeda em que foram feitas aquelas estimativas. Pela data de elaboração do plano acredita-se que era cruzeiro, moeda corrente daquele ano.

denominar – mentalidade desportiva” (PED, p. 30, 1971). Esse objetivo parte do pressuposto de que o “esclarecimento” era uma necessidade da população em geral, carência essa que foi apontada no *Diagnóstico* e assumida pelo DED.

Quadro 1
PLANO DE EDUCAÇÃO E DESPORTOS

Programa	Projeto	Nº	Responsabilidades		Recursos (*)		
			Coorden	Elaboração	1972	1973	1974
PIDIC	Campanha de esclarecimento desportivo	15	DED	DED Secretarias Estaduais, Escolas de Ed. Física e entidades privadas	2.029.000	2.130.000	2.236.000
	Preservação do Patrimônio Histórico desportivo	16	DED	CND DED	1.000.000	1.050.000	1.100.000
	Incentivo á criação e difusão de assuntos culturais e desportivos	17	DED	DED	1.500.000	1.583.000	1.718.000
(*) Recursos da Loteria Esportiva (Dec. 68.703 – 3 Jun 71) Calculado sobre a estimativa fornecida pela Secretaria Geral do MEC							

FONTE: MEC, PED, 1971, p. 34

Tal pressuposto fica evidenciado na declaração de Roberto J. de Lemos quando, em entrevista, questionado a respeito do suposto desconhecimento da importância da prática esportiva e de aspectos técnicos do esporte por parte dos prefeitos municipais, afirmou:

Tinham nada. Até hoje a maioria dos municípios não tem professor de Ed. Física, imagina há 30 anos atrás era muito menor. O professor de Ed. Física era considerado o cara suado. Um exemplo disso é que se a aula de Ed. Física estivesse atrapalhando qualquer outra aula, o professor de sala mandava parar e tinha que parar mesmo.

Roberto J. de Lemos afirma em seu livro *Corpo & Mente: o humano direito de suar com alegria*(1985)⁴¹ que foram investidos nessa campanha cerca de “4 bilhões de Cruzeiros”,⁴² valor inferior ao planejado e apresentado no PED (6 bilhões de cruzeiros).⁴³ Os recursos foram aplicados para editar 11.600 mil impressos (cadernos técnicos, cadernos didáticos, desportes, revista em quadrinhos, *fôlderes*, livro de regras, caderno cultural, *Revista Brasileira de Educação Física*, jornais, etc.) além da produção de filmes técnicos, “filmetes” de divulgação em TV, exposições, frases veiculadas em rádios e televisão, e palestras (documentos que serão tratados adiante). Salienta-se que não há informação de investimento de recursos financeiros e humanos dessa ordem para a educação física e o esporte antes desse período no Brasil.

Os primeiros trabalhos elaborados pela equipe do PIDIC foram os livros de apresentação do DED e o do PED, de 1971, já mostrados. Em seguida, aconteceu, segundo Lemos, a reformulação de um impresso que a antiga Divisão de Educação Física (DEF) produzia, o *Boletim Técnico Informativo* (BTI). Seu primeiro formato era o de um livro, em capa branca, com publicações técnico-científicas a respeito do esporte, distribuído gratuitamente nas escolas de Educação Física. As principais reformulações realizadas foram: o nome, que passou a se chamar *Revista Brasileira de Educação Física* (FIG. 6); o formato, que passou a ter as dimensões de 21x27 cm;⁴⁴ a apresentação, que recebeu imagens na capa; a distribuição, adotando-se também o uso

⁴¹ Este livro foi produzido e patrocinado pelo próprio autor, em 1985 (dez anos após o término do trabalho), como forma de reconhecer o trabalho realizado pela equipe do DED, fator que, segundo Roberto J. de Lemos, não aconteceu por parte de seus sucessores.

⁴² Ainda que não possa ser tomada sem uma devida contextualização, a atualização desse valor para o Real foi feita por meio de um serviço disponibilizado na página eletrônica do Banco Central (www.bacen.gov.br), usando como índice de correção o IPCA, e chegou-se ao montante de 330 milhões de reais. Segundo Roberto J. de Lemos todo o dinheiro gasto na campanha foi decorrente dos repasses da Loteria Federal. Era ele mesmo que ia apresentar as notas para retirar o dinheiro. Questionado sobre os gastos de outros órgãos do governo em relação ao montante gasto no DED ele respondeu que eram poucas as repartições que recebiam tanto dinheiro.

⁴³ Cf. Quadro 1.

⁴⁴ O mesmo formato de revistas da época, como *Visão* e *Manchete*.

de venda por assinaturas; e a tiragem de cada peça, que aumentou para 10 mil exemplares. As revistas continham artigos técnicos de autores brasileiros e estrangeiros e tinha como público alvo os professores de Educação Física. No período de 1970 a 1974, foram produzidas nove números, ou seja, pelo menos 90 mil exemplares circularam pelo País.



FIGURA 6 – Capa da Revista Brasileira de Educação Física n.13

Um impresso que adquiriu grande importância nessa campanha foi o projeto a *Cartilha Desportiva*, representada pela *RHQ Dedinho*, que pela grande tiragem, pelo caráter inédito de sua atuação e pelo público-alvo tornou-se o principal veículo, objeto que será investigado detalhadamente nos capítulos II e III.

Outra produção foi um jornal em forma de tablóide, que recebeu o já significativo nome *Podium* (FIG.7). Os primeiros oito números desse jornal foram em

cores e os do número 9 ao 17, em preto-e-branco. Também destinado aos professores de Educação Física, veiculava matérias diversas, tais como notícias sobre construções esportivas nos Estados, resultados de classificação nos JEBs, divulgação da *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED), notícias sobre as novas escolas superiores de Educação Física e espaço reservado para os leitores questionarem ou obterem informações. Foram produzidos 65 mil exemplares, sendo que sua veiculação era mensal, gratuita e realizada por intermédio das Secretarias Estaduais de Educação. Na capa do jornal aparece também o personagem Dedinho e o emblema do DED, um reforço de imagem muito utilizado na campanha.



FIGURA 7 - Capa do Jornal Tablóide *Podium*, n. 8

Outro impresso produzido por intermédio do PIDIC foram os *Cadernos Técnicos* (FIG. 8), cujas dimensões eram de 21cm de largura e 27,5 de comprimento. A distribuição foi gratuita e teve como destino as Secretarias de Educação dos

Estados, e delas para as escolas superiores de Educação Física. Tinham como função atuar na formação em exercício e de futuros professores de Educação Física. Os temas abordados foram *corridas, voleibol, recreação, handebol, saltos ornamentais, avaliação física, ginástica olímpica e natação para principiantes*. Os dois primeiros temas tiveram uma tiragem de 15 mil peças cada um e os demais, 25mil.



FIGURA 8 – Capas do *Caderno Técnico* da CNED

Foram publicados também os *Cadernos Didáticos*, fascículos reeditados do livro *Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo*, publicado pela antiga Divisão de Educação Física, em 1968. Segundo Roberto J. de Lemos, o conteúdo deles tinha como público-alvo os alunos das escolas superiores de Educação

Física, mas eram constantemente solicitados pelos professores em atuação, público que passou a ser atendido posteriormente por meio de cursos e palestras. Tais cadernos tiveram como temas: *fundamentos do treinamento desportivo moderno, força e velocidade, resistência – endurance (1ª e 2ª parte), preparação psicológica, alimentação do atleta, controle e treinamento*. Como os *Cadernos Técnicos*, os dois primeiros números tiveram 15 mil cópias e os demais, 25 mil. Foram distribuídos também para as Secretarias Estaduais de Educação, que deveriam fazer o repasse para o destino final. As dimensões eram as mesmas (21x 27,5 cm) e foram produzidos em preto e branco e depois em azul e branco. Suas capas exemplificam, por meio dos desenhos, qual seria o assunto tratado em seu interior, procedimento seguido em todos os cadernos.





FIGURA 9 - Capas do *Caderno Didático* da CNED

Os *Desporters* eram cartazes para a divulgação de mensagens, os quais deveriam ser afixados em lugares de grande movimento, sendo destinado à comunidade em geral. No tamanho de 68cm x 50 cm, foram reproduzidos em papel de excelente qualidade, em cores e plastificados. Das 12 peças previstas com temas diferentes, 6 foram produzidas. Cada peça teve uma tiragem de 100 mil exemplares. Ou seja, foram produzidos 600 mil *Desporters*. Os temas previstos foram:

- 1) Calção nele;
- 2) Quero crescer forte;
- 3) Educação física é educação (FIG. 10);
- 4) Use as nossas bolinhas;
- 5) O quente é ser campeão;
- 6) Desporto é saúde (FIG. 10);
- 7) Isto é saúde (FIG. 10);
- 8) Força e coordenação;
- 9) Equilíbrio e segurança;
- 10) Vigor é vida;

11) Vida é confiança;

12) Confiança e harmonia.

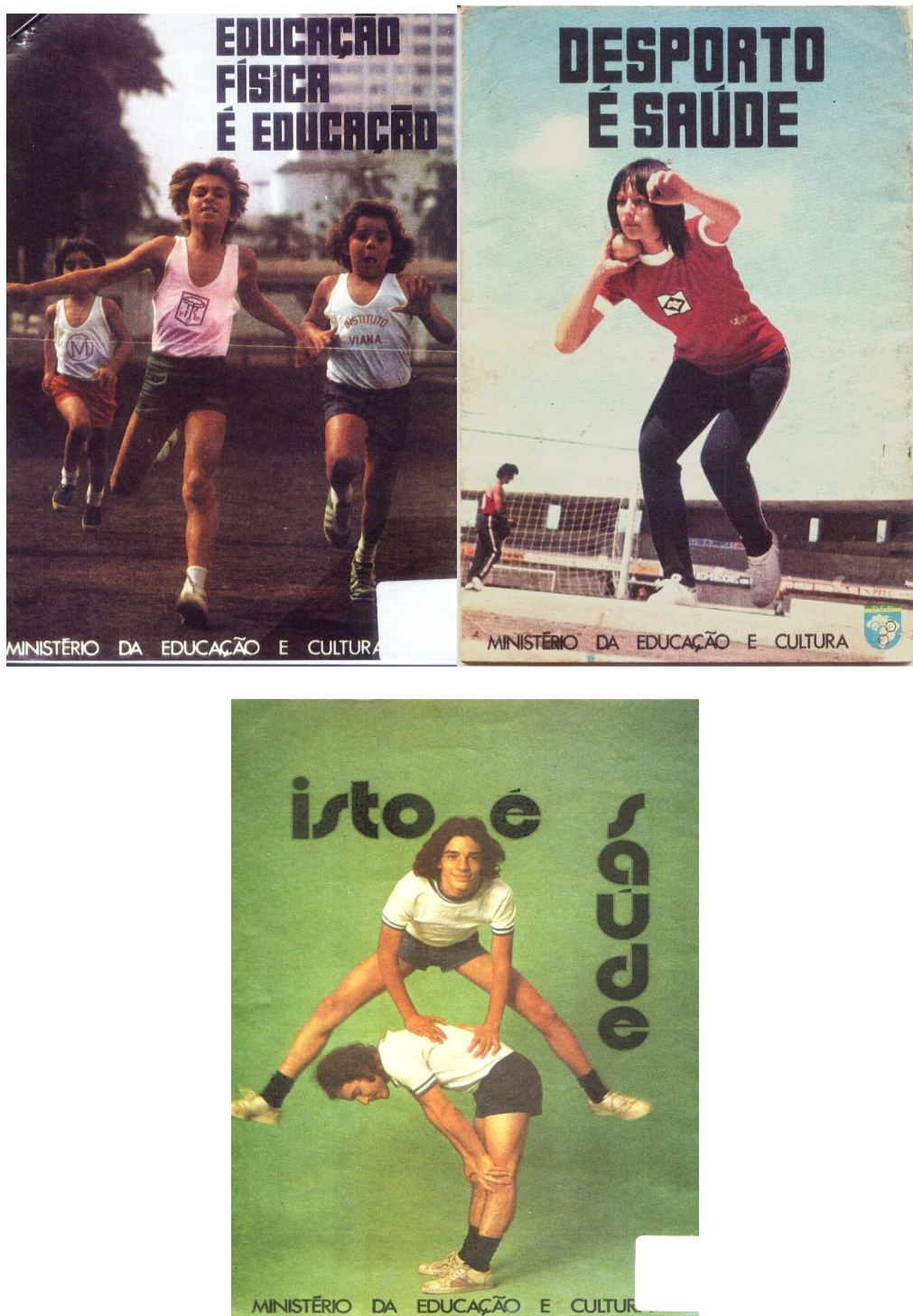


FIGURA 10 – Desporters n. 3, 6 e 7.

São evidentes as múltiplas representações de esporte veiculadas por meio desse suporte. O esporte apareceu vinculado a saúde, vigor físico, harmonia, segurança e vitória, sendo produzido como prática capaz de desenvolver tais atributos. Uma aproximação com a pretensão de desenvolver entre a população um sentimento de crença nas possibilidades de cada um e do País. A frase n. 5 – “O quente é ser campeão” – indica uma supervalorização do primeiro colocado, questão que no PED havia sido condenada, pois tal procedimento poderia levar seus praticantes a cometer exageros, o que seria algo danoso para o esporte. Observa-se aqui um distanciamento entre uma recomendação do PED e as representações de esporte difundidas na CNED.

Apenas os seis primeiros pôsteres foram para as ruas no formato imaginado. Os demais temas e fotos foram reproduzidos em tamanho reduzido, ora na 3ª capa da *RHQ Dedinho*, ora no jornal *Podium*. Um desses impressos está reproduzido na Figura 11.



FIGURA 11 – Quarta capa da *RHQ Dedinho* n. 1

Roberto J. de Lemos declarou que este pôster foi motivo de abertura de um processo na Justiça contra os seus autores. A Associação das Mães da cidade de Santos (SP), entendendo que tal pôster indicava certo preconceito contra os garotos que não gostavam de praticar esportes, trazendo certos constrangimentos sociais e discriminações, solicitou a impugnação desse cartaz e uma retratação pública por parte do DED. Essa manifestação ilustra uma reação ao modelo que se pretendia impor e como tais segmentos se organizaram para defender seus posicionamentos. Especula-se o quão difícil foi levantar tais questionamentos em uma época em que as formas de livre expressão estavam sendo cerceadas e controladas pelo governo militar.

Para os técnicos do governo, uma possível vitória por parte daquela Associação de Mães poderia significar certa desmoralização da campanha. Eles se mobilizaram, então, na tentativa de reverter a situação. A forma utilizada foi a de reunir o maior número de pessoas, com grande representatividade pública, tais como cientistas e ou pesquisadores da área, para dar seus testemunhos ressaltando sempre a presumida importância da atividade física, como exemplifica essa passagem da entrevista de Roberto J. de Lemos:

[...] quando esse processo deu entrada os astronautas americanos estavam em Brasília, inclusive Aldrin, o primeiro homem a pisar na lua. Entrevistei-o e ele disse o que eu precisava: Eu consegui levar o meu treinamento, a minha qualificação e o meu conhecimento técnico lá para cima porque o meu corpo é bom. Peguei a entrevista e a reproduzi 500 vezes. Enchi [a cidade de] Santos com a mesma. Aí veio gente em minha defesa. Raquel de Queiroz veio me defender.

Pensaram que tais testemunhos influenciariam o entendimento dos juízes no processo movido pela Associação de Mães, o que veio a acontecer mais tarde, quando o processo foi arquivado. Independentemente dos desdobramentos jurídicos de tal atitude, a manifestação de contrariedade às representações oficiais ecoa na

inteligibilidade e sensibilidade de outros grupos, o que representaria uma manifestação contrária às proposições políticas. Este episódio é um exemplo de que os modelos impostos não são sempre recebidos da maneira como imaginam seus autores, conforme propõe Michel Certeau.⁴⁵ Além disso, demonstra que mesmo sob um comando autoritário existiam espaços de organização e de defesas por direitos, servindo de modelos para outras possibilidades de reivindicações. O acontecimento ilustrou também a falta de consenso no meio social sobre a temática da prática esportiva como sendo altamente benéfica para tudo e para todos. Tal fato cria um interessante caminho de pesquisa, sobre quais os segmentos contrários a essa política, seus argumentos e quais as disputas de representações foram travadas e por que prevaleceu uma e não outra? Mas essas são questões para uma outra pesquisa.

Retomando os projetos desenvolvidos no PIDIC, houve também a produção de *filmetes* de divulgação, expressão que eles usaram para designar filmes com duração de 60 segundos cada um. Também dirigidos por Roberto J. de Lemos, tais filmes veicularam mensagens ressaltando pressupostos benefícios da prática esportiva. Foram feitos cinco filmetes com os seguintes títulos:

- * Educação Física é educação;
- * Começar cedo;
- * Renovação;
- * Ordem para o progresso;
- * Seqüência

Esses filmetes tinham como público-alvo a comunidade em geral, pois foram produzidos para transmissão em TV e cinemas, simultaneamente, para todo o

⁴⁵ Cf. DE CERTEAU, 1994.

território nacional. Em entrevista, Roberto J. de Lemos relata que não houve tempo suficiente para veicular todos. Assim, apenas os filmetes intitulados *Renovação* e *Ordem para o progresso* foram transmitidos. Destaca-se aqui o conteúdo do penúltimo, *Ordem para o progresso*,⁴⁶ que mostra crianças brincando de “pular carniça”⁴⁷ em uma calçada, tendo ao fundo a música *Escravos de Jó*. Sobreposição a essa imagem uma cena de alunos em um ginásio para ginástica olímpica executando o “salto sobre o plinto”. Ao retornar à cena inicial na rua, observa-se que um dos meninos que estava brincando tropeça em um idoso que passava pela calçada, fazendo com que ele se desequilibrasse e derrubasse os embrulhos que carregava. Com o ocorrido, toda a garotada sai correndo, fugindo do local. Retoma-se, então, a imagem dos alunos fazendo os exercícios de saltos no ginásio com equipamentos próprios e vestimentas de atleta. Na voz do locutor Cid Moreira, o filmete traz a seguinte mensagem: “Na vida como no esporte, cada coisa no seu lugar. Ordem para o progresso”.

Observa-se nesse filmete a presença de uma representação do esporte como uma atividade ordenada, regulada, que possuía regras bem claras, espaço próprio para ser praticada, o que lhe conferia um estatuto superior, com respaldo nacional e internacional. Ao mesmo tempo, o filmete desqualifica a brincadeira infantil de “pular carniça” quando demonstra ser ela perturbadora da ordem, causando o acidente com o idoso. Insinua-se a necessidade de sua substituição pelas práticas esportivas: “cada coisa no seu lugar”. Imagem e texto remeteram a brincadeira a um

⁴⁶ Esse filmete foi localizado na Biblioteca do Ministério dos Esportes, em Brasília. A partir do original foram efetuadas, no laboratório de cinema da Escola de Belas Artes da UFMG, duas cópias em VHS, uma delas doada ao Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFMG. É dela que retirei o conteúdo aqui tratado.

⁴⁷ Assim é conhecida em Belo Horizonte. Em outras localidades recebe o nome de “Toco” ou, ainda, “Pular sela”.

plano inferior ao esporte. Evidencia-se uma tentativa de esportivização da cultura de brincadeiras das crianças, pois a sobreposição de imagens insinuava que os movimentos eram os mesmos e, portanto, melhor que brincar desordenadamente nas ruas seria praticar ginástica olímpica ordenadamente e em um espaço próprio. Ao mesmo tempo, faz-se uma relação entre o que se passa no esporte e o que se passa na vida: em ambos é preciso “ordem para o progresso”. Um uso do esporte para reforçar o sentimento de um país potência em desenvolvimento: desde que todos trabalhassem em ordem, como no esporte, o progresso viria “naturalmente”. Esse uso se repetirá nas histórias em quadrinhos, analisadas adiante no Capítulo 2.

Também foram produzidos na CNED *Filmes Técnicos*, cujo público-alvo eram os alunos das Escolas Superiores de Educação Física e os professores em atividade. O objetivo era promover o aperfeiçoamento técnico deles. Foram produzidos três filmes, cada um com duração de 20 minutos. Os temas foram: 1) natação; 2) atletismo; e 3) educação física desportiva generalizada. Observa-se que este último traz uma opção metodológica que carrega em si a idéia de que o esporte deveria ser o conteúdo a ser ministrado. Essas produções, destinadas aos cursos de formação, não só enfatizaram o aspecto técnico das práticas esportivas, como também estimularam métodos de ensino esportivo, como foi o caso do filme sobre o método Educação Física Desportiva Generalizada. A distribuição desses filmes foi gratuita e feita por intermédio das Secretarias de Educação dos Estados.

Enquanto esses filmes procuraram influenciar a formação dos futuros professores de Educação Física ou, ainda, renovar os conhecimentos daqueles que já trabalhavam nessa área para o ensino dos esportes, dois outros projetos, as *Frases* e os *Trifólios*, cuidavam de produzir uma representação favorável ao esporte na população

em geral. As frases foram criadas por um grupo de trabalho do DED, com o apoio da Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República. Foram veiculadas no rádio e na TV, em todo o território nacional, semanalmente. Foram produzidas seis frases:

- 1) Esporte é vida.
- 2) Esporte é saúde.
- 3) Esporte é cultura.
- 4) Pratique esporte.
- 5) Esporte é progresso.
- 6) Povo no esporte, progresso no país.

As frases tinham como objetivo disseminar na comunidade em geral os aspectos considerados positivos do esporte, utilizando-se, para tanto, a vinculação deste com aspectos altamente salutarés do cotidiano social - vida, cultura, saúde, progresso – e a redundância das afirmações em detrimento de explicações teóricas e ou filosóficas da mesma. Tais procedimentos de propaganda trazem consigo uma idéia de convencimento pela repetição. É possível perceber a permanência dessas estratégias, por exemplo, nos discursos de programas de governo, transmissão de eventos esportivos e matérias publicitárias, ainda que fatos como violência, exclusão e *doping* no esporte coloquem em xeque as representações.

A iniciativa, sempre presente, de articular esporte e progresso em algumas frases, fazendo alusão ao lema da Bandeira Nacional – Ordem e Progresso – é significativa no sentido de perceber a estratégia do governo militar. Como no filme *Ordem para o Progresso* a relação que se pretendia fazer era de que a prática esportiva era sinônimo de progresso, pois pressupunha superação eficiência e sucesso,

e para alcançá-los era necessário disciplina e ordem. Logo, sem esses atributos não haveria o tão propagado progresso. Assim sendo, *pratique esporte* era o comando a ser seguido.

Os *Trifólios* eram fôlderes de 9 cm de largura por 21 cm de comprimento, com 3 páginas cada um, que incentivavam a prática de atividades físicas por meio de ilustrações e advertências a respeito da importância da saúde. Foram produzidas quatro peças, com tiragem de 50 mil exemplares cada uma. A distribuição aconteceu nas companhias de transporte aéreo e nas Secretarias de Educação dos Estados. Foram elaboradas pelo grupo de trabalho do DED, tendo como objetivo principal reforçar a CNED em outro segmento da sociedade: a classe média. Os temas foram:

- Receita da aeromoça;
- Você suicida;
- Não culpe a moda;
- Servicinho duro, taí!



FIGURA 12 – *Trifólio* n. 4 da CNED



FIGURA 13 – Trifólio n. 2 da CNED

O *Trifólio* n. 4, dedicado especialmente às “donas de casa”, aponta a necessidade de elas se cuidarem para dar conta de seus afazeres domésticos e, principalmente, do marido (FIG.14). Em desenhos, são exemplificados alguns exercícios ginásticos que elas deveriam fazer todos os dias, por dez minutos pelo menos. Esse impresso fez circular na sociedade brasileira uma representação de mulher atrelada aos serviços domésticos, oficializando dado entendimento em relação ao lugar da mulher na sociedade.

Após apresentar os diferentes documentos produzidos pelo DED/MEC e com o objetivo de sintetizar as produções da CNED e construir, ao mesmo tempo, uma visão ampliada da sua envergadura, apresenta-se a seguir o Quadro n.2 que reúne todos os materiais produzidos, o número de peças, a tiragem de cada material, o

público-alvo, o tema predominante e a dinâmica de distribuição. Observa-se nesse quadro a variedade de dispositivos que o DED mobilizou na CNED (jornais, fôlderes, livros, revistas, pôsteres, incursões em rádio e televisão, palestras, filmes e concursos), fazendo circular representações de esporte e de atividade física nos mais diversos públicos.

O ideal seria que toda dona de casa tivesse muita sombra e água fresca! Afinal, quem não gosta do que é bom? Mas ela não pode se dar a este luxo.

Administrar uma casa requer a sua ação constante: não é brincadeira cuidar das compras, das roupas, da alimentação, dos meninos, de uma porção de problemas e do marido (o pior de tudo)

É preciso muita disposição, e ainda por cima, todos reclamam pra valer, quando ela não está sorrindo!

Mas existe "uma fórmula mágica" para resolver este problema: empregando 10 minutos do dia em um programinha especial, a dona de casa desanuviará sua mente e o seu corpo, preparando-se para mais um *round* em prol da família.

A coisa não é tão difícil como poderia parecer. Estes são os 10 minutos mais importantes do dia, e você vai ver como tudo vai se modificar.

Se você pensa que sua movimentação diária já é uma forma de ginástica, enganou-se!!!

Comece o dia cuidando de você e terá mais disposição para cuidar de tudo o mais. Não se esqueça de que o mais importante, dentro de um lar, é a dona deste lar. Cuide-se desde já, e todos viverão muito melhor — ponha a ginástica em sua vida e ela lhe dará o sorriso que talvez esteja faltando.

FIGURA 14 – Página interna do *Trifólio* n. 4 da CNED

Percebe-se pela sua envergadura, investimento e trabalho que a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* deveria não ser só propagada, mas também sentida sob todas as maneiras possíveis de apreender determinado assunto, ou seja, praticando, lendo, ouvindo, assistindo e discutindo. Essa variedade de suportes de condução da mensagem possibilita, ao mesmo tempo, divulgá-la e reforçá-la no sentido de fixar, criar raízes e ou inculcar dada representação. Este é um dos primados da comunicação de massa, que tem como regra a necessidade da redundância da mensagem.⁴⁸

A CNED divulgou o esporte de diversas maneiras usando variados suportes e mídias disponíveis no período. Enveredou, assim, por diferentes temas a ele relacionados, tais como aspectos técnicos, táticos, fisiológicos e questões relacionadas com a didática. A campanha foi pensada e articulada para atingir os diversos públicos e reforçou sistematicamente a representação de que o esporte era um conteúdo que deveria ser praticado e ensinado em todos os espaços possíveis, especialmente na escola, por meio da Educação Física, configurando um amplo movimento de esportivização do social. Esses dados permitem considerar a CNED como um marco na intervenção do Estado no esporte, tanto pela variedade de dispositivos utilizados como pelo investimento de recursos financeiros e humanos.

Essa variedade de dispositivos ilustra os desdobramentos das leituras que os técnicos do governo fizeram do *Diagnóstico da Educação Física e do Desporto*, produzido em 1970. Observa-se que o DED não só reproduziu representações de esporte ali contidas, como também construiu outras e, por mecanismos diversificados, colocou-as em circulação no País. Dessa maneira, será importante, em outros estudos,

⁴⁸ Cf. FAGEN, 1985.

investigar a repercussão dessa política na inteligibilidade e subjetividade daqueles que a receberam e os usos (previstos e não previstos) feitos a partir dela, construindo, enraizando e consolidando representações de esporte e de Educação Física, na escola e fora dela.

Em síntese, o que se pretendeu mostrar até aqui foram os dispositivos produzidos no *Plano de Educação Física e Desporto*, procurando dimensionar o tamanho e a abrangência da intervenção do Governo Federal, por intermédio do DED/MEC, naquele período, no âmbito da Educação Física e do Desporto. A preocupação central passa a ser agora realizar investigação mais detalhada dos elementos constitutivos da *RHQ Dedinho*, dada a sua destinação ao público infantil e a sua distribuição em escolas. Segundo Chartier (1990), “não há compreensão de um escrito que não dependa das formas através das quais ele chega ao seus leitores”, pois elas influenciam de maneira peculiar as leituras que se seguem e as conseqüentes apropriações. Dessa forma, investigar as intenções de seus autores, as escolhas tipográficas e as formas de distribuição, circulação e reprodução dessa revista é um movimento fundamental para compreender significados e sentidos construídos a partir dessas opções, permitindo, assim, perceber em que medida as formas adotadas potencializaram a leitura das mensagens presentes nas histórias.

Capítulo 2

HISTÓRIA EM QUADRINHOS DEDINHO: CONFORMANDO O ESPORTE NA ESCOLA

O propósito deste capítulo é problematizar, em um primeiro momento, as origens, funções e processos de assimilação da leitura de histórias em quadrinhos, procurando apreender os motivos que levaram à sua escolha como estratégia para atingir o público infanto-juvenil. No segundo momento, apresentam-se os aspectos constitutivos do processo de idealização, elaboração e distribuição da *RHQ Dedinho*. Com isso, procurou-se realizar uma “arqueologia” desse impresso, ancorado no que a este respeito propõe Roger Chartier (1988).

2.1 Histórias em quadrinhos e sociedade: um diálogo acirrado

A relação das histórias em quadrinhos com a realidade é bem complexa. No todo, ela é verdadeiramente uma testemunha do seu tempo e tudo pode ser encontrado nela, mas os graus de transposição são muito desiguais. Importante é compreender que a história em quadrinhos não é um fenômeno gratuito, completamente isolado de toda tradição. Pelo contrário. Na medida em que é uma arte chamada popular ela pode receber muito mais tradições e influências que as artes ‘oficiais’ que estão mais ou menos esclarecidas ou fechadas nelas mesmas (COUPÉRIE, 1970).

É freqüente o entendimento de que as histórias em quadrinhos nasceram nos Estados Unidos da América, tendo em vista a grande produção dessa literatura nesse país. Todavia, estudos atribuem ao suíço Topffer a paternidade dessa arte. Segundo Zilda Augusta Anselmo (1975, p. 42), os trabalhos que influenciaram a origem das histórias em quadrinhos foram as estampas de Epinal. A primeira, produzida em 1806, era apenas uma ilustração de um acontecimento das guerras napoleônicas, mas posteriormente passaram a ser relatos de uma sucessão de fatos. Em

geral, tais estampas eram gravadas em madeira e vendidas na província de Epinal, na França. Além dessas, outras histórias em imagens, sem legendas, surgiram nessa época (1880) e tinham como finalidade ilustrar um texto. A autora (1975, p. 43) aponta Georges Colomb como criador das histórias em quadrinhos francesas. Um francês conhecido como Christophe (pseudônimo), que colaborava com um jornal para crianças na França, o *Petit Français Illustré*, desenhava histórias para seu filho e, ao mesmo tempo, as vendia. Quando seu filho aprendeu a ler, ele introduziu as palavras em seus desenhos. Welington Tadeu S. Araújo (1999, p. 17) salienta que as histórias em quadrinhos tiveram como bases formais e estruturais o grafismo sintético e a narrativa visual (presença constante nas gravuras cômico-políticas), mas foram os romances de folhetim e a literatura infantil que forneceram seu substrato literário.

“Na década de 1820, Topffer criou *Lês Amours de Monseieur Vieux-bois*, sua primeira história composta por seqüências de desenhos com legendas” (ARAÚJO, 1999, p. 17) Em cada localidade por onde se fizeram presente, as histórias em quadrinhos foram batizadas de um jeito. Essa modalidade, “devido à pressa da produção e da difusão, recebeu nomes ditados por aspectos e circunstâncias diferentes” (CAGNIN, 1975 p.22).⁴⁹

No Brasil, a introdução e o desenvolvimento das histórias em quadrinhos se deram inicialmente por intermédio da importação de revistas do gênero.⁵⁰ Mas é em

⁴⁹ Outras denominações para Histórias em Quadrinhos: *Comics*, *Funnies* (EUA); *Bandes-dessinées* (França); *Fumetti* (Itália); *Tebeo* (Espanha); *Historieta* (América Espanhola); *História aos Quadrinhos* (Portugal), *História em Quadrinhos* e *Gibis* (Brasil) (CAGNIN, 1975, p. 23).

⁵⁰ “A tradição de revistas em Quadrinhos no Brasil teve início no princípio do século XX com *O Tico-Tico*, lançado em 11 de outubro de 1905. O *Tico-Tico* publica as histórias de Buster Brown, personagem de Outcalt, com o nome de Chiquinho... Chiquinho foi tido como personagem nacional, mas na realidade trata-se de uma copia de Buster Brown, de Outcalt” (ANSELMO, 1975, p. 67)

Pererê (1959), de Ziraldo, que acontece a primeira tomada de consciência da realidade nacional por meio dos quadrinhos.⁵¹

Essa forma de comunicação de massa foi alvo de crítica, perseguição, censura e louvores. Quanto aos aspectos negativos, recaem sobre ela as acusações de que o processo de leitura predispõe os leitores a uma atitude de preguiça mental, retarda o processo da abstração e dificulta o hábito da leitura. Quanto ao conteúdo, elas possuem uma linguagem descuidada, temas nocivos, como política, ficção exagerada, baixo nível moral e, muitas vezes, apresentam-se com um aspecto material pictórico ou tipográfico falho ou imperfeito, podendo causar sérios danos à formação dos jovens leitores, além de possuírem um mecanismo básico de aprendizagem que é o da “identificação projetiva”, o qual atua na direção de um reforço de atitudes à imitação dos heróis das histórias. Os argumentos que enalteciam esse gênero literário se baseiam na posição psicológica catártica, por meio da qual os leitores, ao se deliciarem com as histórias, aliviam seus complexos e frustrações.⁵² Observe-se que muitas dessas discussões fomentaram o debate brasileiro na década de 70, período em que foi elaborada a *RHQ Dedinho*, aqui tratada. Foi nessa mesma época que, segundo Araújo (1999), o gênero atingiu seu apogeu no Brasil.⁵³ Ora, era um impresso que estava inserido em um movimento de expansão e difusão, o que deixava sua inclusão no meio social bem mais facilitada. Os indícios mostram que não foi alheio a esses

⁵¹“ Tudo em Pererê é Brasil: o cenário; a situação familiar; seus personagens; os animais e as expressões idiomáticas. Algumas histórias focalizam o Futebol, o grande esporte dos brasileiros” (ANSELMO, 1975, p. 69)

⁵² Cf. ANSELMO, 1975.

⁵³ Segundo Moacyr Cirne (1971), na década de 60 foram produzidas histórias em quadrinhos que viriam se tornar importantes expoentes desse gênero como *Os Fradinhos* de Henfil (1964-1969), *Capitão Cipó* de Daniel Azulay (1968), *Pererê* de Ziraldo (1962-1964) dentre outros, todos na perspectiva de uma nacionalização desse gênero literário. Na década de 70 nasceu a *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa.

acontecimentos a escolha desse suporte para ser um dos impressos considerados mais importantes na CNED promovida pelo DED/MEC.

Para Anselmo (1975, p. 95), são conflitivas e freqüentemente extremadas as posições em relação às funções das histórias em quadrinhos e, ainda, com pouca fundamentação científica, carecendo, dessa maneira, de mais investigações. Em seus estudos, porém, a autora aponta interessantes relações dessa literatura com os adolescentes. Algumas delas têm relação direta com essa investigação, tais como: a relação entre consumo de histórias em quadrinhos e escolaridade, idade cronológica, sexo e prática de esportes.

Em uma pesquisa por amostragem realizada em meados da década de 70, Anselmo (1975, p. 115) indicou que o percentual maior de leitores dessa literatura se encontra na 1ª série (94%) do ensino fundamental e que esse percentual tende a cair, lenta e gradualmente, com o aumento da idade. Não foi verificada nenhuma relação de dependência entre a variável sexo e a variável de leitores. Ou seja, ambos os sexos lêem histórias em quadrinhos igualmente. Analisando a relação do consumo com a variável nível socioeconômico (Escala Azzi Marchi), a autora apontou um percentual maior de leitores no nível médio (95%), seguido de perto pelo nível rico (93%). Não foi encontrada nenhuma relação de dependência entre o rendimento escolar geral e a freqüência de leitura. Ou seja, tanto alunos com notas altas como alunos com notas baixas são igualmente leitores. Por último, mas não menos importante, a autora constatou que o percentual de leitores foi maior entre os adolescentes que praticam esportes (91%) do que entre os que não praticam (82%).⁵⁴

⁵⁴ Certamente outros estudos são necessários para perceber esta relação, agora no início do século XXI. A pretensão aqui foi demonstrar o que se pesquisava na época em que circulava a *RHQ Dedinho*.

Para Abrahão (1972), o processo das histórias em quadrinhos é educativo, estimulador e desafiante para o mundo infantil.⁵⁵ Ressalta o autor a grande responsabilidade de autores e editores em relação aos conteúdos utilizados e ou ao uso dessa literatura para fins comerciais. Nesse sentido, o debate atual (início do século XXI) condena os quadrinhos que reproduzem constantemente o aspecto colonizador/imperialista e que não trazem conflitos reais, apontando para a elaboração de quadrinhos que problematizem mais as questões sociais, políticas e econômicas nacionais. Esse debate iniciou-se nas décadas de 60 e 70, mas, segundo Moacyr Cirne (2000), ainda se faz presente e necessário:

Será que a situação mudou? Os ‘comics’ enlatados continuam nos massacrando. Assim como nos massacra o cinemão hollywoodiano, tudo em nome da modernidade, da globalização, da economia de mercado. Somos condenados à mais completa merdice cultural e o sistema (com seus intelectuais robotizados), agradecido, bate palmas. Investimos na crítica panfletária com paixão: era a nossa principal arma (ideológica) contra a ditadura. Cometemos excessos, evidentemente. Através da Poeticidade Libertária, hoje, procuramos nos livrar desses excessos, mas não da paixão (CIRNE. 2000, p. 48).

O autor, ao rever suas críticas do final dos anos 70 sobre os quadrinhos americanos, reconhece que surgiram muitos artistas que, por meio de suas criações, opuseram-se ao quadrinho “enlatado de padrão disneal”. Contribuindo para o debate, Araújo (1999) indica um conceito do *quadrinho-arte*, que consiste na realização

bem sucedida de sua proposta criativa, na adequação entre o tema, ritmo de narrativa, estilo de desenho e texto [...]. Não é apenas a excelência técnica que faz a arte, mas a forma como o artista relaciona técnica (téchne) e expressão artística (poiesis), compondo uma obra que, no conjunto dos elementos que a compõem e na relação com a produção que a precedeu, seja original e inovadora.

⁵⁵ “Na realidade, toda literatura infantil, como qualquer jogo, físico ou mental, constitui para a criança uma prática estimuladora do crescimento, um exercício útil para o desenvolvimento de suas aptidões e habilidades: a literatura em quadrinhos, entretanto, no que concerne ao crescimento mental, é exercício mais funcional do que os outros, mais orgânico e natural, mais científico mesmo. Neste jogo, tão adequado ao seu fim e à esquiava natureza de seus participantes, todos os elementos utilizados são rigorosamente aproveitados e incorporados à personalidade da criança, ou assimilados por ela, constituindo todos, sem qualquer desperdício, verdadeiro crescimento, num ou noutro sentido, educação de qualquer forma, autêntica às vezes, às vezes deturpada” ABRAHÃO, 1972.

Segundo o autor, essa combinação poderia fazer parte da “indústria cultural”, que promoveu a universalização das imagens como um bem de consumo e, ao mesmo tempo, representou uma postura crítica e até questionadora da sociedade que a produziu. Crítico das histórias em quadrinhos pasteurizadas, com desenhos repetitivos e com enredos clichêrescos, o autor não considera tais trabalhos uma arte, pois se prestam exclusivamente a fins comerciais.

Percebe-se, então, como esse gênero literário motivou inúmeros estudiosos a pesquisar em torno de sua problemática e quão significativo foi o momento em que as *RHQs Dedinho* foram produzidas (1971).

2.2 Abaixo a monocultura do futebol: autores, produção e objetivos da *RHQ Dedinho*

A proposta original das *Cartilhas Desportivas* foi do tenente-coronel Octávio Teixeira (coordenador adjunto do DED). A forma quadrinizada foi sugerida por José Catarino dos Santos, o *layout-man*, funcionário responsável pela confecção do material publicitário da CNED. O personagem principal, Dedinho,⁵⁶ e as mensagens das histórias foram de autoria do capitão Roberto J. de Lemos, as quais eram encaminhadas para a editoração e publicação. Na Editora Abril,⁵⁷ empresa que ganhou

⁵⁶ Importante registrar que em 1964 foi lançada pelo SESI uma revista em quadrinhos intitulada *Sesinho* (CIRNE, 1982), que poderia ter influenciado a escolha do nome *Dedinho*. Todavia, Roberto J. de Lemos afirma que foi sua a criação do personagem e do nome.

⁵⁷ A Editora Abril, que pertencia a Victor Civita, lançou, em maio de 1970, os famosos quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, com uma tiragem de 200 mil cópias. Por causa do grande sucesso de vendagem, em junho de 1971 ela aumentou para 250 mil o número de cópias. Considerando que tais revistas eram um negócio rentável para a Editora e comparando essa tiragem com a da *RHQ Dedinho* (1 milhão), percebe-se que para a Editora Abril as revistas encomendadas pelo DED significaram um grande negócio, pois foram cinco vezes mais cópias que a revista da *Turma da Mônica*, e com a garantia da venda ao próprio DED.

a licitação⁵⁸ para a produção e publicação, as mensagens ganharam roteiros e ilustrações de acordo com as informações transmitidas por Roberto J. de Lemos. Os técnicos da Editora⁵⁹ que trabalharam com a ilustração e o roteiro das revistas foram, respectivamente, Randal Adorno e Mirna Pinski, posteriormente substituída por Nádia M. R. Carvalho.

A equipe que coordenou a CNED temia que a idéia de diversificar a prática esportiva por meio da cartilha não fosse aceita pelo público infantil. Para superar esse possível obstáculo, Roberto J. de Lemos relatou o procedimento que, então, adotaram:

para que a garotada não entrasse em choque com a idéia de outros esportes, nós pegamos os personagens americanos e criamos o Herói Nacional: o Dedinho. Esperávamos que a garotada se identificasse com ele (Entrevista).

A representação de herói presente nas histórias em quadrinhos, em geral, é a de uma pessoa especial, com poderes elevados, pronta a ajudar as pessoas em apuros. Tal representação parece ter orientado a vinculação que se pretendia fazer em relação ao DED, ou seja, a de um departamento novo, forte, capaz de ajudar um país a superar sua condição considerada precária na área esportiva. São vários os indícios a respeito: as primeiras frases do Dedinho (“Já nasci grande”), a explicação da construção do emblema do DED (como já citado) e a envergadura das ações políticas previstas, dentre outras. Indagado sobre os motivos pela opção por uma história em quadrinhos e sobre a ausência do futebol entre os esportes tratados na revista, Roberto J. de Lemos pondera:

⁵⁸ Sobre tal licitação Roberto J. de Lemos nos diz que era feito uma grande reunião com a presença de várias empresas e da imprensa especializada, e nela se acordava quem teria condições de atender às demandas. Chegou-se a um consenso de que a Editora Abril faria esse trabalho, inclusive com o preço do transporte incluído.

⁵⁹ Por telefone, fez-se um contato com o gerente da Editora Abril, na época, o Sr. Luiz Edgard Tostes (hoje residente em Brasília), para uma possível visita para o levantamento de dados a respeito dos custos da revista e ele foi categórico em responder: “Você vai perder seu tempo vindo aqui. Se existe alguma coisa eu não sei onde está.” Indagado sobre a existência de um arquivo da Editora ele respondeu que isso seria muito pouco provável.

a idéia era de simplificar os procedimentos para tornar a prática de atividades esportivas exequível nos diversos pontos do território nacional e acabar com a monocultura do futebol. E deu certo, o próprio Bernard da Seleção Brasileira de vôlei, aquele da ‘Jornada nas Estrelas’, disse em entrevista alguns anos atrás que passou a jogar vôlei depois que leu a revista Dedinho.

A justificativa para se fazer tamanho investimento nessa faixa etária (de 7 a 14 anos) foi a facilidade que eles imaginavam de motivar a criançada a praticar determinados esportes. Roberto J. de Lemos aponta a população adulta como já detentora de hábitos bem consolidados, sendo, portanto mais difícil mudá-los:

É difícil você mudar o comportamento de uma pessoa de 30 anos. O cara de 30 anos que nunca praticou esporte não vai praticar mais. A não ser que você pague para ele praticar. Já o jovem está propenso a atividade física.(Entrevista)

Se a proposta do DED era a de incentivar a prática esportiva por meio de explicações adaptadas para a população infantil, a forma encontrada para facilitar o entendimento dos aspectos técnicos e táticos do esporte foi a *Cartilha Desportiva*, traduzida na *RHQ Dedinho*, idéia que ganhou força com o entendimento de que a criança poderia levar, mais tarde, o adulto também a praticar esportes: *O jovem leva o adulto a uma participação passiva, então daqui a pouco pode levar o adulto a praticar [esportes].* (Entrevista).

Do depoimento de Roberto J. de Lemos depreende-se que a *RHQ Dedinho*, mesmo sendo dirigida para um público de 7 a 14 anos (indicação que consta na segunda capa das revistas), havia um interesse em atingir também a população adulta. Observa-se, então, que as crianças constituíam seu público-alvo, mas que, ao mesmo tempo, foram usadas como veículo para incentivar a prática esportiva entre os adultos. Mas essa intenção declarada por Roberto J. de Lemos trinta anos depois corresponde às reais intenções daquele momento, ou são suas elaborações atuais influenciadas pelo tempo e por acontecimentos posteriores e usadas por ele para justificar melhor as

escolhas então realizadas? Pretende-se com o cruzamento das fontes⁶⁰ aqui levantadas analisar questões como essa, para tentar perceber o movimento que leva à produção e circulação desse documento oficial.

A *RHQ Dedinho* encontrava um enorme desafio: desenvolver nas crianças o gosto por outros esportes, quando no Brasil ainda repercutia as “glórias” da conquista do tricampeonato de futebol pela Seleção Brasileira, que aconteceu no ano anterior ao lançamento da revista. Nessa época só se falava em Pelé, Tostão, Jairzinho e companhia.

O termo “cartilha” carrega já em si uma conotação de algo que deve ser seguido à risca ou, em outras palavras, um guia que serve para nortear ações futuras. Esse sentido, aliás, sintonizava-se com as formas pelas quais os capitães, generais e coronéis comandavam suas administrações. E parecem ser mesmo essas as pretensões de seus autores, ou seja, dizer por meio das *RHQs Dedinho* – uma “cartilha desportiva” – o que a garotada deveria praticar, como deveria ser e também onde praticá-la – essa foi a intenção que orientou sua produção e circulação.

Foram elaboradas seis histórias diferentes, cada uma contando sobre determinada modalidade esportiva. As três primeiras foram a respeito do atletismo e tinham como títulos: “Pernas pra que te quero!” (n. 1), fazendo alusão às corridas; “O pulo do gato” (n. 2), fazendo referência aos saltos, e “Braço é braço” (n. 3), uma história sobre os lançamentos e arremessos. Essas três peças foram as únicas reeditadas, mesmo após o término da CNED, de 1975 a 1978. Os outros três números contavam as histórias dos esportes coletivos e receberam os títulos: “Cesta minha gente” (basquete, n. 4); “Bola pra cima” (vôlei, n. 5); e “Bola no barbante” (handebol,

⁶⁰Cf. FARIA FILHO, 1996.

n. 6). A seguir, apresentam-se as análises dos aspectos constitutivos desse projeto, tais como os autores e seus objetivos, a editora responsável, a produção e as formas como elas chegaram aos seus leitores.

2.3 A construção de sentidos por meio das formas: analisando a produção e a distribuição da *RHQ Dedinho*

2.3.1 Formato, tiragem e ciclo de vida

A *RHQ Dedinho* não fugiu à regra das leis mercadológicas do gênero, adotando tamanho semelhante ao das demais histórias em quadrinhos (15 cm de largura e 21 cm de comprimento), editada em cores variadas e em papel considerado próprio para o uso escolar (com mais resistência). Esses três aspectos (tamanho, tipo de papel e desenhos coloridos) fizeram desse impresso um veículo de comunicação de fácil manuseio e com fortes atrativos, procurando provocar nas crianças o desejo pela sua leitura. Tal propósito seria bem mais difícil se o suporte escolhido fosse um livro de capa dura e com páginas sem desenhos. É provável que muitos seriam os alunos que sequer abririam tais livros, o que diminuiria a quantidade de leitores das mensagens ali presentes. O suporte escolhido (revista de histórias em quadrinhos) procurou facilitar significativamente para seu público-alvo a exposição e a circulação das representações de esporte nela presentes. O DED, por meio da equipe técnica da *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo*, entendeu que uma revista de histórias em quadrinhos não só era própria para a faixa etária eleita como alvo (7 a 14 anos), pois atraía a atenção desse público, como também para o tipo de leitura possível em aulas de educação física (essa era uma recomendação para seu uso), ou seja, em um ambiente com vários atrativos, em lugares como quadras, pátios e campos. Nesse caso, a forma escolhida (história infantil, em cores e em forma de quadrinhos) revestiu de

importância as representações presentes nos enredos e facilitou significativamente a sua circulação, pois procurava criar uma motivação favorável para a leitura, procedimento que visava ampliar o público que manuseava a revista.

Quanto à quantidade de cópias produzidas, Roberto J. de Lemos relata que *foram produzidos um milhão de exemplares de cada cartilha. Depois do Mobral, o DED era o segundo maior editor do Brasil.*

Tendo em vista que foram seis números e que três foram reeditados com o mesmo número de reproduções, tem-se um total de 9 milhões de *RHQ Dedinho* colocadas em circulação. Segundo ainda o coordenador da CNED, a idéia era de que três a quatro alunos tivessem contato com as histórias usando a mesma revista. Ou seja: se foram produzidas 9 milhões de revistas, previa-se no mínimo 27 milhões de escolares leitores, se todas chegassem ao seu destino. Tais revistas ainda hoje (2003) podem ser encontradas em residências e escolas, permanecendo em circulação muitos anos após a sua distribuição inicial, aumentando possivelmente o número de pessoas que tiveram contato com elas. A quantidade produzida certamente não garante o número de leitores, mas revela a intenção dos agentes do DED/MEC de atingir uma grande parcela dos escolares brasileiros, o que reforça a informação de que esse foi um dos projetos em que a equipe do DED mais se empenhou na CNED, por causa do seu grau de abrangência e custo, e, especialmente, do impacto desejado por ela.

De acordo com os planos da primeira equipe que compôs o DED o ciclo de vida da revista deveria ser de 1971 a 1974, período correspondente a duração do contrato de trabalho firmado com todos profissionais que compunham o “time”⁶¹. Todavia, a equipe foi destituída em 1974, mas a revista não. Todos os números criados

⁶¹ Cf. LEMOS, 1985.

por Roberto J. de Lemos foram editados ainda no período sob sua coordenação, mas as três primeiras séries foram reeditadas nos anos que se seguiram até 1978, ano em que o DED foi extinto. A *RHQ Dedinho* inspirou o aparecimento de outras revistas do gênero como a *Seedinha*, expressão no diminutivo que simbolizava o nome do departamento que substituiu o DED, a SEED (Secretaria de Esporte e Educação Física).

2.3.2 Distribuição e circulação

A confecção técnica e a distribuição da *RHQ Dedinho* foi terceirizada. A Editora Abril, vencedora da licitação, distribuía para as Secretarias Estaduais de Educação de todo o Brasil, e destas para as escolas, que as recebiam gratuitamente, obedecendo à proporção de alunos federados, relatados no *Diagnóstico* (1971). Ou seja, o Estado com maior número de atletas, identificado pelas inscrições nas respectivas federações, recebia mais revistas. Tendo em vista os escassos atletas identificados nas regiões Norte e Nordeste, é possível que tenha sido pequeno o número de exemplares da *RHQ Dedinho* que seus Estados receberam. Roberto J. de Lemos relata que em função da precariedade administrativa de algumas secretarias os agentes do DED tiveram várias vezes que sair de Brasília para ir aos Estados para promover pessoalmente a distribuição das *RHQ Dedinho* às escolas: *Principalmente no Nordeste a maioria das secretarias recebia o material e guardava. Aí saía eu, Takarrashi e o Ari para desentocar as revistas.*

Segundo seu depoimento, no Estado do Maranhão aconteceu de o governador proibir a distribuição das revistas, pois alguns pais de famílias alegavam que o esporte, principalmente o vôlei, promovia uma série de agressões ao corpo feminino, inclusive sobre a virgindade de suas praticantes. Roberto J. de Lemos conta

que ele teve de ir pessoalmente ao Maranhão, levando uma equipe de palestrantes e atletas femininas para dar seus depoimentos, na tentativa de convencer a população do contrário.

Outra recepção não prevista da *RHQ Dedinho* foi a comercialização dela por professores de Educação Física, os quais pegavam gratuitamente nas Secretarias de Educação e as vendiam para as escolas e, algumas vezes, diretamente para os alunos. Foi por causa desse procedimento que a partir do terceiro número acrescentou-se na capa a tarja indicando “Distribuição gratuita”. A Figura 14 apresenta a capa de uma revista com a tarja e uma sem. Esses exemplos indicam as circunstâncias que envolveram a distribuição das revistas e também o empenho despendido pelo DED para fazer valer suas representações sobre a Educação Física e o esporte, tomando atitudes imediatas para impedir usos não previstos de sua distribuição.



FIGURA 14 – Capas das *RHQ Dedinho* n. 2 e n. 1.

Tendo em vista que o destino previsto para a *RHQ Dedinho* era as escolas e que na segunda capa havia a determinação “Utilização orientada pelo professor de

Educação Física para crianças a partir de 8 a 14 anos de idade”, depreende-se que a distribuição para os alunos deveria ocorrer nas aulas de Educação Física. Contudo, no jornal *Podium* n. 8 (FIG. 15) – impresso criado pelo DED para fazer circular as notícias da CNED – aparece, na seção de cartas do leitor, uma nota de que várias escolas da então Guanabara, Rio de Janeiro, estavam usando a revista na disciplina de “Comunicação e Expressão” (Português, atualmente) e que elas teriam sido enviadas ao exterior como exemplo de um trabalho interdisciplinar realizado em uma escola. Mesmo considerando que tais professores as utilizaram com outros fins (poderiam ter tratado de estilos literários, por exemplo), tal acontecimento indica outro uso não previsto da revista. Sem se dar conta, os professores retomaram o assunto de esportes, ampliando o momento de exposição dos alunos aos conteúdos de cada história. Segundo Roberto J. de Lemos, muitas escolas faziam contato com o DED para adquirir mais revistas, pois os alunos as levavam para casa e não as devolviam. Esse foi outro acontecimento que ampliou ainda mais o público leitor dessa revista em quadrinhos, levando a crer que públicos diferentes daqueles que se previu anteriormente tiveram contato com suas mensagens. Assim, a circulação da revista não se restringiu às aulas de Educação Física, como se imaginava de início. Pode-se concluir que tal fato contribuiu para ampliar, ainda mais, a propagação das mensagens presentes em tais revistas, o que potencializou sobre maneira a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo*.



FIGURA 15 – Nota do jornal tablóide *O Podium*, n. 8, p. 21.

2.3.3 Capas das RHQs Dedinho

Na capa das revistas, a figura do Dedinho era presença garantida. Em quatro delas ele aparece no centro da capa, de corpo inteiro, praticando alguma modalidade esportiva. Nas outras duas, seu rosto aparece destacado, localizado no canto superior da página, ao lado do título, como que avaliando a história ou ainda querendo dizer que a revista era do DED. Como no enredo das histórias, Dedinho é o personagem principal, pois sua figura é a única que aparece em todas as capas e em tamanhos maiores que os demais personagens.

Na segunda capa (ou contracapa), vinham as informações sobre responsabilidade da produção, edição, indicação de quem deveria orientar a leitura, para que faixa etária era destinada, nomes de seus criadores, roteirista, desenhista, letreiro e também o ano de produção, como exemplifica a Figura 16:

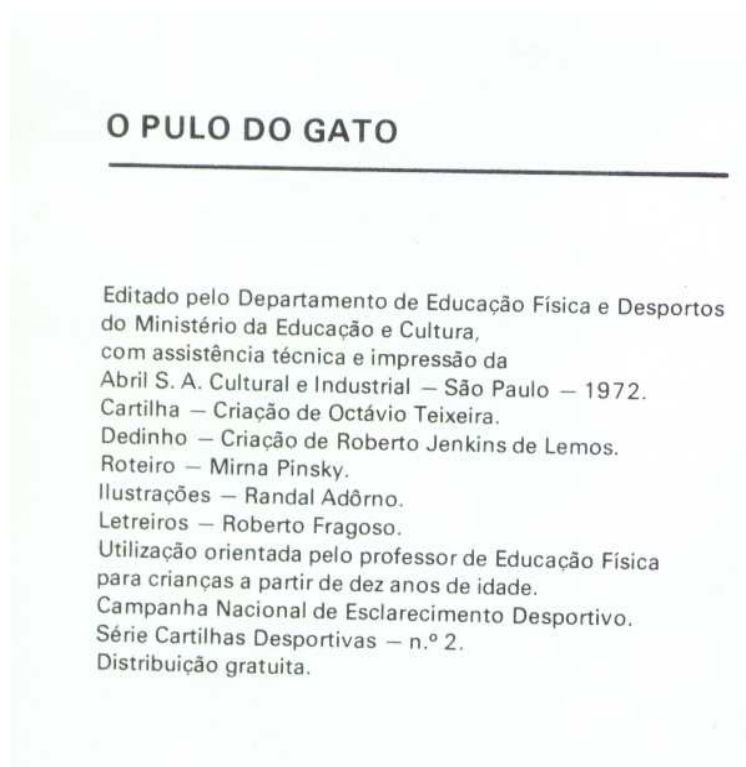


FIGURA 16 – Contracapa da RHQ Dedinho, série 2

Para as três primeiras séries em que a *RHQ Dedinho* tratou dos esportes individuais, a terceira capa (a que se vê junto com o final da narrativa) trazia quadros com informações sobre os atletas que mais se destacaram naquelas modalidades, com suas respectivas marcas, ou seja, os recordes brasileiros (FIG. 17).

AS CORRIDAS E OS RECORDES BRASILEIROS		
MASCULINOS		
100 m rasos — José Telles da Conceição e Luis Gonzaga da Silva		10" 2
200 m rasos — José Telles da Conceição		20" 8
400 m rasos — Anubes Ferraz da Silva		47" 4
800 m raso — Darcy Leão Pereira		1' 49" 9
1 500 m rasos — José Romão Andrade da Silva		3' 47" 1
3 000 m rasos — José Romão Andrade da Silva		8' 05" 2
5 000 m rasos — José Romão Andrade da Silva		14' 10" 5
10 000 m rasos — José Romão Andrade da Silva		30' 24" 4
110 m com barreiras — Carlos Luiz Massa		14" 1
400 m com barreiras — Anubes Ferraz da Silva		51" 8
3 000 m com obstáculos — Sebastião Mendes		9' 01" 8
Revezamento 4 x 100 m — José Telles da Conceição, Afonso Coelho da Silva, João Pires Sobrinho e Joe Satow		40" 6
Revezamento 4 x 400 m — Anubes Ferraz da Silva, Ulisses Laurinda dos Santos, Argemiro Roque e Peter Ostermayer		3' 12" 6
FEMININOS		
100 m rasos — Silvina das Graças Pereira		11" 7
200 m rasos — Silvina das Graças Pereira		23" 9
400 m rasos — Iranice Maria Rodrigues		53" 9
800 m rasos — Iranice Maria Rodrigues		2' 08" 5
Revezamento 4 x 100 m — Silvina das Graças Pereira, Elizabeth Cândido, Aida dos Santos e Glória Laranja		46" 0
Revezamento 4 x 400 m — Aida dos Santos, Solange Lazoski, I. M. Rodrigues e Rosângela Veríssimo		3' 53" 0
* 100 m com barreiras — Elizabeth Cândido Nunes		14" 4
* Pendente de homologação		

FIGURA 17 – Terceira capa da RHQ Dedinho n. 1

Nos números que trataram dos esportes coletivos não se seguiu a mesma regra. O número dedicado ao basquete apresentou os resultados das seleções brasileiras em jogos pan-americanos e em campeonatos mundiais e também os clubes campeões e suas colocações em competições internacionais (FIG. 18). O que tratou do vôlei transcreveu apenas os resultados das seleções brasileiras masculina e feminina (FIG. 19). O destinado ao handebol estampou uma gravura em pontilhados de um atleta arremessando a gol (FIG. 20). Os resultados brasileiros no handebol não eram bons naquele momento e, coincidência ou não, foi a única terceira capa que não teve

registro de times e ou atletas participantes. Observa-se que esta opção tipográfica de colocar os recordes, clubes e atletas de destaque funcionou como meio de informação a respeito dos acontecimentos de cada modalidade esportiva, bem como um modelo a ser seguido pelos leitores, reforçando novamente a representação de que era importante conseguir as primeiras colocações em competições.

BASQUETE MASCULINO — CLUBES	
1) CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE CLUBES CAMPEÕES	
1965 - CORINTHIANS - Campeão	
1966 - CORINTHIANS - Campeão	
1967 - BOTAFOGO - Campeão	
1968 - SÍRIO - Campeão	
1969 - CORINTHIANS - Campeão	
1970 - SÍRIO - Campeão	
1971 - SÍRIO - Campeão	
1972 - SÍRIO - Campeão	
2) CAMPEONATO MUNDIAL DE CLUBES CAMPEÕES	
1966 - CORINTHIANS - Vice-Campeão	
1967 - CORINTHIANS - 3.º Colocado	
1968 - BOTAFOGO - 4.º Colocado	
1969 - SÍRIO - 3.º Colocado	
1970 - CORINTHIANS - 3.º Colocado	
1971 e 1972 - NÃO FOI REALIZADO	
1973 - SÍRIO - 2.º Colocado	
BASQUETE MASCULINO — SELEÇÃO	
1) JOGOS OLÍMPICOS	
Medalha de Bronze: 1948 (Londres), 1960 (Roma), 1964 (Tóquio)	
2) CAMPEONATO MUNDIAL	
Campeão: 1959 e 1963	
Vice-Campeão: 1954 e 1970	
3.º Colocado: 1967	
3) CAMPEONATO SUL-AMERICANO	
Campeão: 1939, 1945, 1958, 1960, 1961, 1963, 1968, 1971, 1973	
Vice-Campeão: 1935, 1936, 1947, 1949, 1953, 1966, 1969	
3.º Colocado: 1930, 1937, 1940, 1942, 1955	
4) JOGOS PAN-AMERICANOS	
Campeão: 1971	
Vice-Campeão: 1963	
3.º Colocado: 1955, 1959	
BASQUETE FEMININO — SELEÇÃO	
1) CAMPEONATO MUNDIAL	
3.º Colocado: 1971	
2) JOGOS PAN-AMERICANOS	
Campeão: 1967, 1971	
Vice-Campeão: 1959, 1963	
3.º Colocado: 1955	
3) CAMPEONATO SUL-AMERICANO	
Campeão: 1954, 1958, 1965, 1967, 1968, 1970, 1972	
Vice-Campeão: 1946, 1952, 1960	
3.º Colocado: 1956, 1962	

FIGURA 18 – Terceira capa da RHQ Dedinho n. 4

VOLIBOL	
MASCULINO	
Jogos Olímpicos —	
1964: 7.º lugar	
1968: 9.º lugar	
1972: 8.º lugar	
Jogos Pan-americanos —	
1955: 3.º lugar	
1959: 2.º lugar	
1963: 1.º lugar	
1967: 2.º lugar	
1971: 3.º lugar	
Campeonato Mundial —	
5.º lugar em 1960	
FEMININO	
Jogos Pan-americanos —	
1955: 3.º lugar	
1959: 1.º lugar	
1963: 1.º lugar	
1967: 4.º lugar	
1971: 4.º lugar	

FIGURA 19 – Terceira capa da RHQ Dedinho n. 5



FIGURA 20 – Terceira capa da RHQ Dedinho n. 6

A quarta capa de cada revista trazia estampados os já referidos *desposters* usados na *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo*, por meio dos quais se reforçavam múltiplas representações de esporte produzidas pelo DED, aproveitando a *RHQ Dedinho* para ampliar sua veiculação (FIG. 21).



FIGURA 21 – Capas e quartas capas da *RHQ Dedinho* n. 5 e n. 4.

As fotografias dos pôsteres se misturavam com os desenhos infantis das capas e das histórias, revestindo de significados as leituras que se seguiram. Assim, enquanto os desenhos falavam de um mundo imaginário, fantasioso, as fotos poderiam representar a realidade, indicando a possibilidade da transformação de um pelo outro. Segundo Roberto J. de Lemos, essa estratégia de misturar propagandas de projetos diferentes tinha como objetivo circular e divulgar os projetos nos mais diversos segmentos da sociedade, além de conseguir significativos resultados mais rapidamente, pois a repetição de aparições induziria a uma assimilação mecânica. Tal procedimento era repetido em todo impresso que permitisse a introdução de outra chamada da CNED, com expressivo aumento da propaganda. Então, além dos 100 mil exemplares de cada *Desposter* distribuído, mais 9 milhões de minipôsteres circularam pelas escolas brasileiras, entre crianças e adolescentes. Vê-se que a *RHQ Dedinho* serviu também como suporte de divulgação de outras iniciativas da referida *Campanha*.

2.3.4 As informações técnicas do esporte

Todas as histórias da *RHQ Dedinho* foram narradas em exatas 48 páginas, sendo cada uma delas dividida, em média, em quatro quadrados de desenhos e balões de texto. As informações a respeito de cada esporte aparecem por volta da 20ª página, depois que foi construído um cenário e ou uma situação propícia para a sua inserção. São informações de acentuado teor técnico, instruindo os leitores sobre as técnicas da modalidade esportiva em questão, a maneira de jogar, o tamanho da quadra, do campo, as medidas da bola, da rede, das linhas demarcatórias e tudo o mais que fosse necessário para uma prática esportiva organizada. Exemplos disso encontram-se nas Figuras 22 a 26.

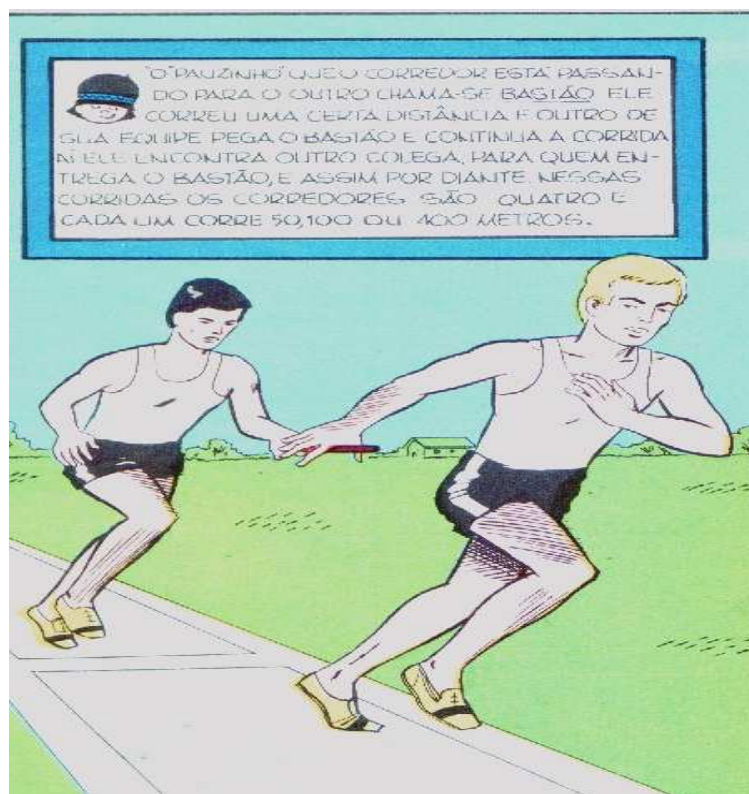


FIGURA 22 – RHQ Dedinho n. 1, p. 28

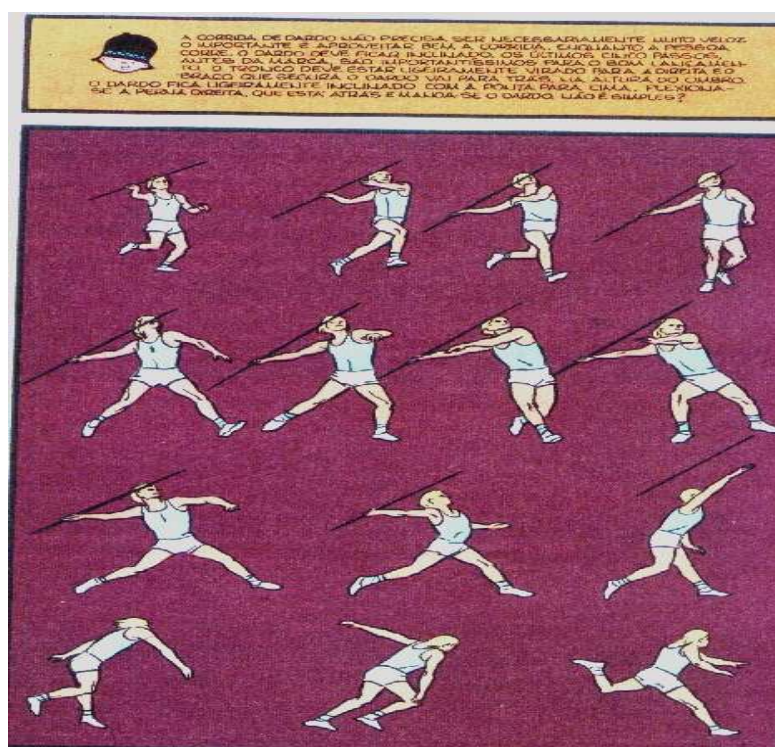


FIGURA 23 – RHQ Dedinho n. 2, p. 27

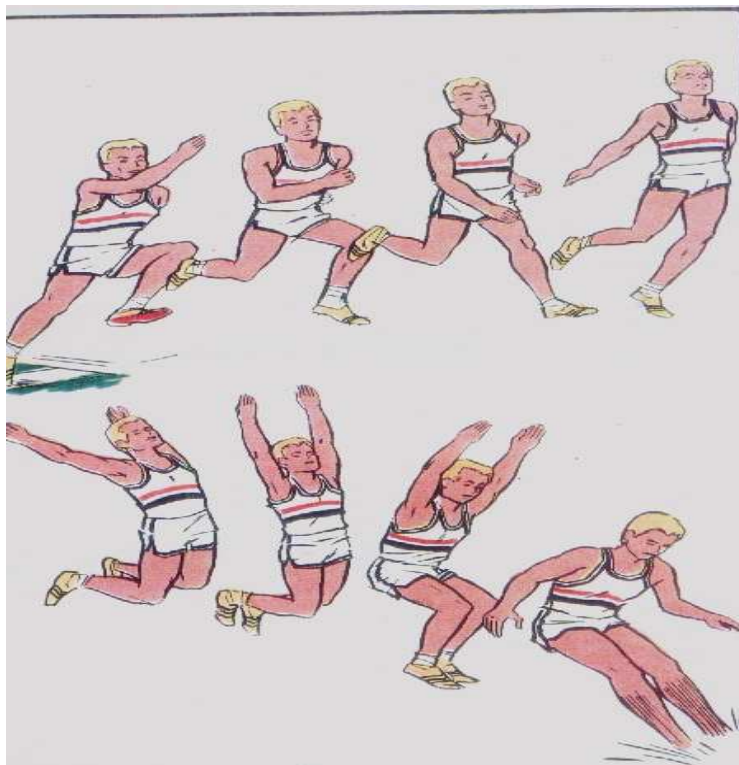


FIGURA 24 – RHQ Dedinho n. 3, p. 23

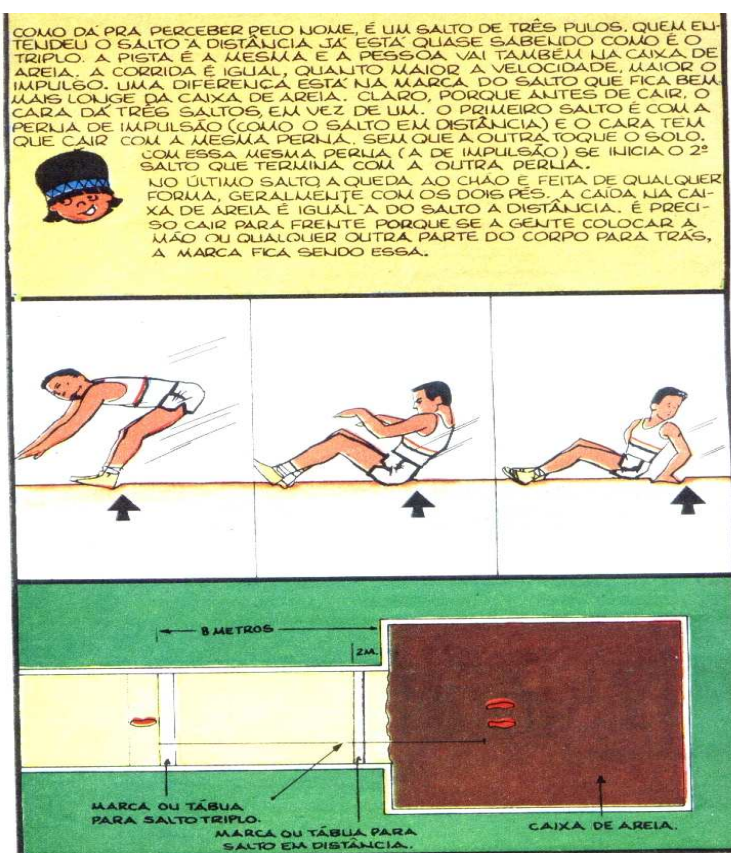


FIGURA 25 – RHQ Dedinho n. 3, p. 27

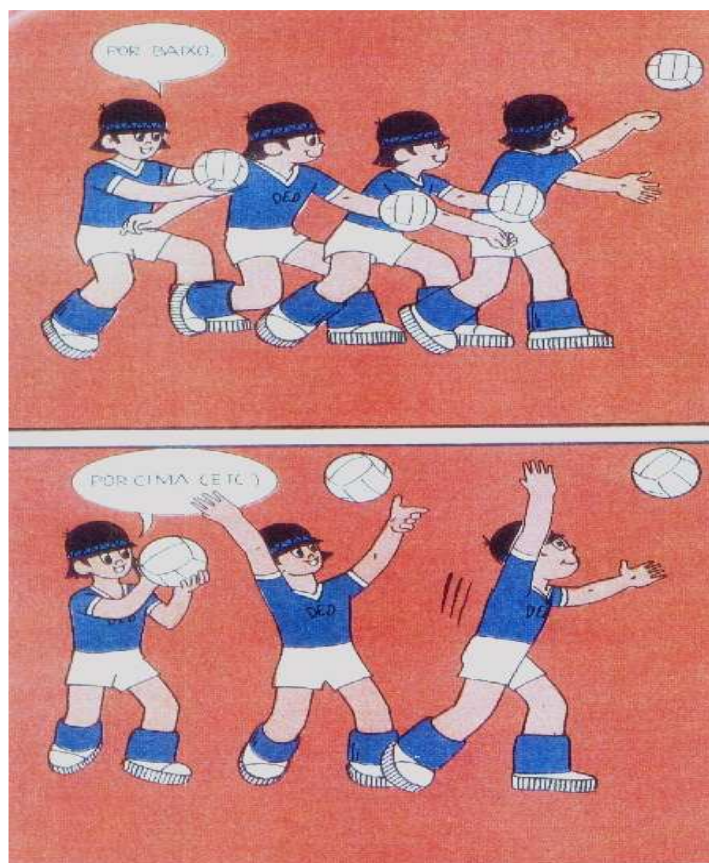


FIGURA 26 – RHQ Dedinho, n. 5, p. 24.

Em todas as histórias foram reservadas, em média, 18 páginas para explicar, com detalhes, os aspectos técnicos de cada modalidade. Algumas vezes a história se confundia com os livros de regras e ou alguns dos cadernos técnicos produzidos pelo DED. Invariavelmente, os diálogos iniciais entre os personagens criavam uma situação que preparava a intervenção de Dedinho, que então podia ensinar-lhes as regras de determinado esporte. Assim, antes de começar a “aula”, o texto e as imagens são apropriadas ao mundo infantil. Ou seja, os desenhos são caricaturais e os diálogos são repletos de brincadeiras. Quando a “aula” começa, isto é, quando Dedinho entra em ação, o texto adquire linguagem técnico-esportiva e com grande teor de informações. Na maioria dos enredos os desenhos passam a ser representados por figuras de pessoas adultas, como se fossem cópias de fotografias, e

os gestos corporais passam a ter um rigor maior em relação aos posicionamentos de braços e pernas. Aqui, uma consideração possível é a de que a *RHQ Dedinho* não só serviu como incentivo à prática esportiva para os alunos, mas pode também ter assumido um caráter de livro didático, servindo como estratégia de formação continuada ou em exercício para professores de Educação Física.

Em síntese, as análises até aqui realizadas por meio dos aspectos constitutivos da *RHQ Dedinho* permitem compreender tal impresso em sua materialidade e suas múltiplas facetas, fazendo desse suporte um importante veículo de transmissão e circulação de representações sobre o esporte. No próximo capítulo apresentam-se as histórias de cada enredo, destacando-se as representações de esporte que foram possíveis de serem percebidas.

Capítulo 3

DEDINHO E SUA TURMA EM...: CONTANDO HISTÓRIAS, (RE)PRODUZINDO REPRESENTAÇÕES.

3.1 Personagens

A turma que acompanhava Dedinho em suas aventuras era composta de cinco meninos e duas meninas, como mostra a Figura 27:



FIGURA 27 – RHQ *Dedinho*, n. 5, p. 1.

Da esquerda para a direita vê-se na fileira da frente, Paulo, um garoto negro que usava óculos e estava sempre bem informado sobre tudo. Representava o intelectual, usando até gravatinha borboleta. Segundo Roberto J. de Lemos, a inclusão de um garoto negro nas histórias foi proposital. Quando indagado de quem teria partido a idéia e por que, ele respondeu:

Foi do DED e foi por causa do racismo, preconceito social que nós brasileiros temos, em relação ao negro. É porque Gilberto Gil é branco, Milton Nascimento é branco. Negro correndo da polícia é ladrão e branco? Então nós colocamos esse personagem para valorizar o negro. O racismo marca”.

Ao lado esquerdo de Paulo está Poeta, um garoto alto, branco, que andava sempre acompanhado por sua viola e seu cão Lampião, tido como o mascote da turma. O apelido de Poeta fora-lhe dado porque gostava de recitar poesias, principalmente para sua amada, a Aninha. Ao seu lado está Inês, uma menina que só pensava em guloseimas. Era obesa e freqüentemente estava preparando e comendo lanches. Ajudando-a carregar a cesta de lanches aparece Caco, um menino louro e de estatura média. Na fileira de trás, também da esquerda para direita, está Zeca, um garoto moreno, baixo e de cabelo preto. Ao seu lado, Aninha, uma garota magra, de olho e cabelo preto, que não largava sua boneca. E, por último, Marcelo, um garoto branco, louro e de menor estatura que os demais.

Dedinho era um garoto branco, alto, forte, esperto e que entendia tudo sobre as regras, técnicas e táticas de vários esportes. Roberto J. de Lemos relata que a imagem do Dedinho foi inspirada em seu filho, que na época estava com 7 anos, praticava judô e tinha cabelo comprido, preso por uma fita, bem parecido com a figura apresentada. Apesar disso, a imagem que o desenho apresentou assemelha-se com à de um índio, o que poderia sugerir uma intencionalidade do autor em difundir um espírito nacionalista, representado nas histórias pela convivência harmoniosa de várias etnias presentes no Brasil, haja vista que estavam presentes nelas garotos brancos, um garoto negro e um possível índio. Roberto J. de Lemos conta que não pensou nessa possibilidade, apenas tentou homenagear seu filho. Certamente, será necessário investigar as leituras inventivas da *RHQ Dedinho* para apreender se tal mensagem circulou, mesmo sem intenção, entre os leitores da revista, movimento que extrapola as pretensões deste trabalho.

Sempre bem-disposto e alegre, Dedinho era o líder da turma. Portanto, necessitava ser também o exemplo em todos os aspectos. Percebe-se que ele foi sempre apresentado como o garoto mais forte da turma, o que sabia de tudo e respondia a todas as perguntas e que apresentava um aspecto saudável, como uma representação do que o esporte seria capaz de proporcionar aos seus praticantes, ou seja, saúde, disposição, agilidade, porte atlético e inteligência. Usando sempre um uniforme azul, com a sigla DED estampada no peito, Dedinho foi representado como referência para aprender e treinar esportes. Era sempre ele quem apresentava as modalidades esportivas para a turma e, conseqüentemente, para os leitores. O diálogo apresentado a seguir, presente na série n. 1 da *RHQ Dedinho*, ilustra a centralidade atribuída a Dedinho (e, conseqüentemente, ao DED). Ou seja, Dedinho, orientando sua turma, era a representação do DED como coordenador da política de esporte no Brasil.



FIGURA 28 – *RHQ Dedinho* n. 1, p. 48

3.2 Representações e histórias.

Cada revista trazia um tema, ao redor do qual uma história era apresentada. Nas primeiras 20 páginas era criado, invariavelmente, um cenário ou uma situação propícia para que, em seguida, Dedinho entrasse em cena para descrever as regras e as informações básicas sobre técnicas e táticas do esporte em questão. Nos itens a seguir, apresenta-se uma pequena resenha de cada revista, identificando os aspectos mais significativos de cada enredo.

Dedinho e sua turma em... Pernas, pra que te quero.

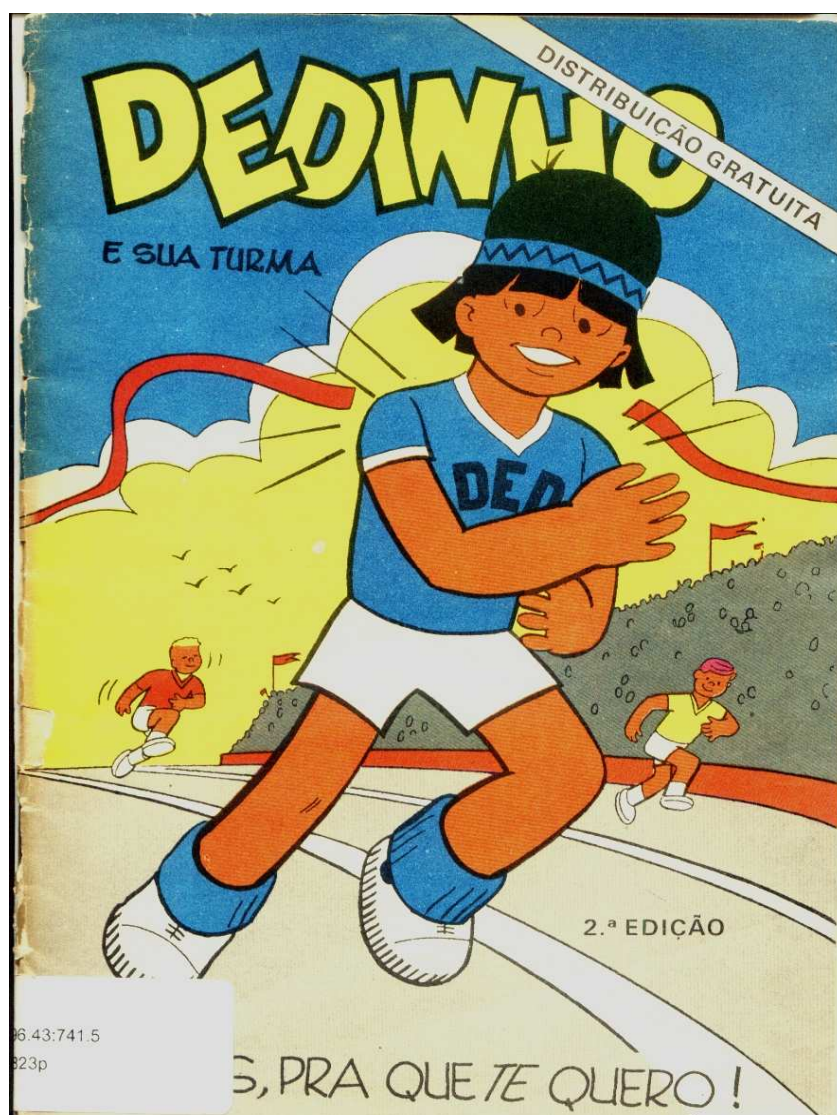


FIGURA 29 – Capa da RHQ Dedinho n. 1.

Nesse número, Dedinho e sua turma se reúnem para combinar como será a inauguração da sede do clubinho de amigos que eles acabaram de fundar. Inês sugere fazer uma festa com muita comida, sendo logo recriminada pelos demais. Dedinho sugere fazer uma competição. Aninha pergunta o que é competição. Paulo, prontamente, responde dizendo que é um jogo em que o importante é competir, e não ganhar. Enquanto Dedinho sai para buscar um livro de regras de competição de corridas, a turma improvisa uma corrida em que todos competem entre si. No desenrolar da corrida, vários acidentes acontecem, e nesse meio tempo Dedinho retorna e diz que aquilo não era uma competição, e sim uma bagunça, uma guerra. Então, ele começa a ler o livro de regras esportivas a respeito do atletismo, dizendo o que podia e o que não podia ser feito na competição. A primeira proibição foi a de competir menino com menina. Essa regra impõe a separação por sexo nas práticas esportivas, com base no pressuposto de que as diferenças físicas descartam a possibilidade de jogarem juntos (FIG. 30). A explicação de Dedinho sobre vários tipos de provas de corrida continua, utilizando-se, para tanto, 14 páginas da revista. Por fim, ele faz um questionamento a respeito do local de realização dessa corrida. Como era hora de ir para a escola, todos se comprometem a pensar no assunto. Na escola, Marcelo é surpreendido pela professora, que questiona o motivo de sua preocupação. Ele explica o fato, e a professora sugere fazer a competição no pátio da escola, mas ressalta que tudo deveria ser acertado com o diretor. No dia seguinte, a turma se encontra com o diretor, que se mostra muito receptivo com a idéia, apoiando-a prontamente. Diz à turma para ficar junto dos professores de Educação Física, pois, por estarem por dentro das regras do atletismo, poderiam ajudar na organização da corrida.



FIGURA 30 – RHQ Dedinho n. 1, p. 12-13.

A turma, então, organiza-se para preparar a competição. Apenas Marcelo é selecionado para participar de uma das provas. Os três primeiros colocados recebem medalhas. Marcelo recebe a medalha de ouro por ter vencido a prova que disputou. Dedinho finaliza a história assim:



FIGURA 31 – RHQ Dedinho n. 1, p. 48

Aqui novamente o Governo Federal usa as palavras ordem e disciplina como atributos essenciais para a vida e para o esporte, principalmente. Tais atributos são realmente importantes, mas não são os únicos. Aspectos como criatividade, espontaneidade e iniciativa são tão importantes para o esporte e para a vida quanto os dois anteriores, mas não são mencionados. Especula-se que eram somente estes os atributos percebidos pelos agentes do governo, muito influenciados pelas necessidades políticas e sociais do governo militar nesse momento histórico (anos de chumbo). Assim era mais conveniente incentivar uma educação para obedecer, sem questionamentos, às regras do jogo construindo, assim, um povo ordeiro e disciplinado. O encerramento dessa história reforça, portanto, o que já havia sido feito nos filmetes e nas frases de incentivo às práticas esportivas.

Apesar de Paulo dizer no início que o importante era participar, e não ganhar, o enredo da história atribui a premiação apenas aos participantes da corrida que ganharam ou que chegaram próximo da primeira colocação (FIG. 32), independentemente do avanço ou do esforço de cada um. Percebe-se que o discurso de Paulo não foi concretizado, pois na prática o que se viu foi a valorização, por meio de

medalhas, dos primeiros colocados. Se o importante era competir, e não ganhar, por que não premiar todos pelo esforço e dedicação? O jargão de que “o importante é competir” não se materializou nessa história.



FIGURA 32 – RHQ Dedinho n. 1, p. 47.

O esporte é tratado como uma prática cujo objetivo principal é provar quem é o melhor, provocando uma euforia exagerada na busca da vitória. Tal representação sugere que os momentos de prática esportiva sejam momentos de classificação, de provação e de seleção de talentos, seja para representar a escola ou o clubinho criado por eles. Nota-se que todos os integrantes da turma participaram dos preparativos para a corrida, porém no momento da competição só um a representou, ou seja, o mais veloz, o mais apto, o melhor. Por meio dessa história, a *RHQ Dedinho* aproximou-se da organização esportiva proposta no modelo piramidal, em que se baseou o *Diagnóstico de Educação Física e Desporto* de 1971 (no qual, de um universo grande de praticantes seriam selecionados aqueles mais aptos para representar o País).

Dedinho e sua turma em...: O pulo do gato.



FIGURA 33 – Capa da RHQ Dedinho n.2

Neste número a turma do Dedinho está em uma fazenda durante um feriado. Caco reclama que o dia está chato. Paulo, lendo o jornal descobre uma competição escolar que vai acontecer dentro de dois meses. Todos se entusiasмам com a idéia. Como eles não entendem muito sobre competição, chamam Dedinho, que estava em outro sítio. Ao chegar, Dedinho começa a questionar sobre qual esporte a turma quer aprender, e vai lendo as modalidades. Eles se interessam pelos saltos. Paulo

questiona sobre a idade mínima e Dedinho responde que é de 10 anos. Sendo assim, só o Poeta é que poderia participar, já que todos da turma têm menos de 10. Todavia, Poeta não pratica esportes e não gosta muito, pois seu forte é fazer rimas para a turma, principalmente para Aninha. Ele é, então, pressionado pela turma, que utiliza sua pretensão, dizendo que se praticasse os exercícios preparatórios para os saltos ele ficaria forte e poderia enfrentar seu concorrente de paquera (FIG. 34).



FIGURA 34 – RHQ Dedinho n. 2, p. 18.

Após Poeta ser convencido, são investidas mais de 20 páginas nas explicações de Dedinho sobre os vários saltos, exercícios necessários e imagens sequenciais explicativas dos saltos em distância: triplo, em altura e com vara (FIG. 35). Nas páginas 38 e 42, propõe-se uma interação dos leitores com a história, pedindo-lhes ajudem desenhando sugestões de como poderia ser um treinamento com barras verticais e com levantamento de peso.

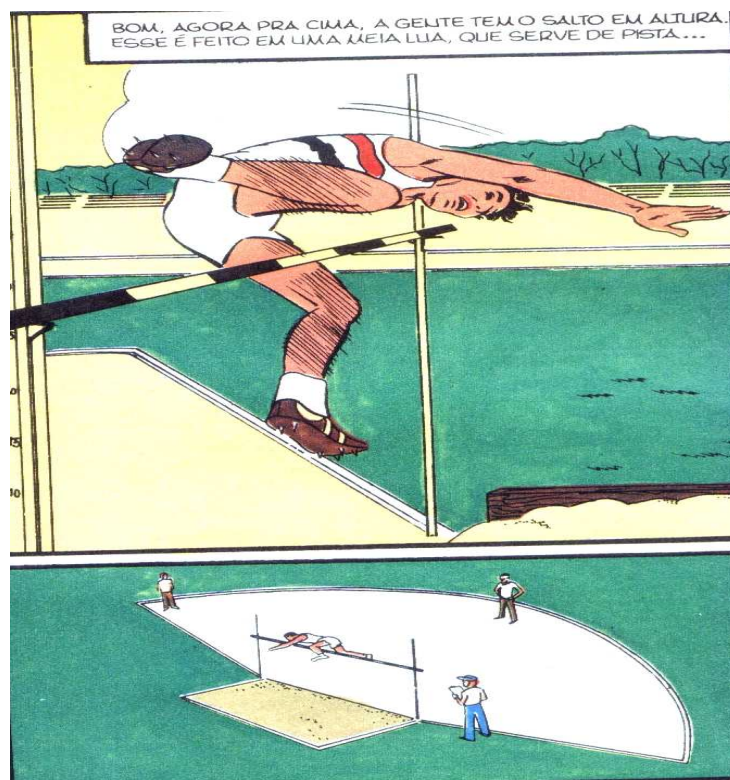


FIGURA 35 – RHQ Dedinho n. 2, p. 29

Após todas essas informações técnicas e sessões de treinamento, Poeta enfrenta fisicamente o seu concorrente de namoro, que, sintomaticamente, era maior e mais robusto que ele. Desse confronto Poeta sai vencedor, o que garante o interesse de Aninha (FIG. 36).

Destaca-se nessa história a escola como espaço de desenvolvimento de práticas esportivas, ao organizar competições escolares. No enredo percebe-se que a escola em que estudavam os personagens publicou em um jornal da cidade a realização de um evento esportivo organizado por ela. Por meio desta iniciativa a instituição escolar não só apoiou as competições esportivas como também ofereceu condições materiais e humanas para realização delas, caracterizando-se assim, como um lugar de incentivo e promoção do esporte. Outro destaque foi o argumento utilizado para convencer um dos integrantes da turma a praticar atividades esportivas, pois elas seriam capazes de melhorar a saúde e, conseqüentemente, a beleza física do praticante,

o que o elevaria a uma posição de destaque diante da pessoa desejada. Percebe-se aqui o forte apelo que o enredo dessa história exerce sobre aqueles que não gostavam de praticar esportes, como era o caso do Poeta. Ou seja, o esporte foi produzido de maneira tão positiva e capaz de proporcionar tantas glórias que até aqueles que não gostavam poderiam vir a gostar, pois ele seria capaz de produzir vencedores. A metamorfose vivida por Poeta é emblemática: de uma criança que não gostava de esportes a um vencedor esportivo.

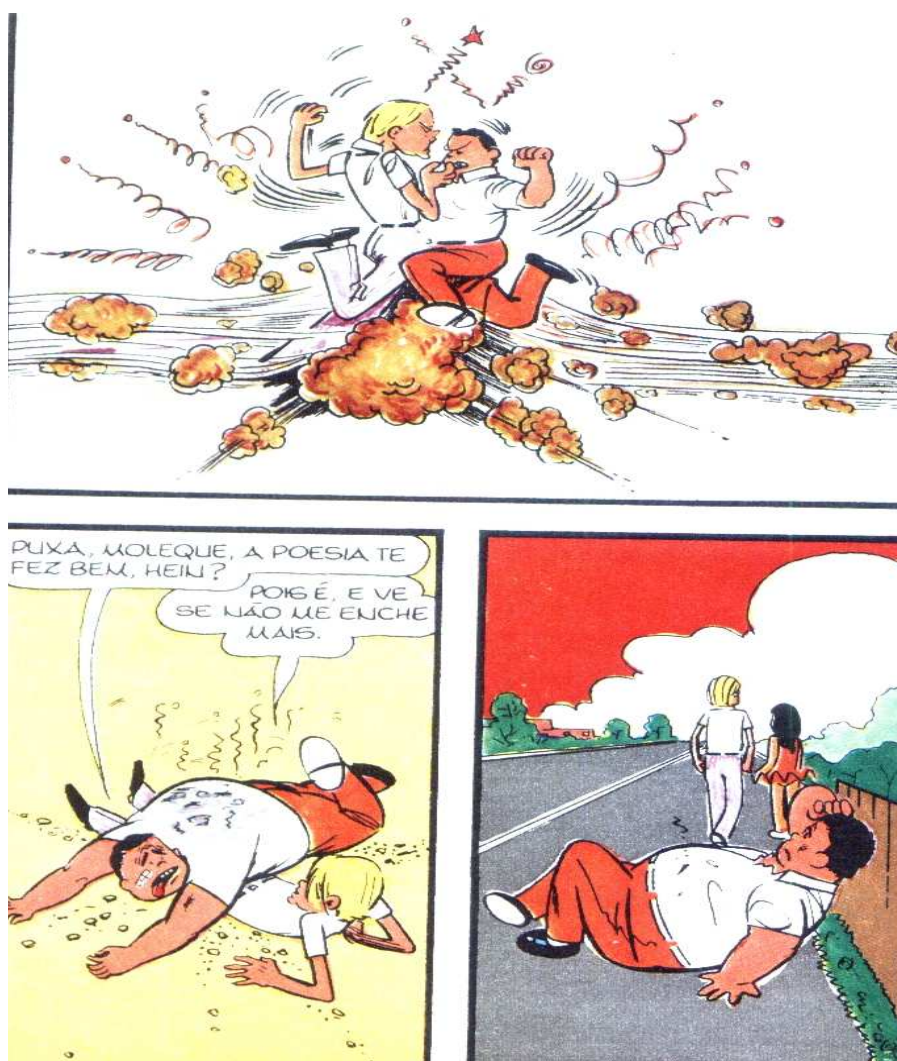


FIGURA 36 – RHQ Dedinho n. 2, p. 46.

Percebe-se que Aninha foi tratada nessa história como um prêmio, um troféu (objeto) a ser disputado pelos meninos, por meio de um confronto físico. Em

nenhum momento o desejo de Aninha aparece, sua vontade não está em questão, quem determinou com quem ela deveria namorar não foi ela, bastou ser forte para conquistá-la. Assim, a mulher enquanto possuidora de desejos e detentora do direito de fazer suas escolhas foi desconsiderada nesse enredo, configurando-se assim, uma outra discriminação do universo feminino em relação ao masculino. Esse episódio sugere ainda que se pratique esporte não porque pode ser uma atividade agradável e prazerosa, e sim para formar um corpo atlético, com o objetivo de chamar a atenção de outrem, insinuando que as pessoas se interessem umas pelas outras por razões estéticas, valorizando, assim, determinada representação do corpo, que seria a de músculos fortes e belos.

A escola, ao acolher e incentivar as competições esportivas, por meio das histórias e pelo fato de distribuir e orientar o uso da *RHQ Dedinho*, legitimava essa representação de que esporte era sinônimo de saúde e de beleza física, independentemente de seus praticantes, dos princípios que o orientam, das circunstâncias e dos usos que as pessoas fazem dele. Aliás, essa representação esteve presente nos três documentos tratados anteriormente (o *Diagnóstico* da EF/Desportos, o PED e o livro de apresentação do DED) na figura de Dedinho e em outras histórias da *RHQ Dedinho*, como será indicado. A diferença é que nos documentos essa representação estava escrita e na revista ela foi apresentada por meio de imagens e de exemplos práticos do dia-a-dia, o que a tornou mais significativa e sutil. Além disso, a roterista da revista (a escritora Mirna Pinski) inaugurou uma técnica que exige a participação dos leitores na narrativa da história, promovendo, assim, uma interação maior do público, o que poderia aumentar o interesse pela leitura do texto.

Dedinho e sua turma em... Braço é braço

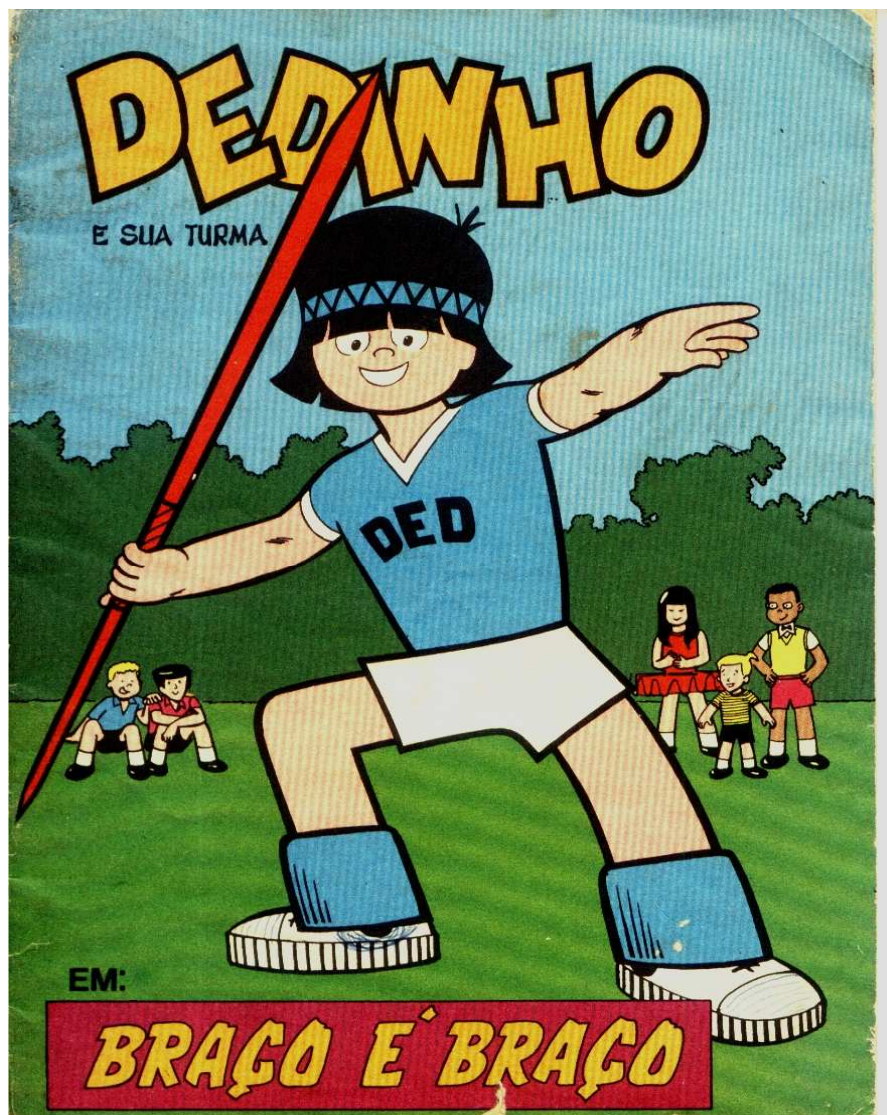


FIGURA 37 – Capa da RHQ Dedinho n. 3.

Em um ambiente bem arborizado, a turma do Dedinho está montando um carro a jato, mas falta um motor, que Zeca prometeu trazer. Mas ele está cansado, pois estava ajudando em casa com uma mudança. Caco vai procurar Zeca, e no caminho acabam brincando para ver quem consegue atingir a maior distância jogando pedras no lago. Nessa brincadeira eles molham dois garotos da outra rua (Tião e Rui) que estavam pescando na outra margem do lago. Esses dois garotos se chateiam e correm atrás dos autores da façanha para resolver “no braço”. Caco e Zeca se escondem no

Clubinho da Turma, e aí começam as provocações de ambas as partes sobre quem é mais forte, até que Caco sugere disputar no arremesso de dardo. Tião, um dos garotos da outra rua, aceita o desafio, mas apenas se a aposta valer algo.

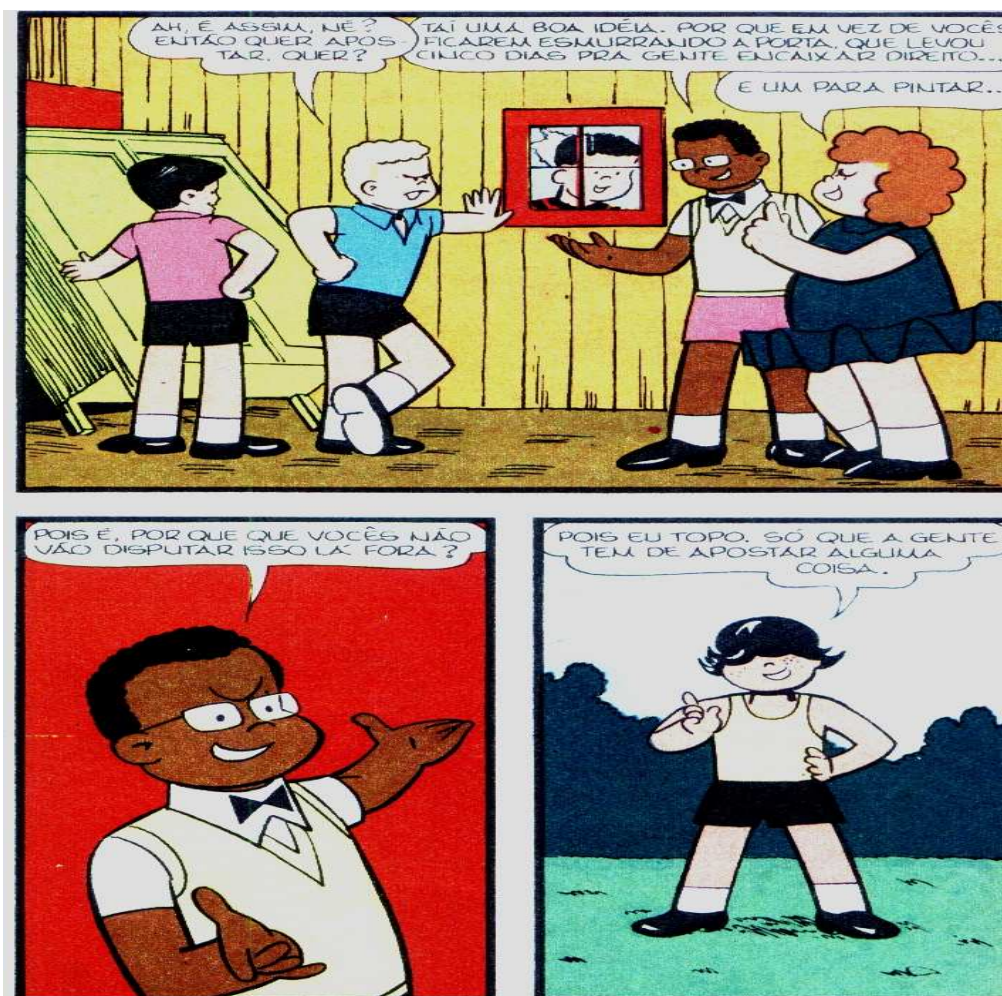


FIGURA 38 – RHQ Dedinho n. 3, p. 13

Nesse momento, Poeta sugere apostar a “charanga” (o carro a jato) que a turma estava construindo. A disputa deveria envolver toda a turma, pois ele acreditava que Dedinho poderia ajudar. Mas Zeca o recrimina dizendo que os garotos da outra turma não têm mulheres para atrapalhar, demonstrando sua representação a respeito da figura feminina, o que foi prontamente recriminado por Inês (FIG. 39).



FIGURA 39 – RHQ Dedinho n. 3, p. 17.

Mesmo assim, ficou combinado para um sábado o dia da disputa. Nesse meio tempo, Dedinho chega, escuta tudo e se oferece para treiná-los. Primeiramente, ensina-lhes as regras, as passadas e algumas técnicas de arremesso de dardo. Depois, Poeta aparece com bambus, simulando os dardos, e Dedinho confere o peso para ver se está igual ao de um dardo oficial (FIG. 40).



FIGURA 40 – RHQ Dedinho n. 3, p. 32.

Logo em seguida, ele treina a turma, utilizando uma metodologia de ensino própria para aquela modalidade esportiva. No dia seguinte, Dedinho repete os mesmos procedimentos, porém com o arremesso de peso (FIG. 41). Todos, então, aprendem muitas técnicas e táticas de arremessos, o que lhes poderia garantir um bom rendimento. Todavia, os garotos da outra rua, observando aquela melhora, resolvem desistir da competição e propor que Dedinho ensine a todos. Dedinho prontamente concorda, alegando que daquela maneira todo mundo sairia ganhando. Todos poderiam brincar no lago e a turma aprenderia um esporte.



FIGURA 41 – RHQ Dedinho n. 3, p. 36

Identifica-se nessa história uma sugestão para melhorar a prática de uma brincadeira (jogar pedra no lago) treinando um esporte (arremessos), assumindo a condição de que um poderia melhorar o outro, e vice-versa (FIG. 42). A brincadeira que teria ocasionado um conflito social seria vivenciada por meio da prática esportiva.



FIGURA 42 – RHQ Dedinho n. 3, p. 21

Roberto J. de Lemos relata que a idéia em transformar as brincadeiras em esportes foi:

[...] intencional. Isso foi o seguinte: estive na Alemanha, na Escola de Educação Física. Tinha muito brasileiro lá, e eles tinham um filme, que eu tentei pedir cópia. Não consegui. Depois tentei roubar, não houve jeito. O filme mostrava um guri no quintal de casa balançando numa corda. Aí congelava e mostrava a musculatura que estava sendo desenvolvida ali, naquela brincadeira, e acoplava em cima um garoto no salto com vara. O movimento inicial e o mesmo depois. Mostrava que ele tinha que mover as pernas. Era a mesma coisa do balanço.

A conclusão a que chegaram os estudiosos era de que os músculos envolvidos naquela brincadeira eram os mesmos músculos envolvidos na prática da ginástica olímpica. Então, praticar aquele esporte correspondia a brincar de balanço.⁶²

Percebe-se também que foram vários os momentos em que a turma improvisou situações para que fosse possível a prática dos arremessos, fato que o *Diagnóstico de Educação Física e Desportos* recriminou e qualificou em suas conclusões como práticas precárias e inadequadas. O próprio Dedinho, na história sobre o vôlei (tratada adiante), irá recriminar também essa atitude, diferentemente do que aconteceu com o atletismo. Mas, apesar de aceitar a improvisação do dardo, Dedinho fez questão de pesar o bambu para saber se este estava com o peso indicado pela regra, um procedimento que demonstra a atitude de fiel cumprimento às regras.

⁶² Essa mesma representação aparece no filmete, produzido para CNED, veiculado pela TV e nos cinemas brasileiros, analisado no capítulo 1.

Dedinho e sua turma em... Cesta minha gente!



FIGURA 43 – Capa da RHQ Dedinho n. 4.

A turma está passando férias em uma fazenda. Inês está na cozinha fazendo doces e Paulo está no quarto estudando. Zeca sugere uma brincadeira de espiões, que consiste em dividir a turma em grupos, cabendo a cada um espionar o que garotos de outras fazendas estão fazendo. Depois disso, os grupos se reúnem e fazem um relatório para os demais. Ganha quem descobrir mais coisas e não for descoberto. Explicada a brincadeira, todos se prontificam a participar. No momento do relatório, eles descobrem que os garotos das outras fazendas estão treinando basquete. Dedinho

desconfia da existência de uma competição. Logo eles descobrem, por meio de um aviso na lanchonete, que um campeonato estadual de minibasquete vai ser promovido pela associação de esportes da cidade.

A turma resolve, então, participar. Da página 18 à página 40, Dedinho ensina como se constrói uma quadra de basquete e explica a altura da tabela, o tempo de jogo, o peso da bola e as regras básicas, dentre outros ensinamentos (FIG. 44).

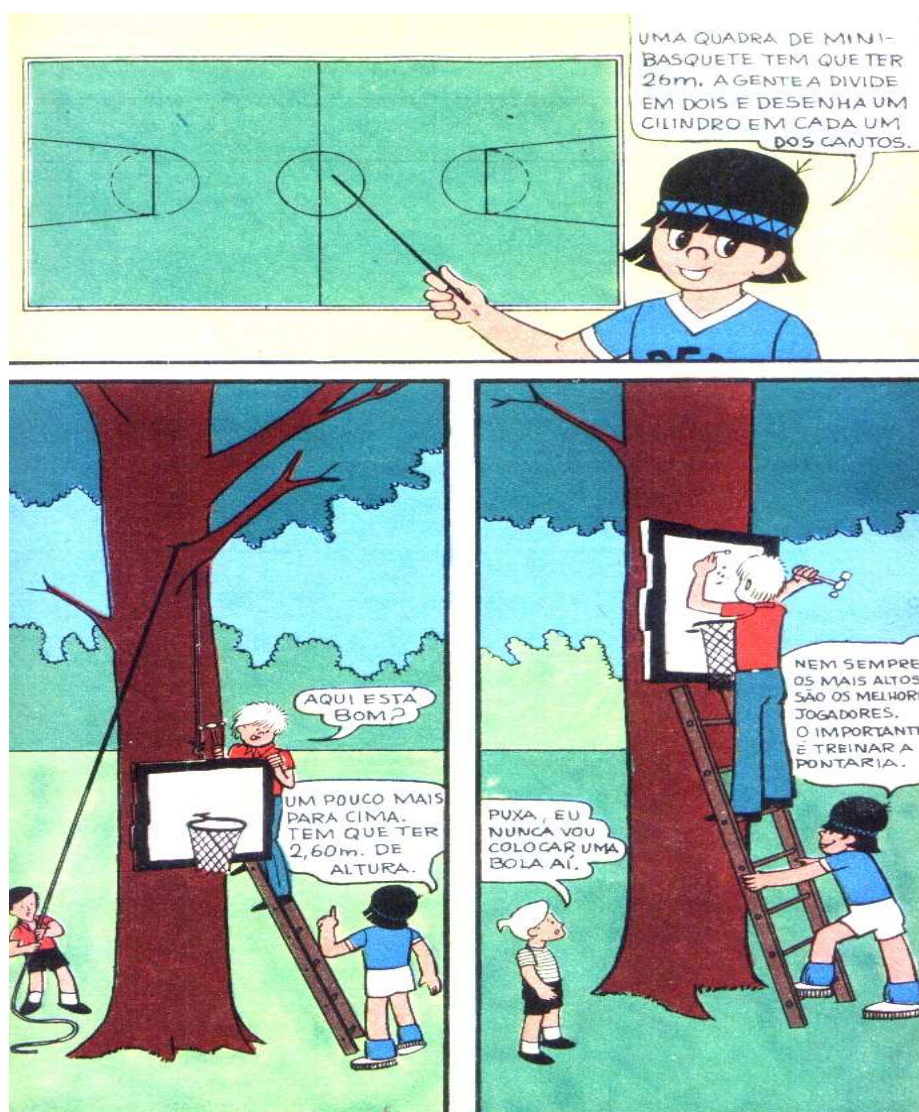


FIGURA 44 – RHQ Dedinho n. 4, p. 19.

Enquanto Dedinho explica, Marcelo cria um constrangimento ao desmerecer a participação das meninas, o que logo é reprimido por Inês (FIG. 44).

Um dia antes da competição dois impasses são criados. O primeiro, diz respeito à participação feminina. As meninas treinaram juntas, mas isso não poderia ocorrer na competição, pois não era permitido. O segundo refere-se ao time principal, ou seja, quem começa jogando e quem começa esperando na reserva. Dedinho escalou o time com Poeta no banco de reservas, e ele não gostou, pois considerava-se melhor do que os demais.



FIGURA 45 – RHQ Dedinho n. 4, p. 30.

O primeiro impasse resolveu-se com o convite de meninas de outra turma para formar um time. As meninas, então, afirmam que iam participar do campeonato. Sem saber do acordo, Poeta reage contra a participação das meninas com os meninos, como mostra na Figura 46. Percebe-se que em uma mesma história a mulher é discriminada duas vezes, por garotos diferentes. Em nenhuma das duas situações

Dedinho, ou qualquer outro personagem, recrimina tal comportamento, procura-se apenas contornar o constrangimento, o que não é suficiente para que outras discriminações ocorram em outras histórias.



FIGURA 46 – RHQ Dedinho n. 4, p. 45.

O segundo impasse foi resolvido graças à regra que obriga todos a jogar no mínimo 10 minutos. A história finaliza com os meninos considerando Dedinho desleal com o time masculino, pois treinou o time feminino escondido deles. Mas Dedinho explica que esporte é esporte, que o importante é praticar e que elas vão competir com outras meninas. No fim, ele exorta a turma a torcer por elas.

O enredo dessa história propõe uma separação entre meninos e meninas durante as competições esportivas, acatando o que estabelecem as regras oficiais. Apesar de o enredo apresentar as meninas treinando com os meninos, as competições aconteceram sempre separadamente. Dois garotos (Poeta e Zeca) não deixaram de

registrar discriminação em relação à capacidade das meninas de jogar tão bem quanto eles, indicando uma inferioridade feminina, e não uma diferença.

Dedinho e sua turma em ... Bola pra cima.

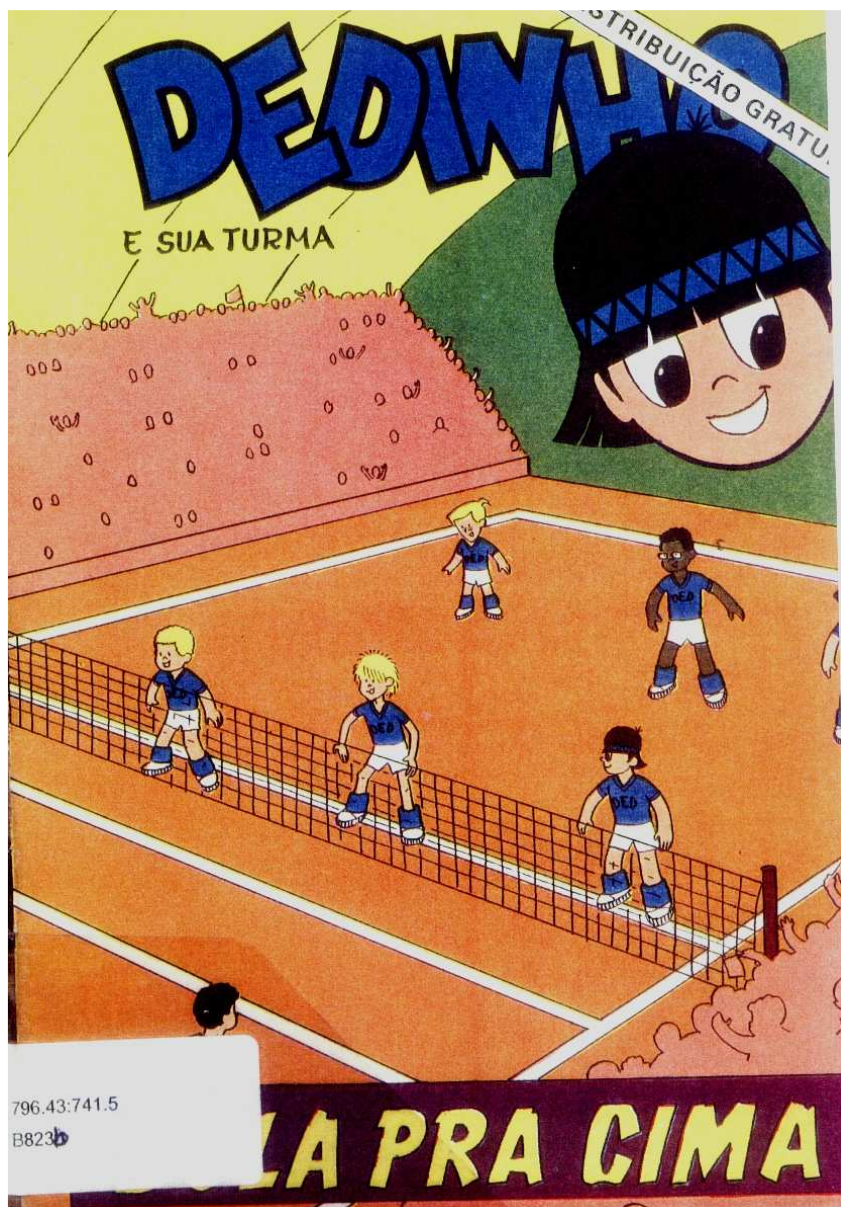


FIGURA 47 – Capa da RHQ Dedinho n. 5.

Dedinho e sua turma continuam de férias na fazenda. Eles organizam um piquenique no riacho. No caminho, improvisam uma brincadeira que consiste em formar frases com a última palavra da frase de um colega. Dedinho inicia dizendo: “Esporte faz bem para o corpo e para a mente”. Aninha forma uma frase com a palavra

mente: “Mente quem é medroso”, e Caco continua. No caminho, o tempo escurece rapidamente e começa a chover. Eles se vêem obrigados a se abrigar no ginásio de esportes de um clube da cidade.

No ginásio, eles manifestam a vontade de jogar peteca, mas isso não seria possível, pois a peteca que Marcelo trouxe havia sido destruída por Lampião (o cão mascote da turma, cujo dono é Poeta). Dedinho, então, sugere que aprendam um esporte que possui elementos da peteca: o voleibol. Dessa maneira, inicia-se, na página 12, a explicação teórica a respeito desse jogo. Dedinho elogia muito esse esporte e utiliza vários métodos para ensinar, ora demonstrando as regras, ora desenhando a quadra na parede, ora jogando com a turma. No decorrer do jogo, vai explicando o que pode e o que não pode ser feito, sempre auxiliado por um livro de regra, como demonstra a Figura 48. Isso se estende até a página 43. Inês observa que o sol voltou, e assim eles se encaminham para o riacho para fazer o piquenique. Lá, eles brincam, nadam. Um deles levanta a possibilidade de jogar voleibol. Prontamente, Dedinho se encarrega de improvisar uma quadra e Inês, a rede. Mas fica faltando a bola. Na página 45, o autor da história pede a ajuda do leitor para completar, dando uma sugestão de como poderia resolver aquela situação. No quadrinho seguinte Dedinho, inconformado com a sugestão de Poeta em usar uma melancia, sai em busca de uma bola no clube da cidade. Volta dizendo que o esporte é como a vida: cada coisa em seu lugar. Era então preciso organizar as práticas (FIG. 49).

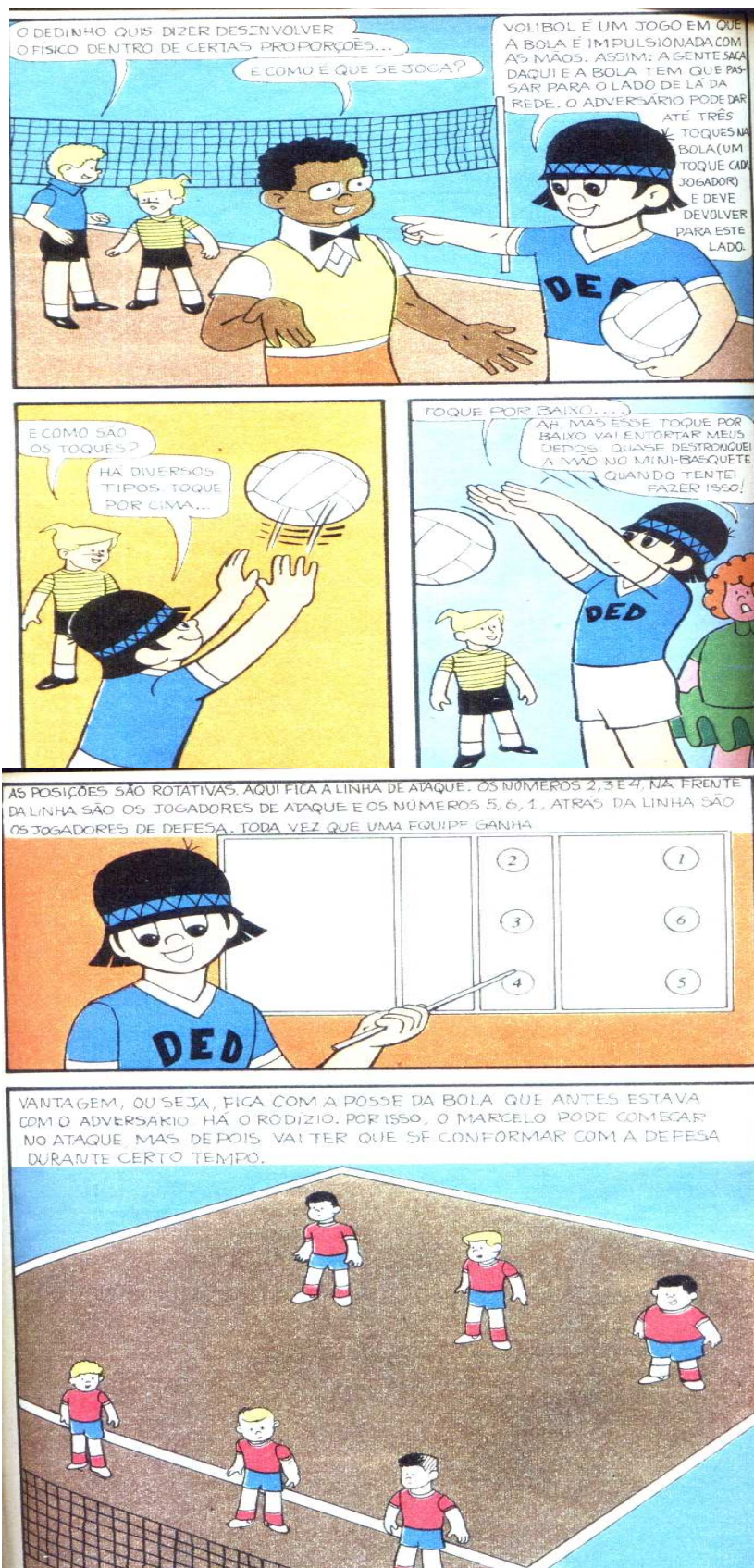


FIGURA 48 – RHQ Dedinho n. 5, p. 12-19.



FIGURA 49 – RHQ Dedinho n. 5, p. 48.

Observa-se que Dedinho novamente reforça a representação do esporte como uma prática séria, que não combina com bagunça, e por isso não aceita improvisações grosseiras. O campo ou a quadra poderia ser construído em lugares diferentes, mas as dimensões, as linhas e, principalmente, a bola tinha que ser conforme as regras. A frase utilizada por Dedinho nesse diálogo é bem parecida com a mensagem final do filmete n. 4 analisado no Capítulo 1 – “No esporte como na vida, cada coisa em seu lugar. Ordem para o Progresso” –, o que demonstra as aproximações de representações a respeito do esporte entre diferentes documentos da CNED. Além disso, Dedinho ao comparar o esporte com a vida, insinua que para se viver bem (e para se praticar bem qualquer esporte) é preciso ser organizado, realizando cada atividade em seu lugar e ao seu tempo: “No esporte, ou na vida da gente uma coisa em cada lugar e cada coisa na sua hora. Agora não é hora de melancia, nem de sacrifícios”. (RHQ Dedinho n. 5, p. 49). Percebe-se então, a intenção de transmitir, freqüentemente, a mensagem de que a prática esportiva deveria ser organizada e dirigida conforme as regras, e mesmo que de brincadeira o esporte deveria ser jogado obedecendo às normas estipuladas pelos órgãos dirigentes.

Destaca-se ainda nessa narrativa a estratégia de proporcionar um momento de participação do leitor na história. O enredo pede que o leitor desenhe ou escreva uma solução para a falta da bola para jogar. Todavia, no transcorrer da história, o DED, na figura do Dedinho, é quem vai determinar qual deve ser a bola. As opiniões dos leitores só seriam acatadas se fossem iguais às do Dedinho. Assim, o leitor que desenhasse uma bola de vôlei estaria certo, mas qualquer outro desenho que não fosse a bola apropriada seria corrigido, como ocorreu com a sugestão de Poeta, que indicou uma melancia.

Dedinho e sua turma em... Bola no barbante

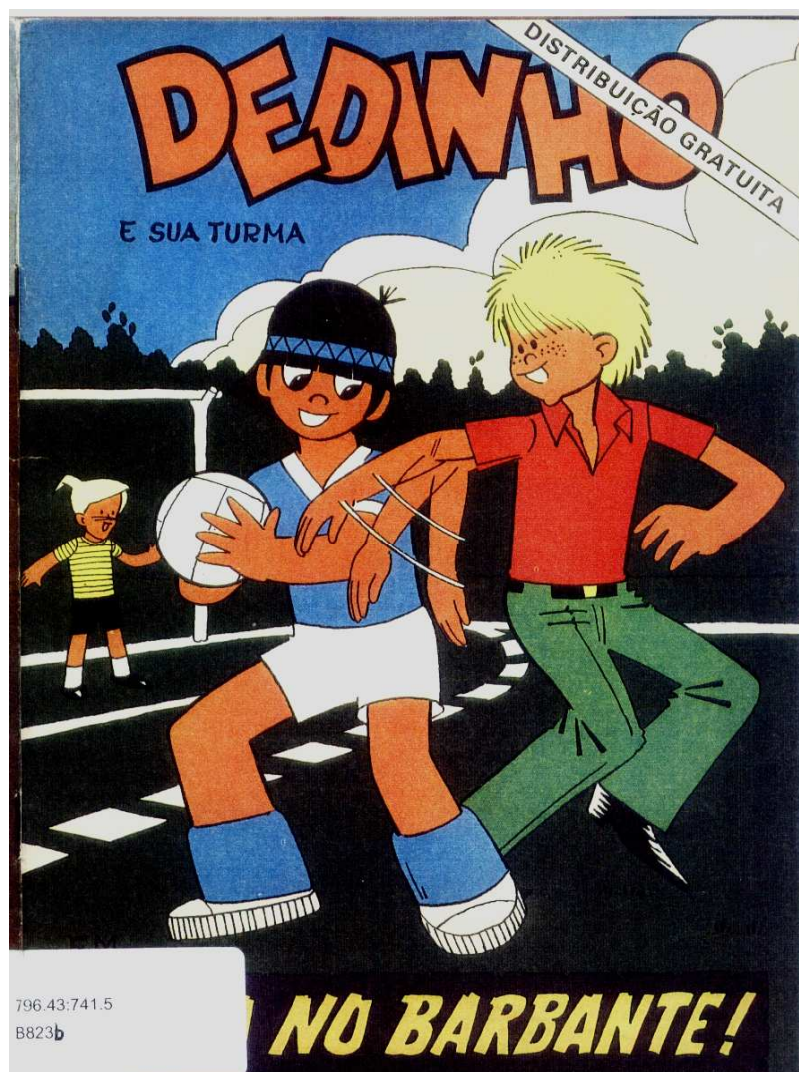


FIGURA 50 – Capa da RHQ Dedinho n. 6.

Dedinho e sua turma continuam em férias na fazenda da avó de Zeca. Eles resolveram fazer uma excursão a uma ilha próxima. Sugeriu-se um passeio de bicicleta com uma parada para fazer um piquenique na ilha, voltando no mesmo dia. No caminho, eles resolvem fazer uma corrida, na qual Dedinho seria o juiz. A corrida acaba com um pequeno acidente envolvendo a bicicleta “envenenada” de Poeta, a Violeta, e o seu cachorro, Lampião. Ambos vão parar no rio. Após a corrida, a turma passa pela cidade e encontra um garoto de outra turma chamado Alfredo, que é convidado para ir junto, mas rejeita, dizendo que precisa treinar handebol.

O passeio continua. Mas, para chegar à ilha, é preciso passar por uma ponte velha, de madeira. Zeca recomenda então, à Inês (a garota obesa) que passe por último. Ela questiona o porquê e ele responde: “por precaução”, revelando discriminação em relação ao corpo dela. Depois que todos passaram, aconteceu o que Zeca havia pensado, ou seja, a ponte não agüentou e quebrou-se. Houve um alvoroço por saber como seria a volta. Surgem várias opções. Começa a chover, e Dedinho sugere a procura de um abrigo antes de tudo. A turma encontra uma caverna bem espaçosa, e a discussão continua a respeito do problema do retorno. Poeta resolve fazer desenhos na parede da caverna e Paulo sugere construir uma balsa de madeira assim que a chuva passar. Todos concordam. Zeca convida Dedinho para ensinar handebol, aquele esporte que Alfredo havia mencionado. Da página 18 à 38, Dedinho explica à turma como montar uma quadra de handebol, suas linhas e medidas, para que serve cada linha, enfim, as regras básicas do jogo (FIG. 51).

Novamente, são usados vários recursos para ensinar handebol. Ora se desenha na parede, ora se explica a regra oralmente, ora se demonstra como jogar e, por fim, todos jogam na quadra que eles próprios construíram. Quando anoitece, Poeta

lembra-se do problema da ponte que havia quebrado e resolve ligar o rádio para saber se há notícias a respeito do desaparecimento de sua turma. Ele ouve que o desaparecimento deles foi percebido, mas que ainda nada havia sido feito para se proceder ao resgate. Dedinho sugere procurar alimentos e construir uma balsa para retornar à fazenda da avó. Quando tudo estava pronto, o rádio noticia que o prefeito havia conseguido um helicóptero para providenciar o resgate, porém isso só seria feito no dia seguinte, pois já havia escurecido. De manhã bem cedo, lá estava o helicóptero para resgatá-los.



FIGURA 51 – RHQ Dedinho n. 6, p. 22

Em síntese, depois de conhecer brevemente o enredo de cada história, destaca-se que Dedinho é o personagem central. Ele e a turma, sempre bem disposta e alegre, envolvem-se em situações relacionadas a diferentes modalidades esportivas: atletismo, voleibol, basquete e handebol. Em todas as tramas o esporte é o centro dos acontecimentos, sendo apresentado para os leitores como atividade indicada para eventos escolares, inaugurações de associações, grêmios e ou clubes. Apresenta-se também como ótima alternativa para ocupar o tempo livre, mas, sobretudo, como preparativo para competições esportivas em escola ou em clubes da cidade. Apenas em duas histórias (a do vôlei e a do handebol) o esporte não é praticado como forma de treinamento para uma competição futura. Em todas as outras a turma joga para treinar, pressionada pela condição de aperfeiçoamento das técnicas e táticas para uma aplicação posterior. A valorização maior é do momento seguinte, quando os participantes serão testados e classificados conforme a performance de cada um. O esporte é, na maioria das vezes, apresentado a partir de brincadeiras, que foram sempre substituídas pelas modalidades esportivas, procedimento que insinuou uma esportivização dessas práticas. As histórias trataram as brincadeiras como atividades causadoras de conflitos sociais, que poderiam ameaçar, inclusive, a integridade física dos garotos (como na história “Pernas pra que te quero”), necessitando, assim, de serem organizadas em uma prática capaz de proporcionar aos seus praticantes algum retorno positivo, desde que realizadas com ordem e no lugar certo.

Percebe-se a freqüente utilização do esporte como metáfora dos propósitos do Governo Federal, sob o comando militar. Apesar de “ordem” e “disciplina” não serem atributos exclusivos de um governo militar, pois, governos atuais, de direita e de esquerda, se esmeram em comandar o país com organização e disciplina (orçamentária,

principalmente), o governo deste período, por meio de suas estratégias de comunicação, utilizou tais características em abundância, e o esporte foi eleito como prática capaz de reproduzir esses atributos entre as crianças. Os agentes do governo consideraram então, a infância (7 a 14 anos) um campo fértil para fecundar raízes da importância desses atributos, utilizando-se do esporte para educar esse público para o pronto cumprimento às regras. Diante de um objetivo claro que era o de criar e desenvolver uma mentalidade esportiva no País, o DED realizou duas significativas escolhas: a infância e o gênero literário de histórias em quadrinhos.

A ausência do professor de Educação Física nas histórias é um aspecto que chama atenção. Por que esse profissional não aparece nas histórias? Observa-se que é Dedinho quem ensina os esportes. O professor de Educação Física só é citado uma vez, na revista n. 1, *Pernas pra que te quero*. Nesse episódio, o diretor sugere que os meninos ajudem os professores.



FIGURA 52 – RHQ Dedinho n. 1, p. 39

Essa ausência pode ser em parte explicada pelo depoimento de Roberto J. de Lemos, que entendia ser o professor de Educação Física uma figura que gozava de pouco prestígio na sociedade. Em entrevista, ele relata que existia uma hierarquia

muito acentuada em relação à importância de cada professor na escola. O próprio *Diagnóstico de Educação Física/Desporto no Brasil* (1971) indicou o que considerou como pouca qualificação técnica desse profissional, em decorrência a uma formação universitária deficitária.⁶³ Dessa maneira, a opção parece ter sido colocar nas histórias um personagem que representasse um departamento novo, com poderes e saberes necessários para o desenvolvimento do esporte no Brasil. Nesse movimento, o professor de Educação Física necessitava ainda ser capacitado para atender aos objetivos do DED. Todavia, essa única menção desse profissional na primeira revista é um indicativo da sugestão, velada do DED, que os eventos esportivos escolares fossem organizados por ele. Assim, as várias vezes que o Dedinho indicou uma competição escolar e não mencionou o professor de Educação Física, este se fez presente na sua ausência, não só por essa indicação inicial, mas também pelo fato de que as revistas foram distribuídas nas escolas para que estes professores distribuíssem e não outros.

Quanto às questões de gênero, percebe-se nas histórias a presença de discriminação em relação ao sexo feminino no que tange a prática esportiva. Foram dois os personagens femininos, Aninha e Inês, enquanto os masculinos eram cinco (Dedinho, Paulo, Poeta, Caco e Zeca). As meninas, quando não estavam brincando, envolviam-se sempre em afazeres domésticos (cozinhar, arrumar a casa, costurar e brincar de boneca – FIG. 53 e 54), enquanto os meninos estudavam e passeavam. Além disso, elas foram constantemente importunadas com comentários machistas. Sempre que aconteciam tais observações, elas reagiam com veemência e defendiam suas posições. Todavia, seus protestos não foram suficientes para evitar o retorno

⁶³ Foi nesse período inclusive, e por meio do Programa de Desenvolvimento da Educação Física e do Desporto (PRODED) que várias medidas foram tomadas para qualificar os cursos de formação em Educação Física. Entre elas, os convênios MEC/USAID, que previam, dentre outros benefícios, a melhoria da formação dos professores das universidades por meio de cursos de mestrados e doutorados fora do País, principalmente nos EUA.

destes comportamentos machistas. Não se observou nenhuma intervenção de Dedinho nessas situações no sentido de defendê-las, ou de propor a superação de tais atitudes. Ou seja, os meninos continuavam com sua posição a respeito da superioridade masculina em relação às meninas.



FIGURA 53 – RHQ Dedinho n. 1, p. 2.



FIGURA 54 – RHQ *Dedinho* n. 4, p. 1

Nas histórias os meninos aparecem muito mais que as meninas e os modelos atléticos são sempre masculinos. Apesar de algum esforço de seus autores em desmistificar a posição inferior que a identidade feminina ocupava no imaginário da sociedade na época⁶⁴, a revista acabou por reforçar essa representação quando nas histórias seguintes tais posições não desapareceram, deixando transparecer que mesmo que elas protestassem contra uma pretensa superioridade masculina a realidade permanecia inalterada, pois na história seguinte o mesmo comportamento se repetia. Outro aspecto que ajudou a reforçar uma inferioridade feminina em relação aos homens foi a interdição, por parte das regras, da participação feminina em certas modalidades esportivas, tais como o arremesso do disco e do martelo, no atletismo. Quando nas histórias isso era revelado, as meninas não se manifestavam contrariamente. *Dedinho* afirmava que as regras não permitiam a participação feminina, e elas aceitavam sem discussão (FIG. 55). Essas observações são exemplos

⁶⁴ Roberto J. de Lemos relata que fez questão de colocar meninas nas histórias para incentivar a prática entre elas.

de como a *RHQ Dedinho* não se caracterizou como uma prática educativa contra a discriminação feminina, ao contrário, ela reforçou uma representação de que as mulheres são menos capazes, com menos força ou habilidade para executar certas modalidades esportivas do que os homens. Apesar da tentativa do Dedinho em colocar ambos os sexos para jogarem juntos, pois faltavam meninos para completarem, as histórias construíram um entendimento de que esse procedimento só foi adotado devido a falta de crianças do sexo masculino, caso o contrário, meninas deveriam jogar separadas dos meninos, era o que diziam as regras.



FIGURA 55 – *RHQ Dedinho* n. 3, p. 26.

As regras esportivas foram tratadas nas histórias como uma cartilha, que devia ser seguida à risca. Dedinho ensinou os esportes sempre se referindo aos livros de regras, sendo que, algumas vezes, ele os levou para o ambiente em que estavam. Dessa forma, os enredos estabeleceram uma relação de obediência a tais livros, a ponto de não serem questionados em nenhum momento, mesmo quando as regras proibiam a participação feminina em determinada modalidade. Curioso é que quando os garotos rejeitavam as meninas nos jogos eles eram questionados e recebiam os protestos delas. Todavia, isso não aconteceu quando foram as regras que impuseram a proibição. Ao

contrário, elas foram prontamente obedecidas. Essa representação de que as regras esportivas devem ser acatadas, e não questionadas e ou transformadas conforme o interesse de quem as usa, faz-se presente nos debates acadêmicos⁶⁵ atuais.

Em todas as histórias os lugares bucólicos serviam como espaços de divertimento e ou preparativos para as competições, enquanto a escola aparecia como um lugar de realização dos eventos principais. Não foi muito freqüente o aparecimento da escola nas narrativas, mas quando ela se apresentava tinha uma conotação muito significativa, pois era lá que aconteciam os eventos mais importantes. Em nenhum momento das histórias apareceu uma aula de Educação Física, mas as competições foram organizadas e executadas pela ou na escola.

Observa-se que as relações sociais estabelecidas nas tramas das histórias foram sempre verticais, nas quais a dependência de outrem era a marca principal. Dedinho era o garoto em torno do qual tudo acontecia. Nenhum evento esportivo acontecia sem a sua presença ou interferência. Era o solucionador dos conflitos, pessoa talhada para resolver todas as situações, representando, assim, o que o DED deveria ser, como órgão controlador do esporte e da Educação Física para a comunidade naquele período. Dessa forma, no aspecto das relações interpessoais as histórias

⁶⁵ Em um deles, em 1992, no auditório do Minas Tênis Clube, dois respeitados professores de Educação Física debatiam os rumos do esporte na Escola e nos clubes. Em certo momento, um deles argumentava em favor da flexibilização e ou reinvenção das regras esportivas no sentido de atender aos interesses de seus praticantes, dando como exemplo uma turma de 5ª série, em que um dos alunos não podia jogar futebol por causa de um problema em uma perna ou em ambas. Na aula de Educação Física, instigado pelo professor para indicarem uma solução para a participação daquele aluno, os colegas sugeriram que fosse permitido que ele jogasse com as mãos. Assim foi feito, e o aluno não foi excluído da aula. Inclusive foi realizado um campeonato de futebol na escola em que era permitido jogar com as mãos. Logo em seguida, o outro professor, em sua apresentação, defendia a não-flexibilização das regras, pois tal procedimento desfiguraria o esporte, dando o seguinte exemplo: “Já pensou um campeonato de vôlei em que fosse permitido usar os pés? Isso seria o fim”. Nessa época não era permitido ainda o uso dos pés nos jogos de vôlei. Mas, dois anos depois, para atender aos interesses da mídia, as regras foram mudadas e agora vemos jogadores de vôlei usar os pés para “salvar” algumas bolas. E o curioso é que o vôlei não acabou, pelo contrário, ficou até mais dinâmico. Esse é um exemplo da permanência dessa representação de que as regras oficiais foram criadas para ser obedecidas, e não se discute mais o assunto, a não ser que interesses maiores pretendam as suas mudanças.

retrataram de forma sutil o momento sociopolítico da época, pois apresentaram relações centradas no personagem Dedinho, que representava o DED.

Observa-se que a *RHQ Dedinho* serviu de suporte para a circulação de representações relativas ao esporte, às relações interpessoais, às questões de gênero, aos momentos de lazer e indiretamente à Educação Física, pois, apesar dessa disciplina não ter sido representada nas histórias, o DED indicou que as revistas deveriam ser orientadas pelo professor dessa matéria, configurando-se assim, um alvo velado. Buscar perceber os impactos dessas representações em determinado período histórico possibilita compreender e também questionar as possíveis permanências destas nas práticas escolares, particularmente, e nas práticas sociais, de modo mais amplo.

Considerações finais

Acredita-se que esse trabalho contribui para responder as questões indicadas em sua Apresentação, sobre a presença marcante do esporte na escola, especialmente nas aulas de Educação Física, como relatei de minhas próprias experiências como professor. Observa-se que o conjunto de iniciativas adotadas pelo Governo Federal no período estudado, dentre elas a *RHQ Dedinho*, fortaleceu a consolidação do esporte como prática hegemônica na Educação Física. Depreende-se das análises de tais iniciativas que os agentes do governo afirmaram e legitimaram, concomitantemente, dois movimentos distintos, porém interligados entre si: o da esportivização da sociedade e o da escolarização do esporte, sintetizados a seguir.

Esportivizar a sociedade, escolarizar o esporte.

O período analisado foi marcado pela pretensão do Governo Federal de criar uma “mentalidade desportiva” no País. O DED/MEC, com o seu Plano de Educação Física e Esporte de 1971, procurou aprofundar o enraizamento do esporte na sociedade, incentivando sua prática, tendo como princípio basilar a sua vinculação à educação. Para tanto, reformulou-se profundamente o trato com a Educação Física e o esporte no âmbito do Governo Federal, com intervenções estratégicas e articuladas em diferentes níveis: na estrutura administrativa (com a substituição da enfraquecida e precária Divisão de Educação Física pelo Departamento de Educação Física e Desportos, que “já nasceu forte”); na ação política (com o fim da dicotomização entre Educação Física e Desporto, propondo um plano único para os dois setores, sempre vinculados); na gestão financeira (com a destinação de recursos da Loteria Esportiva também para ambos); e na produção de um extenso ordenamento legal para normatizar, prescrever e conformar o que deveria ser feito (o Decreto Lei n. 69450/71 é um exemplo marcante, especialmente para a Educação Física na escola). Tais intervenções pretenderam marcar uma ruptura com um passado “inoperante” que, segundo o *Diagnóstico*, foi o responsável pelas precárias circunstâncias em que se encontravam a Educação Física e o esporte no País. Dessa forma, o PED, de 1971, foi o primeiro plano nacional para ambos os setores que resultou desse amplo processo de reformulação. Tendo como âncora o *Manifesto do Desporto*, documento da Unesco, esse *Plano* dividia-se em três programas (PRODED, PATEF e PIDIC) para enfrentar os problemas apontados no *Diagnóstico*. Objeto de análise mais detalhada deste trabalho, o Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural (PIDIC) teve como ação central a organização da *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo* (CNED),

que interveio na sociedade assentada nos propósitos da “ordem” e do “progresso” e centrada nos princípios da tecnificação, da racionalização das práticas, da classificação e do rendimento, utilizando-se, sobretudo, dos meios de comunicação para divulgar e legitimar tais entendimentos. Observa-se o uso variado dos mecanismos de comunicação de massa, tais como a televisão, o rádio e os impressos. Os diferentes impressos elaborados (cadernos técnicos e didáticos, trifólios, jornais, revistas e pôsteres) foram postos em circulação para atingir distintos públicos, como professores de Educação Física, estudantes, “donas de casa” e trabalhadores. Neles foram veiculadas de maneira direta ou de forma subliminar representações múltiplas de esporte.

As iniciativas e os documentos produzidos durante a CNED estavam fundamentados no pressuposto de que a prática esportiva era sinônimo de saúde, ordem social e progresso, que deveria ser incentivada em todos os espaços possíveis, ensinada na escola, por intermédio dos professores de Educação Física, e com múltiplas funções, dentre elas a melhoria da condição física da população e a preparação dos alunos para o cumprimento do serviço militar; para minimizar os efeitos maléficos da vida moderna; e para aumentar o número de atletas em várias modalidades, procurando melhorar a representatividade esportiva brasileira. Assim, pretender forjar uma “mentalidade desportiva” no País, partindo do pressuposto de que a população não era ‘esclarecida’ sobre o esporte, não foi outra coisa senão organizar detalhadamente uma intervenção para esportivizar a sociedade.

Para conseguir o intento, a importância dada à propaganda foi grande e é percebida não só pela quantidade de informações a respeito do esporte, mas principalmente pela diversidade visual e material dos veículos de comunicação. Foram

adotados mecanismos inéditos de circulação de mensagens a respeito do esporte, tal como a literatura de história em quadrinhos (projeto das cartilhas desportivas, no qual produziu-se a *RHQ Dedinho*), que, ao combinar códigos de diferentes naturezas (a mensagem escrita e as imagens), procuravam construir significados e sentidos diferenciados, aumentando as possibilidades de leitura e qualificando a recepção das mensagens.

Dos impressos produzidos pelo DED/MEC foi dada, neste trabalho, atenção mais destacada a *RHQ Dedinho*, e por três razões principais: sua destinação às crianças de 7 a 14 anos; sua distribuição em escolas; e a indicação expressa de serem orientadas pelos professores de Educação Física. Tais aspectos são bastante significativos. Primeiro, porque dão mostras da materialidade da intenção do Governo Federal em atingir o público infantil, procurando com isso produzir, desde a infância, a pretendida “mentalidade desportiva” e, com ela, os princípios desejados de ordem e de disciplina, fundamentos do tão propagado progresso que o governo militar defendia. Segundo, porque a revista, sendo um potente veículo de circulação de múltiplas representações de esporte, configurou-se como dispositivo de prescrição e tentativa de conformação das práticas de esporte na comunidade em geral e dentro dela a escola (e nela a Educação Física e os sujeitos com ela envolvidos). É neste sentido, que ela é aqui considerada central para potencializar o pretendido movimento de escolarização do esporte, e de esportivização da Educação Física, naquele momento.

A seguir, então, são retomados dois movimentos que este trabalho se propôs realizar, quais sejam, o de problematizar a *RHQ Dedinho* como suporte de mensagens e o de dar visibilidade a representações de esporte nela presentes.

***A RHQ Dedinho* como suporte de múltiplas representações de esporte.**

Como procurou-se mostrar, a *RHQ Dedinho* foi suporte para disseminação de inúmeras representações de esporte: ele era sempre a possibilidade de ordenação e de regulação de práticas. Tudo nele era desejável: produzia a ordem, melhorava a saúde, difundia bons hábitos. Uma prática ‘naturalmente positiva’ para a vida. Assim produzido e representado, da capa principal à quarta capa de todos os seis números da revista seus autores e produtores incluíram informações e mensagens de incentivo à sua prática, por meio das personagens, das falas, de informações técnicas e também das imagens. A característica peculiar da revista de combinar imagem e texto, e a opção em utilizar fotografias na quarta capa, potencializaram a recepção das informações, pois misturaram-se dois códigos de naturezas diversas – o desenho, sinal de fantasia, e a fotografia, que sugere uma pretensa realidade –, indicando a possibilidade de transformar um pelo outro.

Analisando os aspectos relativos à materialidade da *RHQ Dedinho* (formato, tiragem, distribuição, intenções, dentre outros), pode-se afirmar que os editores e autores elegeram esse impresso como um dos principais instrumentos da CNED para alcançar o objetivo proposto: criar e desenvolver uma mentalidade esportiva no País. Neste caso, a *RHQ Dedinho*, atingindo crianças e adolescentes, disseminou conteúdos, procedimentos didáticos e valores relacionados ao esporte. Ela inaugurou também uma nova forma de ensinar os conteúdos que a Educação Física deveria tratar, ao lançar mão da leitura de textos (escritos e desenhados). A *RHQ Dedinho* continha explicações teóricas de várias modalidades esportivas, em que alunos e professores de Educação Física poderiam encontrar informações suficientes para seu aprendizado, funcionando mesmo como uma “cartilha” didática. Nesse

sentido, há que se investigar se ela não teria sido utilizada pelo DED/MEC também como recurso para qualificação de professores de Educação Física, visto que sua formação era considerada precária (como salienta o *Diagnóstico*, de 1971) e que os livros de regras eram escassos (segundo Roberto J. de Lemos). Assim, é possível que os professores tenham se servido dela como referência para consultas técnicas, pois já estava à mão (o que merece investigação).

Considerando que a leitura de determinado texto e o resultado desta podem ser diversos, porque dependem das formas como ele chega aos seus leitores, pois tais aspectos constroem múltiplos significados, como assinala Chartier (1991), observa-se que foi significativa a escolha de uma revista de história em quadrinhos para se propagar mensagens de uma dada representação das práticas esportivas. Tal escolha ampliou e qualificou a receptividade dos conteúdos deste suporte, aumentando com isso as chances de atingir o objetivo central da CNED, que era a de construir uma mentalidade desportiva no país.

Representações de esporte presentes na *RHQ Dedinho*

As representações a respeito do papel da mulher na sociedade aparecem em algumas histórias com certa discriminação feminina em relação ao universo masculino. Mesmo que meninas estejam presentes nas histórias, elas estão sempre em número menor, não aparecem nas competições finais e são sempre recriminadas por seus colegas com práticas machistas, as quais não desaparecem com os protestos das personagens femininas. Além disso, quando não estão participando das discussões e aventuras da turma, somente elas aparecem cuidando dos afazeres domésticos ou brincando de boneca, enquanto que os meninos são apresentados lendo ou construindo

brinquedos. A iniciativa de retratar o que se passava na realidade acabou por reforçar, ainda mais, um comportamento discriminatório em relação às mulheres, passando um entendimento de que lhes cabiam apenas as execuções de tais tarefas. Na *RHQ Dedinho*, as regras esportivas e alguns personagens masculinos indicaram frequentemente que as competições masculinas deveriam ser praticadas em separadamente das femininas e que de alguns esportes elas nem deveriam participar. Poeta, o garoto galanteador da turma, chega a dizer que “mulher só complica”. Ora, as “Cartilhas” ao incentivar a prática de esportes, acabaram incentivando também, por meio de comportamentos machistas, representações de uma suposta inferioridade feminina em relação ao universo masculino. Dessa forma, as histórias reforçaram, por meio da explicação das regras esportivas e dos discursos machistas, o sexismo nas práticas de esporte, com possível impacto nas aulas de Educação Física. As relações entre os sexos apresentadas na *RHQ Dedinho* reforçam a constatação dos estudos de Eustáquia Salvadora de Sousa sobre as questões de gênero nas aulas de Educação Física.

“A história mostra que a Educação Física, alimentada e modernizada ao longo do tempo por um conjunto de ideologias fundadas, principalmente no Positivismo, Liberalismo, no Catolicismo e no Capitalismo, reproduz e reforça a hierarquia dos sexos, com dominação masculina, presente no mundo do trabalho e na sociedade como um todo” (SOUSA, 1997)

O esporte foi orientado na *RHQ Dedinho* para que fosse praticado de acordo com as regras universalmente aceitas. Uma prática reguladora, pois, por meio de seus treinamentos bem planejados, ele poderia proporcionar a desejada ordem social. Quanto mais sério fosse o treinamento, melhor, e a tônica era a disciplina, imprescindível. As relações interpessoais centradas em apenas um personagem, Dedinho, que tudo ensinava e tudo resolvia, podem ser compreendidas como metáfora

de um governo forte e centralizador, comandando o esporte e a Educação Física no País.

Na revista, o esporte foi incentivado como prática ‘naturalmente positiva’. Positividade reforçada com freqüentes comparações com a vida, com a busca da boa saúde, com a cultura. Além disso, a prática esportiva foi incentivada como sendo capaz de promover o fortalecimento e embelezamento físicos (mas a referência é sempre para os meninos), o que poderia trazer reconhecimento: usar o amor de Poeta por Aninha para incentivá-lo à prática de exercícios físicos e de esportes (logo Poeta, que não gostava muito de esportes) é exemplar na tentativa de atingir o público infantil.

Diante de tamanho apelo, seria mesmo difícil às crianças não experimentar, não praticar esportes, não ‘suar a camisa’... Tornar o esporte algo irresistível para as crianças, tal foi, em síntese, uma pretensão do DED/MEC com a circulação da *RHQ Dedinho*. Aqui, o referido movimento de esportivização da sociedade aparece em um recorte mais específico: a revista quer forjar uma esportivização das práticas corporais da infância. Isso pode ser percebido nos enredos das histórias: elas se iniciam com alguma brincadeira em que as crianças estão envolvidas e, na seqüência, Dedinho propõe que realizem um determinado esporte, sugerindo a substituição de uma pela outra. As histórias sugeriram, por meio das imagens e dos enredos, a prática de esportes no tempo livre das crianças e dos adolescentes, revelando a preocupação com os momentos de lazer dos escolares.

Quanto ao também citado movimento de escolarização do esporte (e de esportivização da Educação Física), ele ainda pode ser encontrado nas indicações de Dedinho para a preparação e realização de competições esportivas na escola, com ajuda do professor de Educação Física. Somado aos aspectos já anotados (distribuição

em escolas, sob orientação do professor de Educação Física), tem-se reforçada a prescrição do esporte como conteúdo das aulas dessa disciplina, ampliando sua hegemonia⁶⁶.

Em síntese, diante da amplitude da intervenção do DED/MEC, compreende-se quando estudiosos da Educação Física, como Mauro Betti (1991) e Ricardo Lucena (1991), caracterizam aquele período como sendo o de aprofundamento do movimento da “esportivização da Educação Física”. Como se depreende das iniciativas apontadas e analisadas aqui, essa era mesmo a intenção da Política de Educação Física e de Esporte adotada pelo Governo Federal, por intermédio do DED. Porém, isso não significa dizer que esse movimento tenha ocorrido tal como previsto. Considerando-se o que propôs Michel de Certeau a respeito das diferenciadas apropriações dos modelos divulgados, faz-se necessária a realização de mais estudos sobre o tema. Segundo Roberto J. de Lemos, muitos eram os professores que escreviam para o jornal *Podium* elogiando as iniciativas daquele departamento e descrevendo suas experiências com tais iniciativas. Ao mesmo tempo, Marcus Tabor da Oliveira (2003) pondera sobre o desconhecimento dessas proposições por parte de professores de Educação Física. Investigar as práticas escolares de professores e alunos da década de 70, identificando aquelas que se diferenciaram e também aquelas que seguiram o modelo proposto, ajudará a compreender em que medida o ideário oficial conformou, ou não, as práticas de Educação Física, fomentando, assim, o debate em torno dessa temática.

⁶⁶ Esse movimento de escolarização do esporte está também expresso em outras publicações do DED, naquele período, destinadas aos professores de Educação Física (citadas no Capítulo 1), centralmente orientadas pela prescrição do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física (que fortalecem a sua esportivização).

As possíveis contribuições deste trabalho perpassam diferentes áreas de estudo. Para a História da Educação, acredita-se ter contribuído para as discussões sobre o lugar dos impressos na produção de representações e na conformação de práticas pedagógicas. Procurou-se evidenciar a facilidade com que certos tipos de impressos, como as revistas de histórias em quadrinhos, conseguem produzir e fazer circular representações oficiais em vários segmentos da sociedade.

Para a História da Educação Física e do esporte, com o trabalho procurou-se colaborar para a escrita de uma história que se preocupa em dar visibilidade aos dispositivos mobilizados por agentes educacionais (no caso, o DED/MEC) para penetrar a cultura escolar, na tentativa de prescrever e conformar práticas de esporte e de Educação Física, fundamentadas em representações de sociedade e de corpo que necessitavam se organizar de forma disciplinada, para um bom desenvolvimento. Além disso, tentou perceber como, quando e com qual intensidade o governo militar interviu nos diversos lugares sociais com intuito de legitimar as suas representações de Esporte e de Educação Física. Estes aspectos, ainda pouco investigados, criam possibilidades para outros estudos, tal como sobre as práticas escolares que resultaram da leitura dos impressos aqui apontados, o que permitirá indagar sobre os usos que professores e alunos fizeram desses suportes, e a partir deles.

Mas, esse é assunto para outras investigações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena; GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves (Coord.). *A República no Brasil*. Américo Freire et al. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002

ANSELMO, Zilda Augusta. *Histórias em quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

ARAUJO, Wellington Tadeu Sberk de. *Quadrinho-arte: Uma leitura da revista Pererê de Ziraldo*. 1999. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação; Belo Horizonte,

BARBOSA, Rui. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação para Saúde, 1946, p. 65-99.

BETTI, Mauro. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação de professores e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. *A ideologia do caráter Nacional da Educação em Minas: Revista do Ensino (1925-1929)*. Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. 2. ed. Porto Alegre, Magister: 1992.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Diário Oficial*, Brasília, 23 dez. 1996.

CAGNIN, Antonio Luiz. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.

CASPARD, Pierre, CASPARD, Penélope. Imprensa pedagógica e formação contínua dos professores primários (1815-1939). In: CATANI, Denice Bárbara e BASTOS, Maria Helena Camara (Org). 1997. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 33-45.

CANTARINO FILHO, Mário Ribeiro. A educação física nas propostas políticas da Nova República. *Revista Sprint Especial*, 1990; p. 12-16.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Editora Papirus, 1991.

CATANI, Denice Bárbara e BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). 1997. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1988.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, jan./abril. 1991 p.173-191.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: EUB, 1994.

CIRNE, Moacy. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achimé/Angra, 1982.

_____, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Luiz Antônio; GOES, Moacyr de. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DORFAN, Ariel. *Super-homem e seus amigos do peito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FAGEN, Richard R. *Política e comunicação*. Universidade de Stanford; Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FARIA FILHO, L. M. Os desafios da pesquisa em história: reflexões a partir de uma trajetória pessoal. In: RODRIGUES, M. A. (Org.) *Coletânea IV Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FEIJÓ, Mario. *Quadrinhos em ação: um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997.

FERNANDES, in GERMANO, José Willington. *Estado militar e educação no Brasil: 1864-1985*. Campinas, SP: Cortez, 1994.

FERREIRA NETO, Amarílio. *A pedagogia no exército e na escola*. Aracruz;; FACHA, 1999.

FRANÇA, Júlia Lessa et. al. *Manual para normatização de publicações técnico-científicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *Educação física progressista: a pedagogia critica social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1988.

GEBARA, Ademir... (et al). *Educação física & esportes: perspectiva para o século XXI*; Wagner Moreira (Org). Campinas, SP: Papyrus, 1992.

GERMANO, José Willington. *Estado militar e educação no Brasil: 1864-1985*. São Paulo: Cortez, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher da Revista Educação Physica*. 1999. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O método francês e militarização da educação física na escola brasileira. In: FERRREIRA NETO (Org.). *Pesquisa histórica na educação física brasileira*. Vitória: CEFD/UFES, 1996, p.123-143.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

_____. *Sociologia crítica do esporte; uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

LEMOS, Roberto Jenkins. *Corpo & mente*. O humano direito de suar com alegria. Brasília: Editora Thesaurus, 1985.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política de esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. 1996. Tese (Mestrado em Ciências Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *Gênese e consolidação da Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus: a questão das leis*. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

MEC. *Eu sou o DED*. Brasília, Levy, 1971.

MEC. *Plano de educação física e desportos – PED*. Brasília, Levy, 1971.

MELO, Andrade de. Reflexões sobre a história da educação física no Brasil: uma abordagem historiográfica. In: RODRIGUES, M. A. (Org.) *Coletânea IV Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MOLINA NETO, Vicente. *A prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFES, 1996.

MOYA, Álvaro de . *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1977.

NOVOA, Antônio. A imprensa de educação e de ensino. In: CATANI, Denice Bárbara e BASTOS, Maria Helena Camara (Org). 1997. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta M.C. de, Historiografia da educação e fontes. *Cadernos Anped*, Porto Alegre: ANPED, n. 5, set. 1993.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968- 1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PINTO, Joelcio & SILVEIRA, Guilherme. Educação física na perspectiva da Cultura Corporal: uma proposta pedagógica. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 22, n. 3, maio 2001.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação física escolar: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de, VAGO, Tarcísio Mauro. *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

SOUZA, José Mauricio. *O ensino dos fundamentos desportivos em quadrinhos*. Manuscrito, 1978.

SOUZA, Rita de Cássia. *Sujeitos da educação e práticas disciplinares: uma leitura das reformas educacionais mineiras a partir da Revista do Ensino (1925-1930)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. *Criatividade nas aulas de educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1985.

VAGO, Tarcisio Mauro. O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. *Revista Movimento*, Porto Alegre, n. 5, dez. 1996.

_____; Rumos da educação física escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser. In: II ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Niterói: UFF, 1997.

_____; *Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Anexo

Entrevista com Sr. Roberto J. de Lemos – Meaípe (ES), 15 de outubro de 2002
(versão corrigida)

— Senhor Roberto, como lhe falado por telefone, estou investigando a revista de *Histórias em Quadrinhos Dedinho* e a *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo*. Ambas estiveram sob sua coordenação no período de 1970 a 1974. Assim, com o objetivo de agregar maiores detalhes nessa investigação, gostaria de saber um pouco mais a respeito delas, tais como objetivos, inspiração, etc.

— Aquilo foi para acabar com a monocultura do futebol. Mas para que a garotada não entrasse em choque com a idéia, pegamos os personagens americanos e criamos o herói Nacional: Dedinho. Ele virou troféu dos Jogos Estudantis Brasileiros: Ouro, Prata e Bronze. E é a caricatura do meu filho, na época com sete anos. Com recursos da Loteria Esportiva, a primeira coisa que se fez foi o *Diagnóstico da Educação Física no Brasil*, em todos os Estados. Trabalho do Lamartine, professor da Escola Naval. Foi ele quem coordenou esse levantamento. Com base nesse trabalho, foi elaborado um *Plano de Educação Física e Desporto*, o PED. O primeiro trabalho, que fiz foi criar um livreto com o Plano e depois um outro explicativo de como era o DED, como se chegar ao DED para obter recursos. Nosso trabalho era aberto. Então, foi feito o planejamento da parte de comunicação (que é aquele livro que você já leu). No livro, que escrevi em 1985, imprimi o Plano e o resultado quantitativo de tudo que foi feito, inclusive registrando a criação do símbolo do DED, feito pelo Torrontegui. Essas cartilhas tiveram um milhão de exemplares cada. Depois do Mobral o DED era o segundo maior editor do Brasil. No DED, trabalhávamos em conjunto: a Campanha se unia aos JEBS, conduzidos pelo grande Ary Façanha de Sá, e aos cursos de reciclagem e aperfeiçoamento técnico, sob a orientação de George Massao Takarrashi, um nome respeitado internacionalmente e que foi “massacrado” no DED, principalmente por Manoel Gomes Tubino, que presidiu o Conselho Nacional de Desportos, que não teve a dignidade de assegurar a Takarrashi míseros seis meses em função “DAS”, impondo-lhe uma aposentadoria como reles funcionário público. Triste fim para um profissional dez mil vezes mais qualificado que Tubino, um desconhecido professor de Educação Física de uma escola do interior do RJ, que apareceu no cenário nacional graças à *Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo*, inclusive com apoio de Takarrashi. O mundo da Educação Física no Brasil é sórdido. Quando Takarrashi trazia um especialista internacional, a CNED divulgava esse trabalho e Ary “arrastava” o conferencista para os Estados. Sem dúvida, éramos “mafiosos” em prol do fortalecimento da nossa Educação Física. Usamos a revista do SERPHAU, que ia para todas as prefeituras: passávamos orientações sobre Educação Física no âmbito do município. Era um trabalhozinho de Chinês. Nós não perdíamos uma brecha. Qualquer chance era chance. Apareceu um jornalzinho dando sopa, a gente mandava brasa. Teve um jornal lá em Brasília onde ele publicava as cartilhinhas. Era um jornal para criança, então o leitor recortava em casa e fazia uma cartilha. DED, isso aí (mostrou o livro do SERPHAU), ia para os prefeitos. Veja os seguintes passos para a confecção de instalações esportivas. Então passava-se toda base teórica para os prefeitos fazerem. Dimensões, desenhos das quadras, de piscina. Tudo ia para as prefeituras. Muito

prefeito partiu daí fazendo. Esse trabalho foi realizado junto com o Ary. Ele dava a parte técnica, a equipe desenhava, e partíamos para a divulgação. Era uma coisa muito saudável. Inclusive se ensinava os prefeitos a fazerem piscinas: piscina de barro, piscina de areia, piscina para recreação e para saltos ornamentais.

— A formação do senhor é comunicação social ?

— Eu sou administrador, economista, jornalista, relações públicas. Passei minha vida estudando. Saí do Exército, tinha um medo danado a respeito do mercado de trabalho.

— Vocês achavam que os prefeitos não tinham a mínima noção de como construir piscinas, quadras, esportes, etc?

— Tinham nada. Até hoje a maioria dos municípios não tem professores de Educação Física. Imagina a 30 anos atrás. Era muito pior. Então, o professor de Educação Física era considerado o porco, o cara suado. O professor de alguma matéria estava dando aula e tinha um jogo lá fora, então esse professor falava: Pára com esse jogo que está atrapalhando minha aula. E o prof. de Educação Física tinha que parar mesmo. Aí nós conseguimos que a Educação Física fosse obrigatória e até hoje não se cumpre a lei ! Tem muitos colégios que não dão a mínima para a Educação Física. Com essa divulgação, por exemplo, nós explicamos as regras. O pessoal dizia que não podia praticar esse ou aquele esporte porque não tinham as regras, as regras oficiais. Como é que nós fizemos para levar as regras do pentaclo e decatlo? Tinham seis professores no Brasil que tinham as regras. Quando tinha uma competição, tinha que chamar um dos seis, porque eles não emprestavam e não davam. Nós fizemos ofício para todas as federações. A Inglaterra queria cobrar não sei quantas libras para cada exemplar do atletismo. Todo mundo queria cobrar. A Bloch editora ganhou a concorrência para imprimir as regras. Então, eu propus que traduzisse as regras editadas na Rússia. Foi assim que nós conseguimos editar esses livrinhos. Quer dizer, não era mole você trabalhar assim. Então, isso aí é pitoresco. Mas era assim que agente trabalhava. Por exemplo, minha sala não era no MEC. O DED funcionava fora do MEC, num prédio parcialmente alugado. No Centro de Brasília havia um conjunto comercial tipo shopping: o Venâncio 2000. Foram alugadas salas perto de um cinema, e eu acabei sobrando, porque a CNED precisava de muito espaço. Alugaram 4 salas para mim, numa galeria, perto de um bar de travestis. Minha mesa era colada com a da secretária. Ficávamos olhando a prancheta do Catarino (o *layout-man*) que ficava na parede. Maria Abadia, a Babá, que foi campeã universitária mundial de vôlei, em Moscou, era da equipe. Ela trepava em cima da mesa e ficava fazendo as poses para o Catarino desenhar. Era uma mesinha que não dava nem para ter um móvel direito. Mas era amor a arte! A coisa começava com uma reunião com os interessados. Não era uma concorrência ainda. Eu fazia um edital e publicava na imprensa. Convidava os interessados para uma reunião e convocava a imprensa. Aí, ia primeiro um rascunho do edital: produto, prazo, quantidade, não sei o quê, e todos os interessados davam palpite: “Não, aí não dá. Tem que ser assim ou assado”. Então, quando terminava a reunião estava feito o edital, que era consenso de todo mundo, e a imprensa divulgando. No prazo de entrega chamava-se a imprensa para ir lá receber. Depois era feita a distribuição. Às vezes, a própria gráfica distribuía. A Abril ganhou a maioria, a Manchete ganhou algumas, as Páginas Amarelas também. Era jogo pesado. Imagina imprimir um milhão de cartilhas e depois distribuir! Depois vieram as denúncias. Principalmente no Nordeste a maioria das Secretarias recebia o material e guardava. A solução era mandar técnicos para desentocar o material.

— Vocês foram ao Nordeste para distribuir o material?

— Sim . Em São Luís, do Maranhão tinha um governador sensacional. Só usava terno branco, e o Ary foi assinar um convênio para construir quadras no interior, e ele falou que estava com problema, porque o Maranhão não ia participar do JEBs: os pais não queriam deixar as meninas jogarem vôlei, handebol, porque entrava vento pelo calção, e aí perdiam a virgindade. Conteí a história e Babá disse: Vamos lá. Eu levo minha filha e meu filho, e fomos. A Babá era um belo tipo de mulher , conservada, malhada, sarada. Fomos para a TV lá. Fizemos uma palestra sobre vôlei e a Babá completou. Falou da parte saudável. Disse a respeito da saúde dela, apresentou os filhos. Levamos um médico de Brasília para dizer que o esporte era bom para a mulher porque fazia o músculo tal funcionar e facilitava o parto. Veja a que ponto agente chegava. Marcamos uma demonstração de vôlei. Dois times nossos, e a Babá lá, jogando. Se vê quanto custou para o Maranhão entrar na proposta do JEBs. Aí fizemos a demonstração. Levamos um shortinho com perninha bem fechadinha, depois pedimos que ficassem só as mães e as meninas, e saíram todos os homens. A Babá pôde falar mais aberto sobre virgindade. Que não entrava vento e que vento não tirava virgindade de ninguém. Quer dizer, agente ri hoje, mas na época você passava o maior sufoco para tirar leite de pedra. Deu para entender que não era fácil não. Nós estávamos mudando as coisas. Trouxemos o Cooper para o Brasil, trouxemos a mulher dele, a Mildred, lançamos o livro do Cooper. Aí, o Cooper foi àquela loucura toda. Quem descobriu o Cooper foi o Coutinho. Ele foi fazer um curso na França, e lá havia um quartel que era só de atletas, em Fontainebleau. O atleta não podia ser profissional. A solução adotada no Hemisfério Norte era torná-lo funcionário público, civil ou militar. Essa aqui do garoto com a frase “Calção Nele” nós tiramos cento e poucas fotos. É porque foto não é, pum, sai. Tinha uma campanha na rua da Coperçucar que era assim. Aparecia uma fruta e vinha a frase “açúcar nela”. Muitos meninos não praticavam esportes. Pegamos essa carona: “calção neles !”, “calção nele.” Isso me valeu um processo na justiça organizado pela Associação de Mães da cidade de Santos. Diziam que eu estava estigmatizando o garoto que não gostava de esporte, que esporte não era importante, que importante era educação. Por sorte, eu sempre tive muita sorte, quando esse processo deu entrada os astronautas americanos estavam em Brasília, inclusive Aldrin, o primeiro homem a pisar na lua. Entrevistei-o, e ele disse o que eu precisava: “Eu consegui levar o meu treinamento, a minha qualificação e o meu conhecimento técnico lá para cima porque o meu corpo é bom. Peguei a entrevista e a reproduzi 500 vezes. Enchi Santos com a mesma. Aí, veio gente em minha defesa. Raquel de Queiroz veio me defender. A imprensa às vezes publicava, às vezes não, e então produzimos um jornal próprio de divulgação. Esse jornal, Podium, era grátis para os professores de Ed. Física e eram distribuídos nas Escolas de Educação Física, nas Secretarias Estaduais de Educação para redistribuição. Aí vêm as peças da campanha. Iniciamos uma parte mais dinâmica, veio o *Esporte Para Todos*. Enfim, isso (mostrando uma revista) foi uma participação da iniciativa privada: o Pateta Olímpico. Não se perdia uma chance. Tínhamos que aproveitar tudo quanto era possível. Outra briga foi essa aqui (mostra um artigo de jornal). Nós queríamos handebol com h e uma turma queria andebol. No final ganhamos. Um jornal colorido! Era para deixar os “do contra” mortos de raiva. Assim se divulgava a Educação Física. Quando o *Podium* já estava instalado, nós passamos para preto e branco, para baratear e aumentar a tiragem. “Atenção Obra”, para divulgar as obras. Entendeu? Divulgávamos as obras esportivas.

A gente não podia perder a menor chance de divulgação. Quando saía repasse do MEC para os estados, pedíamos aos ministérios do interior. Que passava a notícia pelo telex cobrindo 150 jornais e emissoras de rádio do interior. Era um meio de comer o mingau pelas beiradas, evitando que os recursos fossem desviados para outras finalidades. Fizemos um acordo com as agências de notícias. Reservávamos umas notícias exclusivas sobre esporte para tais agências. Cada uma recebia duas notícias, coisa pequena. Em compensação, quando mandávamos matéria do DED, estourava em tudo quanto era canto. Nunca coloquei meu nome em qualquer peça gráfica que produzimos: era só CNED ou DED. Não queria aparecer. Mas hoje acho que profissionalmente foi ruim para mim. Mas esteticamente ficou muito bom e com esse volume de material impresso se eu botasse meu nome em tudo, eu teria sido hostilizado também. Porque quando você aparece aqui no Brasil, o brasileiro detesta que brasileiro tenha sucesso. Sucesso machuca o brasileiro. Ele não quer que o cara tenha sucesso, ele quer que o cara seja como ele. Na Europa e EUA o Pelé é dez vezes mais do que é aqui. Porque ele não se mete em confusão lá? Não tem tempo. O Pelé chega no estádio para o jogo, tribuna de honra. E ele não foi atleta lá. Mas nós temos bronca com o cara que é vitorioso. O Guga começou a cair, e a TV começou a malhar. Brasileiro não aceita o 2º lugar. O Rubinho é outro exemplo disso. É um complexo de inferioridade nosso. E o professor de Educação Física vai lidar com isso a vida toda. Ele próprio não se valoriza. Ele se deprecia. Ele não assume uma posição de vencedor. Ele é sempre o próprio coitado incompreendido. Você vê o seguinte: Rui Barbosa defendia a Educação Física calistênica, e ela foi apropriada pelo Exército. Depois da calistênica, vieram 500 métodos. Até que o Exército valorizou o Cooper. Mas sempre o Exército, acompanhado pela Marinha. A Aeronáutica não é muito de esportes não. Grave isso para tua vida. O teu preparo e a tua competência somados à oportunidade, os outros chamam de sorte. Você sabe fazer e na hora que apareceu o negócio você estava ali. Não adianta você ser um gênio de Educação Física aqui nessas praias e o troço estar acontecendo lá em SP ou no Rio. Então, você tem que ter a competência e, somado com isso, a oportunidade. Então, você tem que estar sempre pronto, porque se passar um cavalo arriado na porta da sua casa e você não montar, o vizinho monta. Então, todo mundo reclama de emprego. Tenho 66 anos. Não consigo andar até na esquina. Sou hipertenso. Mas você não vai me encontrar folgado. Tenho trabalho. A maioria do pessoal fica esperando que o troço caia no colo. Graças a Deus, não me falta trabalho. Minha aposentadoria é pequena, e com ela eu não consigo sustentar essa casa. São coisas da vida. E você tem que estar pronto para isso. E na área da Educação Física e do esporte é a mesma coisa. O professor de Educação Física não se conscientizou de que ele é o maior elo de ligação entre o pai e a Escola, através do filho. A capacidade que o professor de Educação Física tem é inata. Só que a maioria dos professores não querem levar essa profissão a sério; levam na brincadeira... Meu desapontamento é grande, porque em 70 nós fizemos uma coisa que depois foi devagarzinho sendo desestruturada. Não foi uma desestruturação na marra, foi aos poucos. Cheguei a entrar no DED, no Anexo, e ir até o fundo e não encontrar uma pessoa na sala, não encontrar um funcionário, quem quer que fosse. Quando, no meu tempo, o DED era uma cidade. Era pessoa de tudo quanto era canto do Brasil. Competição, você não passava em uma sala que não tivesse uma discussão. Foram matando o DED devagar. Essa Constituição de 88 acabou de acabar. Ela acabou com o Conselho Nacional Social, com o CND e foi acabando com o que pôde, e não colocou nada para ficar no lugar. E ninguém reclamou, ninguém fez passeata. Acabou, acabou.

E tem quem diga que essa é uma Constituição cidadã. É uma porcaria de Constituição. Troço horroroso! Ela já foi quase toda refeita. Até medida provisória derruba coisas dessa Constituição. Quer dizer, num País destes é duro você implantar coisa sobre Educação Física, porque não há ainda uma mentalidade de Cooper, por exemplo. Eu tenho um orgulho danado quando vejo uma praia ou uma praça com um punhado de gente caminhando por que aquilo é resultado da divulgação do Cooper. Foi um tijolinho a mais com que colaborei. Trabalhei que nem camelo, mas a coisa funcionou. A maior manifestação democrática do Brasil é a praia. Você vê preto, branco, empregada e patrão, político com ladrão. Isso é democracia. Porque aquela roupinha da atividade física é o símbolo da democracia. Você botou as pernas de fora você está dizendo: “Eu sou igual a todo mundo”. Então, a atividade física ajuda a educar. Acontece que as associações dos professores de Educação Física não fazem nada. Elas só fazem política. Nós trabalhamos, trabalhamos! Visitei centenas de centros de treinamento, vi muitas experiências para trazer coisas que pudessem ser aplicadas aqui e para quê? Gastou-se um dinheirão, e para quê? Maceió tinha um belo de um ginásio coberto, com piso de taco, uma coisa linda. Fizeram uma festa de São João com uma fogueira, que acabou com o piso. A decepção que a gente teve não é uma decepção; é a constatação de que você é importante para resolver o problema. Se você urbaniza uma favela, cria uma quadra, a maior frequência de pessoas vão ser as crianças. Até que o traficante proíba. A atividade física é inerente ao ser humano. Eu me apoio no tripé: educação motora, moral e formal. Aqui nós respeitamos essa seqüência? É aquilo que já falei. Mais 50 anos. O brasileiro briga para votar, mas na hora que tem, não quer. O brasileiro só valoriza o primeiro. Então, esse é o mingau cultural brasileiro. A parte mais dolorosa, que era a parte de mostrar, tive a habilidade de mostrar sem aparecer. Você não vai encontrar meu nome em coisa nenhuma. E o meu livro quem pagou? Fui eu. Ninguém quis editar. Eles falavam: “Isso já acabou. Ninguém vai comprar isso. Deixa pra lá”. Mas nós fizemos. Ou seja, o que vocês não fizeram é nada. Mas fiz questão de colocar o nome do grupo e detalhei o máximo possível. Duvido que você encontre esse livro em algum lugar. Ninguém valoriza. Mas as críticas não faltarão.

— Tinha alguém contra a revista?

— Tinha.

— Quem ?

— Filho feio não tem pai. Quando fica bonito, todo mundo que ser o pai. Eu fui chamado para explicar a Campanha. A idéia da revista foi do coronel Octávio Teixeira. A cartilha e a elaboração da estrutura foram minhas. A criação do Dedinho também foi minha. A execução da Abril, que ganhou a concorrência.

— Por que o publico infantil?

— Porque é difícil você mudar o comportamento de uma pessoa de 30 anos. O cara de 30 anos que não praticou esporte, não vai praticar mais, não vai, a não ser que você pague a ele. Já o jovem está propenso à atividade física, então é fácil você fazer que ele melhore o desempenho com que ele se interesse. O jovem acaba levando a sua família a uma participação passiva, então daqui a pouco pode levar um adulto a vontade de praticar. Quem foi contra?! No início ninguém foi, pois era difícil assumir. Na hora que começou a dar resultado, apareceu muita gente, porque tinha dinheiro envolvido, e é bom trabalhar com dinheiro. O sucesso eram as crianças escrevendo para nós. Nos estados foram criados os Jogos Estudantis. Não foi só por causa da cartilha, foi o conjunto de impressos. Então isso começou a mexer com alguém. Rapaz, aqui no ES, semana passada, saiu uma notícia, não me lembro o município, mas eles estão fazendo

os Jogos Estudantis Municipais. Não entrou nessa do desporto escolar; continua o velho padrão nosso. Está na vigésima edição. Eles mantiveram o programa. No interior de SP isso é comum, competições entre cidades e municípios vizinhos. À medida que você vai para o Sul, você encontra uma participação maior. No Paraná, naquele Parque do Birigui, aquilo é fantástico. Tem sempre uma atividade física rolando por lá. É competição e quando não tem um evento oficial tem o não-formal. O pessoal que foi contra foram os dirigentes esportivos. Os donos das regras foram contra. Houve uma parte da imprensa que disse que o governo estava usando a Educação Física como ópio do povo para disfarçar as arbitrariedades do governo militar. Para nós, não estávamos nem aí para as arbitrariedades, nós não. Agente queria fazer o troço acontecer. Acontecer através de quê? Não do quartel. Foi através das Secretarias de Educação. Então, a Secretaria falava a respeito dos Jogos, e ninguém dava palpite. Nós bancávamos tudo com o dinheiro da Loteria Esportiva. Não tinha a menor influência de quem quer que fosse. A decisão era discutida entre o Ary e o coronel Octávio Teixeira. Decidido, nós entrávamos e não dávamos nem palpite, entendeu. Nós tínhamos uma modalidade chamada Folclore. Cada estado era obrigado a levar sua equipe para fazer uma apresentação do seu folclore, e todo mundo era premiado. Não tinha primeiro, nem segundo lugar. Apresentou era 1º lugar, porque não se pode premiar cultura. É cultura do povo? Então o RS não vai ser melhor do que Manaus. São iguais, porque são dos seus respectivos habitantes. Tinha-se essa sensibilidade, coisa do Ary, do grande Ary Façanha de Sá. Estabelecemos nos Jogos o Tribunal de Justiça. Mandávamos muito professor de volta para casa, porque tinha comportamento antiesportivo. Volta e meia nós reuníamos às dez horas da noite, e às 6 horas da manhã já tínhamos comprado a passagem para o punido ir embora. Não tinha apelação, não. Era autoritário? Era. Quando tínhamos dúvidas, nós chamávamos o acusado para contar sua versão. Mas todo mundo viu o cara agredir o juiz, falar palavrão, tirar time de campo. Isso eram péssimos exemplos para os jovens. Não chamávamos de tribunal de justiça, chamávamos de Comitê Esportivo.

— A revista tem uma passagem com a música do Chico Buarque de Holanda e ele foi exilado nessa época. Como foi isso?

— Para nós não tinha nada disso, você entendeu. Os militares não mexiam com a gente. Pelo contrário, davam a maior cobertura. Na época da SEED fui lá e cedi os direitos autorais. Escrevi uma carta cedendo, mas haviam pessoas querendo mais. Levantaram a idéia, apareceu o pessoal do dinheiro e, pronto, acabou.

— A idéia de um negro intelectual como personagem das cartilhas foi de quem?

— Foi do DED. E foi por causa do racismo, preconceito social que nós brasileiros temos em relação ao negro. Gilberto Gil é branco, Milton Nascimento é branco. Negro correndo da polícia é ladrão. E branco? Então, nós colocamos esse personagem para valorizar o negro. O racismo marca.

— De quem foi a idéia de transformar brincadeiras em esporte? Qual foi a inspiração?

— Foi intencional. Isso foi o seguinte: estive na Alemanha, na Escola de Educação Física. Tinha muito brasileiro lá, e eles tinham um filme, que eu tentei pedir cópia. Não consegui. Depois tentei roubar, não houve jeito. O filme mostrava um guri no quintal de casa balançando numa corda. Aí congelava e mostrava a musculatura que estava sendo desenvolvida ali, naquela brincadeira, e acoplava em cima um garoto no salto com vara. O movimento inicial e o mesmo depois. Mostrava que ele tinha que mover as pernas. Era a mesma coisa do balanço. Até um dos filmes que eu fiz, e de bolas. Os caras tão jogando futebol, aquela bola vira vôlei, depois vira basquete e vai

emendando. Esse filme foi difícil para sair e fazer a superposição exata das bolas. Era uma seqüência daquele pôster: “use as bolinhas”, ou melhor, é aquilo em movimento. Tem um outro com um cachorro e com um velho. Esse filmamos lá em Ipanema. Chovia muito, e nós fomos numa Kombi com todo mundo dentro, inclusive o cachorro. Imagina?! Foi uma festa fazer aqueles meninos entenderem que eles eram profissionais naquela hora. Esse moreninho aí é meu filho (apontou para um garoto de um outro filme). Isso foi lá na UnB. O Cantarino está por aí. Eu era o diretor e a Babá era a executiva. Trabalhávamos coordenados. Mas era uma alegria. Esse cachorro me deu um trabalho tremendo. Diziam que essa frase (no filme Cid Moreira termina com a seguinte frase: “No esporte como na vida cada coisa no seu lugar. Ordem para o Progresso”) era autoritarismo, era coisa de governo. Era uma coisa em cada lugar. O cara tem que fazer ginástica no ginásio, e não na rua. Estou emocionado. Como consigo uma cópia dessa fita. Esse filminho de 5 minutos leva 3 horas para ser filmado. O governo tinha direito a uma série de inserções na TV, e até hoje tem. Mas antigamente o Governo tinha 6 interseções por dia, porque a TV era uma concessão. O Governo é que concedia o canal. Então, nessas inserções programávamos os filminhos, e a Presidência da República aprovava. Então passava o filminho numa semana, ficava duas sem ter. Depois outro filminho em rede nacional. Fizemos 140 cópias.

— Como o Sr. lidou com as críticas?

— Quando eu fui para lá, ninguém queria ir. Todos os que foram convidados tinham medo de mexer com isso, por causa de pobreza do povo, e nós iríamos gastar recursos com esporte. Mas fui, fiz, e deu certo. Tentaram repetir, e não conseguiram. Inclusive, eu fui lá no DED, e o Osni do Paraná tentou explicar como pretendia fazer, e nunca fez nada. Ou seja, não me respeitaram profissionalmente. Eram eles e a barriga deles. Aí ele saiu e colocaram outro diretor no lugar, que era coronel também. Foi o cara que introduziu no Brasil uma competição chamado “Cavalo Completo”. Coisa de cavalariano. Ele também me procurou através do Ary. Viajamos para o Nordeste, ele deu umas palestras, conversei com ele. Foi até bacana, porque revi um punhado de pessoas do meu tempo. Mas não saiu nada. Depois eu fiquei sabendo que a SEED estava querendo refazer as cartilhas. Aí, fui lá. Fui o autor das cartilhas, e eles não a refizeram. Aí se fica perguntando: tenho plena consciência de que eu fiz o melhor que podia. Fui atleta, fui dirigente esportivo. Tínhamos um plano de fazer na UnB um Centro Olímpico com aclimação para altitude e temperatura. Então você poderia treinar como se estivesse treinando na Bolívia, a não sei quantos metros de altitude. O Maurício L. Rocha do laboratório de Fisiologia do Esforço fez o projeto e eu levei para o Delfim Neto. E ele bateu o martelo e disse, que era disso que o Brasil precisava. E aí nós vamos ser campeões lá fora também. Só que não saiu, porque os dirigentes esportivos nacionais foram até o Delfim e fizeram uma manobra, dizendo que se isso fosse feito eles seriam contra o governo. E não saiu. Você tirava da mão deles tudo. Uma vila olímpica fantástica. Minha ex-mulher é que cuidou da parte do transporte dos Jogos Estudantis em Maceió. E eu trabalhava deitado porque não conseguia ficar sentado, não agüentava de dor nas costas. Fui para o Rio, cadeira de rodas, com elegância, e lá caí na mão de um fisioterapeuta que me botou andando todo torto. E andando assim, lá fui eu para a Alemanha. Depois, fui saber que o Brasil já sabia que ia ter atentado em Munique. E o brigadeiro Jerônimo de Bastos armou aquilo tudo para viajarmos juntos com os judeus. Então, mil complicações. Aí você vê como o esporte é usado nessa parte. Desembarcamos, brasileiros e judeus em uma sala. Todo mundo nu, mulheres separadas. Tinha um halterofilista forte, um metro e oitenta. Quando o bicho

ficou nu, tinha granada debaixo do braço. O cara estava todo armado. Eles sabiam que ia ter o atentado. Acho que deu para você entender o que esse grupo queria fazer: revidar o próprio ataque. Da nossa parte, não tinha nada de política, não tinha porcaria nenhuma disso. Tínhamos uma preocupação política sim, que era inserir o Brasil na competição de alto-nível, uma fixação nossa, porque todos nós fomos atletas e nós sabíamos que tínhamos muita gente boa. Era um ideal também acabar com a monocultura do futebol. Pelo menos nós tínhamos um propósito: ajudar o esporte. Nós marcamos um momento. Não é vaidade, não, é consciência. Nós marcamos um tempo para a atividade física nacional. Mas não era interessante para uns desconhecidos que entraram naquele troço que desse certo. Mas deu certo. “Então não são malucos; são competentes”. Então acaba assim. Não é por aí que agente constrói nada. Nós aproveitamos muita coisa da DEF. A DEF foi acusada muito tempo de só construir parquinhos. O MEC tinha um convênio com essas fábricas, e o troço saía por um preço de 20%. O que se podia fazer? Comprar. Não tinha dinheiro para fazer piscina. Não se fazia parquinho de molecagem, não. É porque não se podia fazer outra coisa, mas se deu apoio para o *Diagnóstico*, porque sabia que o DEF podia e devia fazer mais.

— Por que um milhão de cópias? E como foi a distribuição?

— Pegamos o universo escolar e calculamos uma cartilha atendendo a 4 ou 5 alunos. Considerando que em algumas cidades ela jamais chegaria, por uma questão de distribuição. Fizemos uma proporção de um para cinco, dividimos pela população escolar, e cada estado tinha uma quota em função desse cálculo de distribuição. Isso foi feito com a cartilha. Cada peça tinha um cálculo de tiragem. Com as regras não adiantava você mandá-las para o interior. As regras ficavam nas Secretarias. E era proporcional ao número de praticantes daquelas modalidades. E nós nos baseamos no *Diagnóstico*. No edital de licitação já tinha a quota de distribuição. Se alguém estava interessado, era só ler o edital. E quem distribuía era a empresa que ganhasse a concorrência. Já tinha o preço do correio no edital.

— Alguém tentou vender as revistas? Como vocês ficaram sabendo?

— Muitos tentaram ganhar dinheiro com as cartilhas, e ficamos sabendo através de denúncias anônimas. Eles ligavam e falavam: “Tem um professor de Educação Física aqui vendendo cartilha”. A denúncia chegava na mais pura inocência. Sempre estávamos circulando pelos estados e descobrimos que tinha professor que vendia 100 cartilhas por escola. Então, botamos uma tarja. Isso tudo tem uma explicação simples. Você vê que nas cartilhas nós botamos meninas para praticar esporte. A turma toda pratica, ativos e passivos. Pra mostrar que esporte não tem sexo. Essa parte de propaganda estudei bem, principalmente a subliminar: uma propaganda que você não vê. Ela está embutida ali e vai impressionar cérebros, que vão gerar um comportamento. Então, você viu, gravou. Amanhã você não vai estranhar uma mulher fazendo surfe. Por quê? Porque a televisão mostra e aquilo vai sedimentando. Uma mulher praticar boxe você não vê. Isso não é coisa de mulher.

— Por que misturar desenho infantil com uma fotografia na contracapa?

— Isso aí reaviva o pôster que era distribuído para as Secretarias e para as escolas, e aí fazia um gancho. Era um reforço. O menino via na revista e lembrava do pôster afixado em algum lugar da escola. Era para dizer que aquilo era parte de uma Campanha. Então usávamos tudo para cruzar um com o outro. Isso foi Goebels quem disse: “A mentira dita várias vezes passa a ser verdade”.